Luiz de Souza

A Felicidade Existe

Edição Internet

Índice

Preâmbulo 3
1. No Caminho da Espiritualidade 6
2. O Centro Redentor 11
3. O Capital Humano 15
4. O Cristianismo 19
5. O Materialismo 22
6. Contrastes Aparentes 27
7. Os Complexos 31
8. A Ignorância 36
9. O Sofrimento 39
10. O Desperdício 43
11. O Fanatismo 46
12. Os vícios 50
13. As Ilusões 54
14. A Leviandade 57
15. A Injustiça 61
16. A Ingratidão 65
17. A Vida Terrena 69
18. A Higiene Mental 81
19. A Salvação 84
20. A Regeneração 87
21. A Consciência 91
22. A Compreensão 95
23. A Razão 99
24. A Constância 103
25. O Raciocínio 107
26. A Disciplina 111
27. A Felicidade 114
28. A Economia 120
29. O Lar 124
30. As Obrigações Domésticas 128
31. O Homem 134
32. As Mães 140
33. Os Filhos 145
34. As Irradiações 153
Conclusão 158

Preâmbulo

A evolução normal da humanidade está na dependência de poder-se ela firmar em princípios espiritualistas para, por meio deles, resolver os seus problemas fundamentais. A crise maior que se observa é de falta de caráter, de decência moral, de honorabilidade, e onde estiverem predominando essas características, o coeficiente espiritual é nulo em grande número de indivíduos. Pessoas de responsabilidade estão mancomunadas com aproveitadores e desonestos, que põem em prática as manobras mais condenáveis, para fins ilícitos, corruptos, com os quais visam um único objetivo: o aumento da riqueza material, o mais depressa possível.

Religiões dominantes acolhem toda classe de locupletadores que contribuem, monetariamente, para elas, através de pagamentos de atos litúrgicos encomendados. O essencial é que o dinheiro corra para os seus cofres, pouco importando de onde venha, como foi ganho, se procede das mãos de ladrões ou das de gente limpa. Essa complacência criminosa eqüivale, quase, a uma conivência. Sem a repulsa da igreja, que casa, batiza e encomenda os traficantes e flibusteiros, porque pagam bem o serviço, nada se pode esperar da religião, no sentido de conter a imoralidade.

Vê-se assim o Racionalismo Cristão na contingência de apresentar o cenário real da vida terrena para, ao focalizar a gravidade dos erros que conscientemente se cometem, chamar a atenção para os resultados desses erros e alertar a humanidade para os riscos que corre, os débitos que adquire, o triste futuro que arquiteta, enquanto não mudar de rumo.

É indispensável que o indivíduo ajuste a sua linha de conduta às normas espiritualistas para não perder encarnações preciosas, invalidando esforços mal orientados, e traindo propósitos firmados no plano astral, antes de encarnar.

Em grande erro incide a criatura que ao integrar-se no mundo físico pensa ser esta a verdadeira vida, e que precisa apoderar-se de todas as vantagens materiais que a Terra lhe possa oferecer, sem considerar os prejuízos que venha a causar ao seu semelhante, ficando imbuída da falsa idéia de que o mundo pertence aos ladinos, aos espertos, aos aventureiros, aos que melhor souberem ludibriar, enganar e iludir.

Contra essa concepção irreal e ilógica se contrapõe a Doutrina Racionalista Cristã, ao demonstrar, com argumentos, com base, com

segurança, a verdade dos fatos, abrindo novos horizontes aos olhos daqueles que sinceramente desejarem alcançar uma vida de maior felicidade e paz, no curso desta e de outras existências.

Todo esclarecimento prestado nas obras Racionalistas Cristãs visa, expressamente, oferecer meios capazes de promover a evolução de cada criatura, para com isso melhorar as condições de vida na Terra e preparar um futuro mais rico em bens materiais, morais e, sobretudo, espirituais.

O indivíduo que se atira cegamente à conquista dos bens terrenos, dá a impressão de um náufrago, em desespero de causa, ao agarrar-se, angustiosamente, a qualquer objeto que encontre, na esperança de salvar-se.

Toda ânsia de enriquecimento que se observa, sem lastro espirituais, transforma-se numa força negativa, que cada vez mais atrai o sequioso para o pântano da desonestidade. A busca da riqueza que se torna, por vezes, um fanatismo, uma obsessão, uma vez conquistada, perde o próprio ser, no luxo, na ociosidade, na extravagância, na ostentação, no sensualismo.

Para não enveredar por essas sinuosidades enganosas da vida, só há um meio, uma medida salvadora: é procurar o indivíduo esclarecer-se, conhecer a verdade sobre as leis eternas, pôr em prática, diariamente, os conhecimentos espiritualistas recebidos. O objetivo desta obra, com os recursos dos princípios Racionalistas Cristãos, é conduzir a humanidade pelo caminho da espiritualidade.

Urge tomar em consideração que a vida, por ser eterna, não se pode limitar, de maneira alguma, ao restrito tempo de uma encarnação. O essencial é quebrar essa visão curta de querer enquadrar, nesse minúsculo panorama de uma só existência toda a razão da vida, e pugnar por resolver os problemas que a ela dizem respeito.

Evidentemente, todos os problemas da vida terrena devem ser solucionados espiritualmente, levando em conta não só o presente, como o futuro, e de tal modo que, em lugar de uma existência amena, suave, prazenteira, como pode ser preparada, não se tenha de passar por uma vida penosa e cheia de amarguras, enredada de sofrimento e desgraças.

O dinheiro ganho, desonestamente, com o prejuízo de terceiros, não pode trazer felicidade. Pelo contrário, traz aquilo de que o ser procura livrar-se: a angústia, a inquietação, o descontentamento, a irritabilidade, além de muitos outros tormentos entrelaçados. A cegueira moral, no entanto, que se apodera dos indivíduos assim perturbados, não os deixa ver

o seu verdadeiro estado, razão por que dificilmente se podem desembaraçar das malhas envolventes.

Os esclarecimentos que este livro procura apresentar não podem servir para as pessoas obsedadas que têm sempre idéias fixas, mas para aqueles que dão o devido valor às coisas do espírito, que sabem raciocinar com imparcialidade e são compreensivas e atentas à verdade.

Esta é uma tentativa de focalizar diretrizes fundamentais da vida terrena, para que sejam meditadas, desdobradas e aplicadas no correr dos dias, e espera-se que se tornem úteis a todos, que inspirem ótimas atitudes, que produzam excelentes resultados na consumação de atos relevantes e altruístas, e ajudando os leitores a preparar um futuro sempre melhor, em clima de saúde e simpatia, de amizade e confraternização, de entendimento, fartura, paz e prosperidade. Estes objetivos podem ser alcançados no caminho da espiritualidade, e não faltará apoio astral das correntes do bem para fortalecimento de todas as boas intenções.

É preciso remodelar os hábitos comuns da grande maioria dos seres encarnados, e, nos capítulos que se seguem, encontrarão eles suficiente cabedal para reforçar a firmeza de propósitos nesse bom sentido.

Não há dúvida de que são muitos os que almejam encontrar, na trajetória terrena, um sistema moralista de elevada expressão que induza os seres a compartilhar da grande obra renovadora que envolverá o mundo.

O Racionalismo Cristão está colocado na vanguarda desse movimento, e as obras que difunde atestam essa veracidade. Se a disciplina espiritualista que esta Doutrina ministra aos estudiosos dos seus ensinos for adotada por quantos se achem amadurecidos para recebê-la, grandes transformações moralizadoras irão surpreender os sectaristas, tão ilusoriamente confinados nos limites da conceituação terrena.

As sombras vão sendo dissipadas à custa de muito se escrever e falar acerca da vida espiritual, num esforço sincero e leal de melhorar as condições do mundo. É recomendável que todos colaborem nesse sentido, aprendendo as lições esclarecedoras para poderem pô-las em prática e transmitir a outros os seus conhecimentos. Não há tempo a perder. Muitos espíritos que do alto assistem aos encarnados, aguardam que estes se resolvam a acordar e a colocar os seus méritos em favor da causa comum, para a felicidade própria e dos demais. Porque A FELICIDADE EXISTE quando as criaturas humanas a souberem construir.

OS EDITORES

1. No Caminho da Espiritualidade

A verdadeira vida é espiritual, porque todos somos espíritos, inclusive a Força Criadora. A vida material é passageira, e serve, apenas, para ajudar a promover a evolução do espírito, até um certo grau; daí por diante, ele não precisa mais da matéria para prosseguir na sua rota ascendente.

Para que o desenvolvimento espiritual se processe, normalmente, é indispensável que se siga por uma linha condizente, se trace uma norma de vida pautada por princípios cristãos, e se delibere, proceder corretamente ou, melhor, de acordo com aquele plano previamente elaborado nas regiões dos mundos de luz.

Andar pelo caminho da espiritualidade é, pois, obedecer às leis naturais estabelecidas para a evolução do espírito, é pôr em prática, em cada instante, aqueles atos que se impõem pela sua natureza purificante, moralizadora e construtiva.

Todo ser humano normal, tem consciência do bem e do mal, do justo e do injusto, do que é correto e do incorreto. Há uma linha de separação entre os dois procedimentos, o da esquerda e o da direita, e ninguém vem ao mundo para operar o seu progresso espiritual, que não saiba distinguir, com os recursos próprios, a diferença destoante entre um e o outro caminho.

No reino animal inferior essa consciência não está devidamente despertada, mas no reino animal superior ou hominal, ela está presente, desde a primeira encarnação. A partícula da Inteligência Universal então se emancipa e assume a responsabilidade do governo próprio, ou seja a faculdade do uso do livre arbítrio, da qual não poderia fazer emprego acertado, se não tivesse a consciência adequada e suficientemente despertada.

Se assim não fosse, poder-se-ia admitir uma falha ou lacuna no planejamento da administração Astral Superior, o que seria um absurdo. Em verdade essa consciência está convenientemente alertada, para não descambar para o caminho oposto da esquerda, se o da direita for aqui considerado o caminho da espiritualidade.

Os que se degeneram degradam, arruínam, agem conscientemente, ou partem de um estado inicial consciente para depois se tornarem inconscientes, debaixo da influência deletéria de vícios, gozos materiais anestesiantes e fluidos perturbadores do astral inferior.

Em decorrência de um melhor uso do livre arbítrio, uns fazem a evolução espiritual muito mais rapidamente do que outros, por onde se vê que há caminhos mais curtos para atingir-se a meta, sendo esses os que mais se aproximam do rumo ideal, que é o caminho da espiritualidade.

Quanto mais espiritualizados forem os princípios norteantes da vida, tanto mais depressa serão alcançados os objetivos por todos aspirados, que se resumem na felicidade permanente, que só existe nos planos superiores.

Procurando estabelecer um caminho, uma rota que conduza ao pleno estado de evolução, forçoso se torna que cada um se disponha a enquadrar a sua conduta nos postulados cristãos.

O Racionalismo Cristão, no seu código de princípios, coordenou as linhas mestras dessa conduta, de maneira simples e acessível, para que sejam adotadas por todos aqueles que realmente desejam viver vida nova, e candidatar-se a ingressar em um outro plano mais elevado de evolução.

Os que aceitarem a idéia, devem seguir quanto antes pelo caminho da espiritualidade, esperando o autor que estas normas e sugestões possam ajudá-los a vencer as dificuldades porventura interpostas. Estes escritos nada poderão, entretanto, fazer se a criatura não se investir do firme propósito de abandonar os rançosos preconceitos da crença materialista. As recentes descobertas científicas estão dando ao século XX o nome de século da luz.

A Força Criadora mantém o Universo constituído na base da sua Ciência. As descobertas científicas que se fazem são o resultado da captação de vibrações do campo cósmico, feita por estudiosos que, com esforço, conquistaram essa faculdade receptora. A Força Criadora é Espírito Puro, na refinada acepção do vocábulo, e com ele está a vida espiritual absoluta. Pode-se concluir, deste modo, que a espiritualidade é a Vida Suprema, e os que enveredam pelo seu caminho hão de ser os que mais cedo alcançarão aquela plenitude.

Ninguém se deixará de encontrar, mais dia menos dia, mais século menos século, nesse caminho, porque a evolução é obrigatória, mesmo quando não seja espontânea. Uma vez que evoluir é melhorar, progredir, enriquecer espiritualmente, deve o indivíduo tomar o mais depressa possível o caminho da espiritualidade.

Este mundo, com os seus encantos naturais, poderia ser uma espécie de paraíso, se a humanidade se tivesse espiritualizado. As Forças Armadas, que consomem tão grande parte dos recursos de uma Nação, são mantidas, para ataque e defesa, por falta de espiritualidade, e todos aqueles valores

humanos que se acham nas suas fileiras, mobilizados para atacar e defender em lides belicosas, preventivamente ou não, são subtraídos da vida civil, onde prestariam incalculáveis serviços no magistério, na administração, no desenvolvimento agrícola, industrial, científico e espiritual.

O fato de conceber-se a guerra como uma solução humana para dirimir divergências, representa um atestado vivo de mentalidade materialista e primária. Nenhum indivíduo possuído da convicção de que a marcha da vida deve ser processada pelo caminho da espiritualidade, admite, por um só instante, o massacre, a luta fratricida e a devastação dos lares como prática animalesca de atingir uma finalidade.

A necessidade de manter Forças Armadas, para exterminar o ser humano, destruir, arrasar, esfacelar a sociedade, levando o povo à miséria e à desgraça, só é concebível pelo reconhecimento do estado sumamente precário das coletividades, de onde saem os responsáveis por tais calamidades.

Se o cristianismo fosse adotado na sua forma verdadeira, as nações se uniriam num só bloco, para proclamar a desumanidade das guerras e a sua condenação pelos princípios humanos e espirituais. As nações que permanecessem armadas, deveriam ser consideradas mal intencionadas e agressoras em potencial, sujeitas a sanções, e submetidas a severas restrições. A força manejada em favor de uma paz apoiada por correntes espiritualistas, é invencível.

Forçoso é reconhecer que as próprias nações denominadas cristãs não se sentem animadas a tomar uma tal iniciativa, por não estarem profundamente imbuídas daquele sentimento puramente cristão, dos que palmilham pelo caminho da espiritualidade.

A unidade espiritual só se tornará uma força efetiva, se for real a sua concepção; não o sendo, como se verifica pelos fatos revelados por um mundo belicoso, egoísta, ganancioso, caracterizado por grande falta de honestidade e de fraternidade, os resultados serão as deploráveis desunião, desconfiança e prevenção que se manifestam por toda parte.

Pode-se afirmar, com toda a segurança, que no caminho da espiritualidade encontrarão todos os meios adequados para promover a evolução espiritual, com o que desaparecerá o instinto das guerras e revoluções, porque predominará o senso elevado da comunhão espiritual. A agressividade não terá então mais sentido, porque falará no indivíduo a idéia espiritual de confraternização.

Andar pelo caminho da espiritualidade é ganhar precioso tempo; é anteceder a chegada de dias bonançosos e bem-aventurados, que a todos encantarão. Vejam, os que gostam de meditar, se estão de acordo em levar a vida como aconselham os temas desta obra. Vale a pena fazer um esforço para isso. Todos estes preceitos que aqui estão foram colecionados para uso do ser humano, nas suas lides cotidianas.

Agir mal ou agir bem dá equivalente gasto de energias e consome, por bem dizer, o mesmo tempo. Nenhuma justificativa se apresenta favorável à prática do mal; ao contrário, só há desvantagens a enumerar. Diz a sabedoria popular que se o velhaco soubesse o quanto perde em ser velhaco, até por velhacaria deixaria de o ser.

Isto é o reflexo de uma verdade que se ajusta a todos os casos em que imperam o erro e a maldade. Pela lei do retorno, ou de causa e efeito, os males praticados voltam para o seu autor, grandemente majorados. Fujam, pois, dessa vereda enganosa e traiçoeira, onde todos os que por ela seguem saem depois surrados, maltratados e moralmente abatidos.

Estão abrigados desse risco de mal se encaminharem pela vida os que aceitarem, de bom grado, estas sugestões, pondo-as em prática em cada dia, com entendimento.

Pode parecer difícil, à primeira vista, abandonar hábitos reprováveis e arraigados, de uma só vez, mas se esse abandono for feito parceladamente, e aos poucos, tudo se resolverá satisfatoriamente. É indispensável, porém, que se comece a fazer alguma coisa nesse sentido, tomando-se a iniciativa de terminar com tudo que prejudique, ofenda e atrase.

No caminho da espiritualidade, há com que empregar bem o tempo; quem tiver as horas tomadas com ocupações e pensamentos úteis, estará, automaticamente, fechado aos assaltos perigosos dos maus elementos.

Todos têm de meditar, constantemente, nos assuntos que digam respeito ao modo correto de agir. O que se procura, com as exposições deste livro, é trazer à tona, para melhor apreciação, problemas da vida, comuns à maioria, com o fim de fazer incidir sobre eles a atenção. Por este meio, mais fácil é reconhecer as falhas ocultas nas dobras do convencionalismo, para combatê-las energicamente.

O que muito se deseja no Racionalismo Cristão é facilitar a compreensão dos deveres espirituais, para que se possa chegar a estabelecer na Terra um clima mais favorável à vida, em que todos, pela

abolição de uma soma considerável de sofrimentos desnecessários, se sintam felizes.

Isto é perfeitamente possível, por estar ao alcance de todos, dependendo, apenas, de uma decisão, quando não forem muitos os fatores negativos que pesem sobre as criaturas. Estas também não estão impedidas de dar um passo à frente, a fim de se prepararem para melhores dias.

O mais doloroso é saber-se que há numerosos indivíduos suficientemente desenvolvidos para galgar posições elevadas no plano espiritual e que, por negligência, se entregam a procedimentos condenáveis. Entretanto, se tomassem o caminho da espiritualidade, encontrariam e estariam valorizando os seus dotes morais.

Há coisas simples de serem compreendidas e sentidas, mas para muitos é preciso que alguém as aponte, as focalize, as vivifique, a fim de que os seus traços fiquem melhor definidos. Assim se dá com os assuntos aqui tratados, que se revelam simples e acessíveis à compreensão comum e recebem, nesta apresentação, para os que precisam, o colorido da afirmação cristã, nos painéis da espiritualidade.

2. O Centro Redentor

O Centro Redentor é a Casa do Racionalismo Cristão. Assim como no ser humano o espírito tem o seu corpo físico, esta Doutrina também o tem, e este é a sua sede material. uma Casa apropriada à divulgação dos seus ensinos.

A palavra "Redentor" dá sentido de libertação, pois, na realidade, é a Verdade que faz os homens livres, espiritualmente, e ali expõe-se a Verdade.

No Centro Redentor estão centralizadas as atividades espiritualistas cristãs, de onde se irradiam, à distância, sob a orientação do Astral Superior.

A sede central, na cidade do Rio de Janeiro, projeta a sua influência sobre todos os países, tocando às Casas Filiadas, não só cuidar da sua área regional, como participar, astralmente, do movimento geral.

Para os Espíritos do Astral Superior, distâncias não constituem obstáculos, pois de um ponto do planeta, podem por clarividência, observar o que se passa em qualquer outro lugar do globo, e transportarem-se para lá em um instante, se as circunstâncias assim o exigirem.

A velocidade da luz é da ordem de trezentos mil quilômetros por segundo, o que permite a uma partícula de luz dar cerca de oito voltas em redor do mundo, em um segundo. Se uma partícula de luz pode dispor dessa velocidade, evidentemente um Espírito de Luz do Astral Superior nada fará de menos.

Isto serve para demonstrar que os Centros "Redentor", disseminados pelo Brasil e instalados também no estrangeiro, podem estar situados a qualquer distância um do outro que, tal fato, para o Astral Superior, não tem a menor importância, não havendo impedimento para que um Espírito de Luz compareça num e noutro, quase ao mesmo tempo.

O Centro Redentor é, assim, o edifício em que estão centralizadas as atividades libertadoras do espírito, quanto aos meios de despojar-se o ser humano das credulidades avassaladoras que atrofiam os valores espirituais e impedem de ver-se a Verdade com os olhos da alma.

Os que ali ingressam, encontram ambiente acolhedor, de paz e tranqüilidade. Durante os trabalhos, operam os Espíritos dirigentes do Racionalismo Cristão, em prol da evolução do mundo; ali trabalham para a normalização do estado psíquico de almas angustiadas, torturadas pelo

sofrimento da vida; ali agem em favor da higienização do ambiente terráqueo, em que pululam milhares de milhões de espíritos infelizes.

O trabalho é conduzido de modo a distribuir benefícios, a melhorar as condições físicas, morais e espirituais; é uma Casa que faz as vezes de laboratório psíquico, de educandário e de templo. O Centro Redentor é, por isso, uma Casa de grande respeito, de sentido altruístico e de incentivo à prática da confraternização.

Pelo fato de ser "Centro" não há que se confundir com centro espírita religioso e desordenado, que é coisa diferente. É Centro, porque centraliza, porque é lugar de convergência de atividades específicas que promovem a cultura espiritual, assim como, simplesmente, há Centros Culturais.

Os Centros "Redentor" têm uma constituição apropriada; são construídos em obediência aos preceitos disciplinares, e prestam-se, unicamente, aos trabalhos regimentais, não lhes sendo dada qualquer outra aplicação. No entanto, franqueiam-se ao povo de todas as classes sociais, de todos os credos religiosos, de todas as cores políticas, para o exame da Doutrina.

Em horas preestabelecidas, são ali abrigados, fraternalmente, com sentido cristão, todos os que desejarem conhecer o Racionalismo Cristão, para a sua orientação pessoal e ilustração do seu espírito. Não há ali caixas para esmolas, nem sacolas para espórtulas e não se convida ninguém para ser sócio da Organização.

Os Centros "Redentor" têm, na maioria, sede própria, e se mantêm e erguem os seus edifícios sem se pedir nada a ninguém. A direção material e espiritual da Doutrina e a sua difusão são problemas do Astral Superior. Os discípulos apenas cumprem as suas obrigações terrenas, fiéis à disciplina da Casa e, deste modo, prestam aos Espíritos Superiores o concurso que eles esperam de cada um.

Sempre que for preciso levantar a sede de um Filiado, ergue-se o edifício no tempo oportuno, sem alarde, sem propaganda, sem festas para arrecadação de fundos. Os Centros "Redentor", ao serem construídos, obedecem a um plano de higienização, conforto, solidez e simplicidade.

São Casas que, com o correr dos trabalhos e do tempo, se vão tornando cada vez mais imanizadas pelas irradiações do bem, do Amor Cristão, da fortaleza espiritual. Por isso elas têm um único fim, que é esse que se lhes dá.

Assim se compreende a razão pela qual não se fazem festas nos seus salões, nem se permite que organizações estranhas se sirvam de suas

instalações para os seus fins. A corrente Racionalista Cristã tem de ser mantida intacta, sem quaisquer interferências. Com este cuidado, podem os Centros "Redentor" distribuir maiores benefícios à coletividade, os auxiliares da Casa desfrutam de plena firmeza nos trabalhos, e o Astral Superior mantém a disciplina astral com toda a segurança.

Além do edifício chamar-se Centro Redentor, pelos motivos expostos, ainda se pode assinalar a sua perfeita adaptabilidade aos ditames da Doutrina. Toda a disposição interna obedece a princípios, tem a sua razão de ser, foi determinada pelo Astral Superior e corresponde, exatamente, às necessidades do serviço.

O Centro Redentor é, pois, uma Casa que mantém, desde o início, a sua tradição espiritualista, servindo ao Racionalismo Cristão. As cidades que se podem regozijar de possuir um desses Centros de progresso espiritual, fazem parte de uma rede, cujos nós representam marcos históricos permanentes.

Sobressaindo-se como Escola de ensinos espiritualistas, faz-se ali o desdobramento dos princípios Racionalistas Cristãos, de maneira a bem esclarecer os assistentes sobre a verdadeira Vida, de modo que todos possam facilmente nela orientar-se, obtendo, com isso, maior rendimento, no aproveitamento da encarnação. Os que ali comparecem constatam a importância dos trabalhos e os benefícios morais e físicos que são prestados à coletividade, também por meio das limpezas psíquicas, operadas no ambiente e feitas à distância.

Os Centros "Redentor" são envolvidos, na hora dos trabalhos, por luminosas e potentes correntes magnéticas, organizadas pelo Astral Superior, as quais beneficiam e vivificam tanto os corpos físicos como os espirituais dos presentes, preparando-os para enfrentar o cotidiano com maior disposição e êxito.

A disciplina é ali demonstrada no rigor do seu entendimento, uma vez que não se pode dissociar a espiritualidade da disciplina e da ordem. O Universo inteiro obedece à disciplina instituída pela Força Criadora e verificada na pontualidade do movimento dos corpos no espaço sideral. Assim, também nos Centros "Redentor" a disciplina é observada corretamente, com todo o respeito que se deve tributar às Forças Superiores, presentes na direção espiritual dos trabalhos.

No Centro Redentor não há partidarismos, não se fazem campanhas políticas, respeitam-se todas as ideologias, acata-se o livre arbítrio e a liberdade de pensamento e cuida-se, tão-somente, do bem geral, da

confraternização, da união dos seres pelos laços do espírito, e procura-se, por vários meios, fortalecer a atuação dos Governantes, para melhor se inspirarem na aplicação das suas decisões, em favor dos seus governados.

Os ensinos nas sessões dos Centros "Redentor", em grande parte provocados por pensamentos de dúvida comuns a vários assistentes, são focalizados com o objetivo de serem dados esclarecimentos a estes. Por esta norma do Racionalismo Cristão, os assuntos abordados transformam-se na resposta adequada aos estudiosos e investigadores.

3. O Capital Humano

No mundo físico em que os seres disputam o melhor bem-estar, o maior beneficio adquirível está na evolução do espírito que transmite a vida ao corpo material.

Os valores de qualquer ordem, desde que de cunho material, perdem a sua grandeza diante do capital humano, vivificado pela alma ou espírito, que é o valor máximo da natureza.

O capital humano deve, pois, ser tratado com o maior desvelo, com a mais profunda dedicação, com um cuidado total.

As obras meritórias, os serviços de filantropia, os esforços para a recuperação do homem, visam proteger, resguardar esse imenso valor constituído pelo capital humano.

As guerras representam o maior flagelo da humanidade, porque o que elas destroem de mais precioso é o homem.

Uma nação floresce, civiliza-se, enriquece o seu patrimônio científico, impõe-se pela literatura e pelas artes, na medida do valor dos seus filhos.

Estes podem representar maior ou menor riqueza na sua constituição, conforme o trato que se lhes der, em particular, porque é com a sua união que se forma aquele capital.

Se todos os indivíduos forem tratados com a mesma dedicação e puderem usufruir idênticas regalias, os componentes de uma Nação atingirão os mais altos níveis de desenvolvimento.

Para se dar substância real a esse capital, nada é mais necessário do que fortalecer o indivíduo, instruindo-o, preservando a sua saúde, alimentando-o racionalmente, e imprimindo em sua vida os ditames da moral.

É preciso fazer prevalecer na comunidade o espiritualismo, como ponto básico, fundamental, para o arejamento e higienização das mentes e a boa formação moral dos seres encarnados.

Observada essa disciplina espiritualista, as demais regras humanas, superiorizadas, se sucederão na prática, emanadas dessa fonte inesgotável de princípios elevados, salutares e justos.

É preciso enveredar pelo caminho da espiritualidade para sanear o modo de viver.

A valorização do homem é reconhecida pela demonstração do seu caráter, da sua honestidade, da sua operosidade, iniciativa, capacidade

produtiva, inteligência cultivada e benignidade. O capital humano é formado da soma dos valores desses seres conscientes, capazes, e quanto maior for o número deles, tanto mais grandiosa será a sua importância.

Ele é a maior riqueza de uma Nação, devendo esta ser elevada ao máximo, cultivando-a, desenvolvendo-a, e criando meios para a sua consumação.

Todo esforço, todo dispêndio empregado no apuramento do potencial humano não é demais, pois a riqueza que ele desenvolverá é incalculável.

Cada nação, enquanto todas elas não tiverem um só Governo para uni-las fraternalmente, como seria o ideal, precisa possuir, para maior êxito das suas administrações, um critério rigidamente consolidado no princípio de valorização do homem.

Nações como a Inglaterra, os Estados Unidos, a Rússia, a Alemanha, a Suécia, a Dinamarca e outras, desfrutam de uma certa proeminência na esfera cultural pela consciência que demonstram do valor do aproveitamento humano.

As Nações que melhor levarem a efeito a arte de retirar do homem o máximo da sua capacidade útil, fornecendo-lhe o correspondente incentivo, o adestramento e o preparo mental e espiritual, estarão contribuindo, poderosamente, para a conquista dos mais elevados objetivos da vida.

As várias formas político-doutrinárias que orientam os povos, ressentem-se de falhas que não as deixam alcançar aquele padrão de vida que o ser humano aspira e não sabe como encontrar.

O regime democrático com a sua liberalidade sublime e a generosa liberdade que oferece, não se torna ideal, sem o concurso da espiritualidade.

É no regime da democracia que proliferam, à sombra da liberdade, os gananciosos, os "tubarões" da economia popular, os aventureiros dos lucros fáceis, os usurpadores, os agenciadores dos *trusts*, os ladrões de casaca, os cavadores inescrupulosos, os vigaristas, os difamadores, os "ratos" da imprensa, e todos aqueles que fazem profissão das técnicas que se encontram arroladas nos compêndios da velhacaria, da felonia, dos flibusteiros, da crapulice e de toda a sorte de atributos negativos. Para estes, a democracia é um regime fabuloso por conceder todos os meios que facilitem as suas práticas criminosas.

O comunismo materialista elimina, pela força, quase toda a ação desses delinqüentes, mas não os reforma, apenas os contém, amordaçados

pelo poder discricionário, absolutista, totalitário. Explora, materialmente, o capital humano, conseguindo desse capital ótimos resultados.

Nesses dois regimes citados, em parte antagônicos, o que falta é, apenas, um elemento intrínseco de influência vital, insubstituível, fundamental: a força espiritual.

As duas ideologias podem sofrer impactos dos mais funestos, sem a garantia da vitalidade espiritualista.

Não se omita, contudo, o que elas contêm de aplaudível, nas suas essências. A liberdade de pensamento e de ação figura, como um ideal, dentro da democracia, o que representa, para o ser humano, uma reivindicação constante e ardente. A forma dirigida de apurar e desenvolver o capital humano constitui uma regra no comunismo, com o que o fenômeno da miséria pode ser superado. Ambas as doutrinas têm as suas virtudes, e a tarefa humanizante está em reunir, num só programa, essas virtudes, sob o patrocínio dos princípios espirituais.

No plano Astral Superior, em que ninguém pode burlar ou enganar, escondendo intenções condenáveis, não há lugar para a delinqüência, e, assim, não precisa haver uma força de contenção da prática do mal, do abuso e da indisciplina, com o cerceamento da liberdade.

A liberdade é, ali, respeitada, sem coação, porque o estado de consciência está de tal modo alertado, e as reservas íntimas são de todos tão conhecidas, que ninguém pensa em arquitetar planos que redundem em abuso da liberdade. Nesse nível, normas democráticas e comunistas se ajuntam umas às outras, na estruturação de um governo ideal. Aqui na Terra, poderá o engenho político aproximar-se daquele padrão, tomando-o como modelo, desde que os preceitos da espiritualidade figurem na sua composição, fato que se consumará por encontrar-se na linha da evolução.

Um socialismo, inspirado em normas educativas da sensibilidade do espírito, em que a moral substitua todas as práticas egoísticas em voga, é uma medida salvadora para a humanidade.

O capital humano, tratado com sublimação de vistas, alcançará os mais altos píncaros da glória, em evolução acelerada. Por onde se vê que os graves problemas que agitam o mundo estão na dependência, para uma feliz solução, de entregar-se o povo aos estudos sérios do viver eterno, em marcha decidida pelo caminho da espiritualidade.

Urge dar-se um passo à frente, nesse sentido. Os que tiverem ao seu alcance as obras racionalistas cristãs dispõem de precioso meio para fazer desabrochar todos aqueles valores internos que aguardam apenas uma

ordem, uma demonstração de interesse, para se manifestarem e transformarem a sua razão de viver.

Procure-se meditar no imenso valor das riquezas espirituais que cada um possui, e nas melhores maneiras de aproveitar. A coletividade precisa imensamente que cada indivíduo desenvolva os seus recursos ainda não revelados, mas reais e presentes nos recônditos da alma.

O capital humano é a soma do capital espiritual dos seres componentes da humanidade. A Força Criadora envolve o capital real de todos os seres do universo. De tudo quanto se sente na órbita espiritual, é esse capital que prevalece. Assim, cuidar da vida espiritual consagradamente é o dever de todos. Quanto mais evoluída estiver a criatura, melhor compreende essa obrigação.

Substituir os atributos negativos pelos positivos é o processo normal da evolução. Para tanto devem ser afastados os esmorecimentos. As vantagens decorrentes são indescritíveis. Para atingir esse resultado, ninguém precisa ultrapassar as suas próprias forças, pois todos os requisitos estão em cada um, latentes no seu espírito, por tratar-se de uma riqueza oculta no recesso da alma, que se deseja manifestar. São as vibrações baixas dos sentimentos inferiores que a estão encobrindo e contendo essa riqueza, bastando que a força de vontade imanente se imponha, para fazer a revelação.

4. O Cristianismo

Tem-se abusado muito da expressão "cristianismo" para definir a corrente espiritualista difusora dos ensinos de Jesus.

Em nome de certo cristianismo, cometem-se os maiores deslizes, fazem-se levianas afirmativas, explora-se o próximo, incutem-se idéias inverídicas e adotam-no como meio de vida.

Para esses cristãos *sui generis*, nada vale o exemplo de humildade de Jesus, no seu aspecto simples e acolhedor, infenso aos aparatos de qualquer espécie e contrário aos processos comercialistas, materializadores dos atos cristãos.

O cristianismo só pode ser compreendido quando esteado inteiramente na moral, em que o ser humano tem de demonstrar, pela conduta no meio social, a elevação do seu sentimento, a maneira correta de proceder e o vigor das suas convicções espiritualistas.

O vício não pode ser abrigado no exercício do cristianismo, não só pelos ruinosos efeitos materiais da sua prática, como pelas conseqüências morais deprimentes, que se refletem, depreciadoramente, na coletividade.

Indispensável é que o cristianismo se revista das características inconfundíveis da sua pureza, para poder ser reconhecido pela sua legitimidade. Cabe, pois, às organizações que se dizem cristãs pautarem a sua linha de conduta nos moldes indicados.

O cristianismo, assim inadequadamente chamado, teve a sua contextura armada por criaturas parcamente evoluídas, no correr de séculos, daí resultando as suas numerosas deformações morais, no sentido espiritual. Ainda perdura essa situação devido aos que a mantêm, embora convencidos do contrário, pela impossibilidade de divisar o que está além da sua capacidade de percepção.

A cristianização do cristianismo é medida que se impõe através de uma remodelação geral dos velhos processos adotados, que devem ser substituídos pelos métodos renovadores do presente, apoiados, até mesmo, na ciência que vem desenvolvendo, dia por dia, novos conhecimentos. Sendo, como é, a Força Criadora a Suprema Ciência, as revelações científicas não passam de oportunas manifestações do Grande Foco, que se vai tornando cada vez mais apercebido, com a marcha do progresso.

A Ciência por estar intimamente ligada ao Poder Total, é manifestação da Verdade, servindo também para desvendar os erros do cristianismo atuante, e colocá-lo na sua posição real. Poderá parecer aos

mais desprevenidos que a Ciência é produzida apenas pela força intelectual, como se esta não fosse emanação do espírito, que recebe as vibrações da Inteligência Universal.

O cristianismo dominante se apresenta em consonância com o estado pouco espiritualizado da comunidade que o segue. Ninguém pode dar mais do que tem. Urge, porém, enriquecer os seres humanos de novos conhecimentos de ordem espiritual, a fim de que possam melhorar o seu estado psíquico e consolidar uma posição mais favorável no campo da espiritualidade.

O Racionalismo Cristão, empenhado nesse propósito, difunde os seus ensinos por meio de livros e dissertações, para esclarecer os interessados e propiciar-lhes meios de situá-los em melhores condições de receptividades às verdades espirituais. É ele uma Doutrina que só trabalha para o bem, o progresso, a felicidade, a riqueza, a saúde de todo ser humano, e nada espera de ninguém em retribuição a exemplo do procedimento de Jesus.

O Racionalismo é Cristão, por ter sido codificado de acordo com o verdadeiro cristianismo.

A Doutrina aí está para ser examinada. Ela é liberal e construtiva, apoiando todas as iniciativas que objetivem a segurança e o bem-estar geral da humanidade, colabora, no sentido de recuperar o ser humano moralmente desajustado para torná-lo bom cidadão, útil e valioso ao progresso da comunidade a que pertence.

O programa do verdadeiro cristianismo não se pode afastar dessa linha. É preciso que ele ofereça à criatura a disciplina espiritual que lhe permita alcançar o fim colimado, como faz o Racionalismo Cristão.

Se o povo seguisse os ensinamentos cristãos, sem deturpações, o mundo se apresentaria ornado das mais refulgentes fulgurações espirituais. Lamentavelmente não é o que se dá, pelas falhas existentes num pretenso cristianismo. Procure-se, se possível, constatar sinceramente essa Verdade com o fim de reconhecer-se o mal, para evitá-lo ou corrigi-lo.

Não se ponha em dúvida a sinceridade da maioria dos religiosos, levando-se em conta as dificuldades que têm para separar-se das crenças que trazem desde a infância e, mais do que isso, do apego que os acorrenta às crendices alimentadas durante as vidas passadas.

Por se ressentir desse estado é dificílimo para eles aceitarem novas idéias que modifiquem as concepções tão profundamente enraizadas em seus espíritos.

Por essa razão, são relativamente lentos os progressos no campo da espiritualização. Não fora isso, teria já o Racionalismo Cristão introduzido a Verdade de seus ensinos em toda a área dominada pelo pseudocristianismo. Está, no entanto, adquirindo terreno nessa direção, e em progressão sistemática há de alcançar a sua meta, para a felicidade de todos. Enquanto isso, faça, cada um dos que entrarem em contato com estes ensinamentos, a sua parte, para que não venham a sofrer, pela negligência, os efeitos de um comodismo acumpliciador.

Sempre que for possível alertar, de maneira delicada e amiga, sem coação, de modo a imprimir à atuação esclarecedora um cunho fraternal, deve-se tentar, somente na oportunidade, dar a melhor das explicações a respeito do problema. Desde que se perceba que a idéia não está sendo bem recebida, passa-se imediatamente para outro assunto. É norma cristã não se exigir de ninguém a adoção das idéias de quem se propõe a cristianizar. Respeite-se o livre arbítrio. Um aliciamento inoportuno pode produzir um fanático, um convencido ou um desajustado.

As mais belas lições do cristianismo são colhidas através de exemplos. Estes falam mais alto do que os sermões. Logo, todos devem andar empenhados em pôr em prática os seus conhecimentos cristãos, em cada dia, em cada hora que passa, em cada instante. Não se pode dissociar a idéia de cristianismo da do espiritualismo, porque ambas se confundem. O Cristianismo é o método cristão de promover o espiritualismo, e este não envolve outras práticas que não sejam as do espírito, elevadas, sãs, de solidariedade e de amor fraternal.

De todos os bens humanos, aquele que mais intensamente valoriza o indivíduo é o conquistado na escola do verdadeiro cristianismo, que lhe dá o título imperecível de cristão, não em matéria destrutível, mas no acervo espiritual, que é eterno.

5. O Materialismo

Alguns se dizem materialistas, alegando que não acreditam na existência de Deus. Mas estes, na realidade, erroneamente se classificam como ateus. Não acreditam, é certo, naquele Deus absurdo que a Bíblia apresenta, e como desconhecem o verdadeiro sentido do vocábulo Deus, pensam que são ateus e materialistas.

Os que se dizem ateus acreditam na Força da Natureza que, em outras palavras, é a própria Inteligência Universal ou Grande Foco. Logo, não são ateus, e demonstram ser menos materialistas do que aqueles outros que fazem do Deus bíblico objeto de adoração.

O Racionalismo Cristão, em suas obras básicas, revela que o que o vulgo chama Deus é Espírito, Força Criadora, Inteligência Universal, Vida e Poder, e que, com esses atributos, domina o Espaço Infinito.

No gênero humano, por muito pouca espiritualidade que possua, ninguém pode ser um materialista, diante da Natureza. As conclusões a que chegam os materialistas confessos são de cunho mental, em apoio a falsas hipóteses, esquecendo-se de que há uma voz interna. a da consciência. que não se coaduna com as vibrações da corrente materialista.

A Força Inteligente está em toda parte, é onipresente, e atua em cada átomo da natureza; logo, a sua manifestação na consciência é conseqüência normal, pela afinidade do espírito com o corpo físico e comunhão permanente da partícula com o Todo.

O materialista que como tal se considera, para ser coerente, precisaria declarar-se convencido de que não tem consciência, que não a sente, que ignora a sua presença em sua natureza. Ora, isso não o poderá dizer honestamente, e daí a impossibilidade de se firmar nessa declaração.

Há os que, de fato, muito valor dão à matéria, achando que a vida se esvai com a morte, diluindo-se na natureza, e nada mais fica do homem extinto. Essa teoria é sustentada pelos que olham a existência por um ângulo muito fechado. Numerosos fatos se contrapõem a tal conclusão, entre os quais podem ser destacados:

1. Os videntes, possuidores da visão astral, descrevem, com facilidade e exatidão, pela figura examinada do corpo astral, os traços fidedignos do ser desencarnado, confirmados pelas pessoas que o conheceram;

2. As transmissões mediúnicas, psicografadas em línguas desconhecidas dos médiuns que as recebem, dão testemunho da imortalidade do espírito;

3. As materializações, sejam elas conseguidas pelo ectoplasma humano ou cósmico, são revelações insofismáveis da Verdade sobre a continuação da vida, depois da desencarnação;

4. O testemunho humano prestado por indivíduos que se recordam de vidas pregressas, em se tratando de criaturas reconhecidamente honestas, não pode deixar de ser aceito como prova das reencarnações do espírito;

5. A evidência da lei da evolução aplicada ao espírito realça graus de adiantamento diversificado entre os seres que encarnam;

6. Sabendo-se que as especializações só se conseguem com treinamento continuado, logicamente os que trazem, desde a infância, a vocação acentuada para determinada especialização, somente a poderiam ter adquirido em vidas anteriores, como, no caso, os virtuosos;

7. O desdobramento consciente, em que o indivíduo opera o seu afastamento do corpo físico, por livre vontade, atuando, em seguida, no campo astral, com seu corpo etéreo, é fato bastante conhecido e que não pode ser contestado, em face das comprovações existentes;

8. Os Mestres do espiritualismo são unânimes em afirmar a condição eterna do espírito, e os que não são Mestres não se podem sentir autorizados a desfazer tais afirmações.

Os religiosos, na sua maioria, seguros de que não são materialistas, professam devoções de forma materializada, pela falta de maiores conhecimentos espirituais. Não devem ser acusados por isso, pois, se culpa existe, esta se encontra nas falhas da estrutura devocional. A reforma, antes de ser de pessoas, deve ser de princípios. Neste caso, o ser humano inclina-se a aceitar a Verdade revestida de lógica, ao invés da misteriosa fé envolvida em afirmativas insondáveis.

A ganância e o egoísmo observados na grande maioria dos seres são o reflexo do materialismo das seitas; as pompas religiosas são ainda outro índice do materialismo reinante. O comercialismo verificado na mistura das práticas, que deveriam ser espiritualistas, com as puramente materialistas, atesta, mais uma vez, a ausência de espiritualidade.

As seitas e as religiões dominantes são dezenas de vezes seculares, cabendo-lhes, por isso, a principal parcela de responsabilidade na propagação desse materialismo absorvente. O Racionalismo Cristão vem fazendo a sua parte no sentido de quebrar as peias do materialismo em

voga, mas não seria demais que todos se unissem para o mesmo fim, em benefício geral.

Os planos astrais mais baixos da escala evolutiva que envolvem a Terra são os que acolhem os espíritos materializados, depois da desencarnação. Ali a vida se assemelha com a deste planeta físico. Enquanto a criatura não se procurar esclarecer de modo a subjugar a influência material, não passará a planos mais elevados, em que lhe serão proporcionadas condições de maior felicidade e reencarnações mais proveitosas.

É de interesse de cada indivíduo e da coletividade que o progresso do espírito se processe, o quanto antes, para obter mais pronto desfrutamento das riquezas espirituais. Todo ser normal deseja melhoria de vida, trabalha e se esforça para isso, no campo material, desconhecendo, por falta de espiritualização, que a verdadeira melhoria de vida se alcança depois de se reconhecerem as ilusórias e passageiras seduções que o mundo dá.

As riquezas espirituais conquistadas nunca se perdem por serem eternas, ao passo que as da Terra são efêmeras, e nela ficam. As riquezas espirituais conduzem à humildade, à euforia e ao sucesso, enquanto que as materiais podem levar à ostentação, ao orgulho, à vaidade e, conseqüentemente, à falência moral.

Na vida material pode o ser bem sentir o materialismo e dominá-lo, trocando-o pela espiritualização. Essa substituição terá de ser feita pelo esforço próprio, com os recursos de cada um.

É de todo interesse da criatura, promover a sua espiritualização e crescer em sabedoria e em inteligência, para poder aplicar esses dons nas práticas cristãs. O materialismo, ao contrário, envolve a criatura em vibrações que impossibilitam a sua evolução espiritual. O astral inferior está repleto de espíritos envoltos nessas vibrações, pelas quais sentem a vida apenas pelo lado material.

Muitos espíritos se materializam sem se aperceber dessa materialização. O caminho é um só: o de permanecerem reencarnando neste planeta, onde colherão experiências variadas, até o dia em que, saturados de dor, procuram solução para as suas aflições e angústias nas luzes do espiritualismo.

O materialismo é uma condição de inferioridade espiritual, embora o defendam alguns intelectuais desenvolvidos. A cultura intelectual é distinta da espiritual. O espiritualista dispõe de recursos para atingir a

intelectualidade, coisa que não se dá com o douto que apenas conte com a cultura terrena.

Não se pense que os dirigentes das Nações alcançaram aquelas posições por desenvolvimento espiritual, ou que sejam todos espiritualizados. Na maioria dos casos, são de parcos conhecimentos espirituais, salvo as poucas exceções. Se a condição para ser alto administrador fosse a de ser espiritualista, o mundo não teria chegado ao pé em que está.

Mas, por força do materialismo atuante, a humanidade terá que passar pelos estados caóticos que se verificam, e, para isso, as mentes materializadas são também elevadas aos postos de direção. Isto acontece quando irrompem as mazelas morais para fins de futura retificação.

Se é triste constatar-se um tão forte materialismo na humanidade, cabe compreender que diante de uma situação de fato, não há o que protestar, por significar essa situação apenas o baixo nível de espiritualidade no planeta. O trabalho de espiritualização precisa ser intenso, permanente e ativo, para que os resultados possam ser mais sensíveis.

Não é possível estabelecer um nível elevado de conduta moral, sem elementos humanos que sustentem essa posição. Por isso, enquanto a humanidade não sair triunfante desse materialismo que a absorve, as condições espirituais do mundo não encontrarão clima favorável ao seu aprimoramento, por onde se conclui que todo esforço precisa convergir para esse ponto fundamental de combate ao materialismo e de incentivo ao espiritualismo.

Os seres humanos, que outra coisa não são que espíritos encarnados, não podem perder de vista a sua verdadeira natureza, que é espiritual, e uma vez que se devotem ao materialismo, estarão negando essa natureza e mostrando-se cegos à Verdade.

A partícula inteligente, quando ingressa no reino hominal, traz aflorando o condão da espiritualidade, além do livre arbítrio que somente deveria ser utilizado para o bem. Por ignorar o que essa faculdade representa, a maioria se deixa mais conduzir pelo instinto, como acontecia enquanto permaneceu no reino animal inferior. O animalismo e o materialismo se aproximam quanto à afinidade, em contraposição ao espiritualismo.

Há formas mais ou menos grosseiras de materialismo, de acordo com o requinte do elemento humano, mas de um modo ou de outro, atestando ausência de espiritualidade.

O materialismo apóia-se na superficialidade da vida e no individualismo indiferente. Para avançar na linha do espiritualismo, é preciso saber sofrear o instinto, combater as inclinações viciosas, contrariar os desejos prejudiciais, sujeitar-se, resignadamente, às imposições morais da vida, enquanto que o materialismo nada exige nem impõe, oferecendo campo aberto e livre, no caminho da ilusão, ao desfrute e aos gozos terrenos.

O materialismo enfraquece a manifestação dos dons espirituais inatos, ao passo que o espiritualismo os fortalece; o materialismo conserva o espírito num mesmo plano de evolução, quando o espiritualismo o eleva, sucessivamente, a planos superiores; o materialismo facilita os meios pelos quais o espírito encarnado aumenta os seus débitos para futuro resgate, e, ao contrário, o espiritualismo evita que tais débitos se verifiquem. Logo, dentro do materialismo vive o ser numa esfera de ação inferior e de resultados negativos.

O materialismo apóia-se na superficialidade da vida e, ao invés disso, o espiritualismo desenvolve as suas penetrações em altitude e profundidade. O materialismo é a sombra, o espiritualismo a luz. Por isso não há dúvida sobre o fato de que o materialismo será varrido da face da Terra, em futuro não muito distante.

A luz da verdade é força dominante que não pode ser contida. O desbravamento das trevas está sendo feito; em cada dia que passa, mais um avanço se registra, nesse sentido, imperceptível embora, mas seguro.

6. Contrastes Aparentes

Observam-se na vida verdadeiros contrastes no comportamento dos seres humanos.

Há indivíduos maldosos, incorretos, imorais, vingativos, desonestos que em lugar de serem colocados nos seus lugares, pelas inferioridades que apresentam, são, quando ricos e influentes, cortejados, tratados cerimoniosamente, acolhidos com suposta simpatia e olhados com reverência, pela notável posição que desfrutam.

Quadros como esse são vistos por aí, em toda parte. Então o que acontece é ficarem aqueles que estão propiciando os seus estudos espirituais, estarrecidos por notarem o contraste, que é apenas aparente, quando se reafirma que "cada um tem o que merece", "quem planta colhe", "quem mal faz para si o faz" etc. etc., parecendo que essas verdades não se ajustam à realidade.

Ficam esses estudiosos incipientes intrigados, ao constatarem que tudo corre bem para tais bisbórrias, pois ganham rios de dinheiro, são eleitos com grande maioria de votos nas pugnas eleitorais para os cargos aos quais se candidatam, desfrutam de grandes privilégios, vivem nababescamente, cercados do maior conforto, têm tudo o que precisam do melhor e do mais caro, são contemplados com generosos favores, a maioria diante deles se curva, e vivem como se fossem os escolhidos da "grei celestial".

Como é então — pensam — que tais indivíduos, tão falhos em virtudes espiritualistas, conseguem na vida uma situação preferencial de soberania sobre os que palmilham pela estrada do dever, da honra e do trabalho?

Parece realmente um paradoxo; mas é preciso não esquecer de que na vida tudo obedece a leis naturais. Não há, nem pode haver, injustiça na aplicação dessas leis sábias. Assuntos dessa natureza só encontram explicação na órbita dos estudos espiritualistas.

Aceita essa condição, deve-se reconhecer que não é possível apreciar os fatos que ocorrem na vida terrena, levando em conta a única encarnação em que se projetam; eles estão intimamente associados com o passado distante, com ocorrências verificadas em outras vidas. Desta maneira, o que acontece numa existência é como se fosse um curto capítulo de um longo romance. Evidentemente se a alguém for dado examinar um único

capítulo de tal romance, de modo algum poderá ter uma idéia do conjunto da obra.

Assim também acontece na vida. Querer localizar, isoladamente, os fatos desenvolvidos numa só encarnação, para tirar conclusões judiciosas, é querer o impossível, quando se pretenda explicar o motivo dos contrastes aparentes. Altos dignitários poderão ser, em vidas subseqüentes, lixeiros, carregadores e varredores, para compensarem, nos pratos de equilíbrio da balança, o contrapeso da vaidade, do orgulho, da prepotência e da presunção.

Alguns chegam a ficar descrentes, parecendo-lhes que a propalada Justiça não passa de um mito. Por isso nada faz mais falta ao ser humano do que a espiritualidade, tão precária ou tão ausente no seio das seitas e religiões.

O indivíduo, na cadeia imensa de suas reencarnações, faz as experiências de pobre, de rico, de servidor braçal, de mentor intelectual, de patrão, de empregado, de homem, de mulher, e cumpre milhares de atribuições inerentes àqueles exercícios. Por esta razão encontra-se na Terra, para cursos experimentais, toda essa variedade de misteres e afazeres, cada qual correspondendo às necessidades adequadas.

As imperfeições humanas estão no espírito embotadas, enclausuradas, latentes, e é preciso que seja provocada a sua exteriorização, a fim de serem reconhecidas e aniquiladas.

A víbora peçonhenta escondida na toca, na moita ou no entulho, precisa ser descoberta, para que a defesa contra ela se possa operar, sendo necessário que se conheça o mal de que está acometido o enfermo, para se promover a sua cura. Assim, a vaidade, a presunção, o orgulho, a índole vingativa e perversa, as inclinações desonestas e toda sorte de atributos negativos que se acham ocultos no próprio âmago do indivíduo, precisam ser descobertas para que se lhes possa dar combate mortal.

A maneira de provocar esses atributos negativos, de fazer com que se manifestem, está em oferecer-lhes alimento farto e meios para que essas imperfeições transbordem no gozo do seu fascínio. Os que estiverem desfrutando a vida, egoisticamente, fartando os instintos animalizados, sem cuidar da parte espiritual, estarão se saturando nas ilusórias delícias do paraíso terreno. É um estado de que ninguém se precisa lastimar de o não possuir.

Os que saírem do charco moral para penetrar na vida extraterrena, estarão sujeitos a passar algum tempo nos charcos fluídicos do astral

inferior, antes de se preparem para uma nova encarnação, em que os sentimentos inferiores, aflorados na encarnação pretérita, tenham de passar pelas provas cruentas da extirpação, que os há de aniquilar.

Essas provas se traduzem numa vida cheia de obstáculos, carências, dificuldades, esforços infrutíferos, fracassos e numerosos outros artifícios capazes de fazer sofrer e despertar a alma para a realidade.

De nada adianta achar que as coisas deveriam ser resolvidas de outro modo, que poderia haver um outro meio menos rigoroso de promover a evolução, pois a ordem estabelecida é essa, foi assim há milhões de anos, não há perspectiva de ser mudada, e o certo é que aqueles que a desprezarem, sofrerão inapeláveis e dantescas conseqüências.

Como se vê, os aparentes contrastes que se observam na vida têm a sua razão de ser, por obedecerem ao movimento geral da evolução; sempre há os que, em tempos idos ou atuais, foram ou são participantes desses quadros apresentados. Os que almejam afundar-se, espontaneamente, no charco das ilusões terrenas, terão satisfeitas as suas pretensões; os que já passaram por essa prova e conseguiram libertar-se da sua atração, podem considerar-se mais felizes.

É a falta de esclarecimento ou de espiritualidade que faz com que as criaturas não eduquem as suas virtudes latentes, não reforcem as suas convicções morais inatas para, pelo poder do raciocínio, pela ligação espiritual que fizerem com as Forças Superiores, não se submeterem a condições subalternas e eliminem as reações instintivas, com os recursos de que dispõe o próprio espírito.

Vale assinalar que todo ser humano tem, no seu conteúdo, pela ação do livre arbítrio, capacidade para desenvolver os atributos morais negativos ou positivos, ou ambos, dependendo isso das suas próprias decisões, de querer, ou não, ouvir e atender à voz da consciência, de raciocinar e firmar o controle de si mesmo. Não fosse o mau uso do livre arbítrio, a evolução se processaria harmoniosamente, de escala em escala, sem longos estágios recuperadores, mas seguindo uma linha em espiral, em marcha ascensional sucessiva.

Cumpre a cada um velar pelos assuntos espirituais do seu interesse, examiná-los, estudá-los e concluir algo de racional em torno de suas deduções. Na arena da vida, perde quem pensa em ganhar o mundo com as suas fantasias, iludido pelos contrastes.

Não se julgue ser indispensável ao indivíduo passar por todas as torturas que a vida terrena oferece, para poder evoluir; estas só se

manifestam em conseqüência da má aplicação do livre arbítrio, efetuada não tanto por ignorância, mas por prazer sádico, por menosprezo à razão, por vício resultante da condensação de pensamentos sensualistas. Cada um que chega a esse estado foi atingido por sua vontade, por sua negligência, descaso e indolência mental, e não tem de que se queixar.

Os contrastes que se assinalam revelam as armadilhas em que estão enleados os gozadores e epicuristas, falsamente convencidos de que se encontram numa situação de pujança, quando, na realidade, na maioria dos casos, se acham envoltos no manto sombrio da miséria moral. Todos os aproveitadores que se encontram em tal estado enganoso, serão forçados a voltar à Terra, nas condições mais precárias e desoladoras.

7. Os Complexos

Há criaturas inibidas por complexos. São vítimas do preconceito social, de restrições descabidas, de um convencionalismo acanhado. Algumas são incapazes de prestar um serviço qualquer, porque não gostam de servir, achando que servir é ser criado.

A origem desse modo de pensar está no mau uso do raciocínio, o qual é, por sua vez, reflexo da maneira de sentir.

A pessoa que se melindra por qualquer ninharia, que se mostra emburrada, que se queixa constantemente de uma coisa ou de outra, está obedecendo a complexos, que ela própria precisa eliminar.

Há indivíduos que supervalorizam o seu próprio ser; querem ser endeusados; reclamam elogios para tudo o que fazem, e desgostam-se, quando não são aplaudidos em todas as suas manifestações. Dizem que os demais não lhes dão valor ou que não sabem reconhecê-lo, que não os compreendem, numa falsa posição de querer ser o que não são. Chama-se a isso narcisismo, e são tantos os que assim procedem que até merecem essa classificação. O narcisismo é uma mania como outra qualquer.

Os narcisistas são seres imbuídos de um complexo de superioridade. É difícil a convivência com pessoas dessa natureza, porque estão sempre revoltadas ou indignadas contra o semelhante, acreditando que este não lhes sabe dar o valor que pensam ter.

Se forem criaturas geniosas, irritáveis, temperamentais, amigas de discussões, então sobram os pretextos para um infindável cortejo de lágrimas e de amargos queixumes. Pessoas assim não são dotadas do necessário discernimento, e por isso tiram conclusões, não raro falsas, de casos criados pela imaginação.

Estas criaturas dificultam a vida, tornando-se, freqüentemente, um flagelo dentro do lar, pelos aborrecimentos que causam, mas isso é um fenômeno que precisa ser encarado com resignação, por se tratar de mal que dificilmente se atenua em uma única encarnação.

Se a criatura reconhecesse o seu complexo de superioridade, ainda haveria esperança de se lhe poderem proporcionar recursos para modificar o seu estado. Ela não reconhece a sua situação psíquica, e continua a alimentar manias.

Há males considerados incuráveis, e este do complexo de superioridade é um deles. A solução para a sua cura está na sucessão de encarnações futuras, através de condições adredemente preparadas em

plano astral, de modo tal que, ao voltar o ser à Terra, para uma nova jornada em corpo físico, encontre ambiente propício à manifestação de sofrimentos que cauterizem tão lamentável complexo.

O indivíduo subjugado pelo complexo de superioridade armazena na vida considerável soma de débitos, por atuar sempre deslocado da sua posição normal.

Este grave defeito moral precisa ser jugulado na infância, logo que se manifeste, porque depois de criar raízes, assemelha-se a um câncer.

Em contraposição ao complexo de superioridade, está o de inferioridade. Este também é destruidor e faz com que o indivíduo viva humilhado sob o seu peso, sentindo demasiado acanhamento e timidez. Falta de confiança em si mesmo, espera que o empurrem para frente, que o guiem, que o ajudem, por sentir-se incapaz, inseguro, periclitante. Tem, assim, as menores probabilidades de prosperar ou de vencer na vida.

O complexo de inferioridade é, deste modo, um entrave ao progresso e, portanto, à evolução. É preciso reagir contra essa diminuição de que se sente impregnado o ser humano, quando atingido por esse sentimento arrasante, mórbido, que aniquila a personalidade.

Adquirida a certeza, pelo estudo do espiritualismo, que todo o indivíduo é uma partícula da Força Criadora, igual às demais, com as mesmas possibilidades, os mesmos direitos, idêntica capacidade e semelhantes recursos para conquistar a sua evolução, e na medida em que fizer bom uso do seu livre arbítrio, terá que percorrer os mesmos caminhos que conduzem à evolução, não haverá mais lugar para complexos.

A mania de grandeza é outra variante da série dos complexos. Há criaturas com a preocupação permanente de se fazerem importantes e para se manterem nessa falsa posição, vivem artificiosamente, engendrando fatos inverídicos com o fim de aparecerem aos olhos dos seus semelhantes numa altura que está longe de ser a real. Os seres que alimentam tal mania de grandeza estão escravizados a um complexo do qual não se sabem também libertar.

Outros, ainda, andam torturados com a mania de perseguição, vendo fantasmas por todos os lados a persegui-los, e se não conseguem os favores que pleiteiam, pensam que estão sendo perseguidos. O indivíduo que não se esforça no seu trabalho, não cumpre bem os seus deveres, não é aplicado nem disciplinado e gosta da ociosidade, não faz jus a uma melhoria e, no fim, marca passo e, por isso, não é aproveitado nem promovido. Mas, para ele só há uma razão, que é a de estar sendo

perseguido. Estes infelizes, com a idéia fixa da perseguição, são vítimas de si mesmos, entregues ao desânimo, à revolta e largados ao abandono.

A salvação de todas as pessoas atacadas de complexos está no esclarecimento que o espiritualismo lhes proporciona. É nele que se encontra a cura desse mal.

Todo espírito encarna para promover a sua evolução em corpo físico, e não se deve influenciar por complexos; ele poderá trazer tendências negativas, acumuladas no passado, que facilitem a manifestação destes complexos, mas o seu dever é combatê-los tenazmente, com todas as forças que possui, para evitar que a hidra cresça e a sua destruição se torne difícil.

Não se costuma dar a esses complexos a importância que realmente têm, e por isso é que se notam, por toda parte, indivíduos desajustados, desequilibrados, perturbados, sem que saiba, ao menos, qual a origem do mal que os atormenta.

O mundo está convulsionado, o desentendimento campeia à larga, há prevenções de uns contra os outros, o egoísmo continua sendo uma das molas mestras do mundo, e a favorecer tudo isso estão presentes as manias e os complexos, agravados pelo materialismo.

As coisas no orbe só tomarão o aspecto em que predomine a segurança e a tranqüilidade quando a maioria estiver espiritualizada, conhecedora das leis eternas e cônscia da sua integridade espiritual, no ajustamento da composição universal.

Na Terra ninguém é perfeito. Cada qual tem as suas falhas, as suas deficiências, que precisam ser eliminadas, mas urge que sejam, antes, reconhecidas. Entre os vários tipos de imperfeição está o dos complexos, nestas linhas focalizados. É um defeito incômodo, pernicioso, que produz atritos, quando os outros não estão dispostos a tolerá-lo.

Há os que se insurgem contra a necessidade, que às vezes se apresenta, de carregar um pacote, uma cesta, uma criança. Outros têm vergonha da pobreza, e forçam cenários artificiosos para escondê-la; há os que se sacrificam na alimentação, para ostentar uma aparência que está acima das suas posses; há os que chegam a contrair dívidas, que não pagam, para poderem ostentar. Muitos dos caloteiros são formados nessa escola, onde se forjam mistificadores influenciados pelo complexo de grandeza ou de importância.

Existem, ainda, os complexos de medo, em que a criatura se vê sempre cercada de perigos e raciocina com pessimismo, atraindo, com

isso, vibrações indesejáveis, ocasionadoras de desgraças. O medo estimula uma inferioridade perigosa, aniquilante, e constitui um convite para a aproximação de forças invisíveis do astral inferior, todas elas danosas e de repercussões profundas no correr da vida.

A prevenção contra origens raciais produz efeitos desastrosos, anti-humanos, quer por parte dos que alimentam os extravagantes conceitos racistas, quer em relação aos que sofrem o desprezo e até as humilhações daqueles outros. Essa maneira errônea de encarar os fatos é o resultado de complexos que obliteram o raciocínio dos homens, desviando-o do seu rumo certo e fazendo-o enveredar para um terreno marcado de oscilações desvirtuantes.

Os seres têm todos a mesma origem, nada importando, para o conceito espiritual, as aparências circunstanciais, que servem, indistintamente, a qualquer, desde que as suas condições psíquicas reclamem acomodação temporária neste ou naquele estado, num ou noutro envoltório, consoante as necessidades prementes de cada um. Por isso, abaixo o complexo, que fere a sensibilidade daquele que, em determinada posição da vida, procura obter o resgate recuperador, pelo qual aspira.

A maioria dos que encarnam vem à Terra para destruir facetas negativas do espírito, como o preconceito, o orgulho, a presunção, a vaidade, a inveja, a tirania e outras, e é sabido que só com esforço sacrificante é que tais negativismos podem desaparecer. Uma vez tornada bem nítida a consciência desta Verdade, nada há que possa justificar uma atitude doentia caracterizada por complexos, diante das provas e experiências pelas quais estiver o indivíduo passando.

Deve fazer-se, pois, um exame de consciência para verificar se algum sentimento traiçoeiro, algum complexo está escondido no âmago do ser, corroendo as forças vitais que toda criatura possui. Cada qual tem de ser leal consigo mesmo, não procurando iludir-se nem se julgando melhor do que realmente é. A mais sábia maneira de destruir-se o mal, é reconhecê-lo. Às vezes custa descobri-lo, mas a boa intenção ajuda muito. Por isso, mãos à obra, silenciosamente.

Os complexos se apresentam ora ostensivamente, ora sutil e veladamente, conforme o seu desenvolvimento, de acordo com o campo mais ou menos favorável, em que medraram. Estirpá-los, pelas raízes, é o que deve ser feito com o maior empenho, com a mais firme disposição. Esta é uma das operações que a vida a todos impõe, como condição de êxito para fins de imunização de todos os males com que o mundo Terra

desafia aos seus ocupantes. Os complexos são, como ficou demonstrado, muito prejudiciais, e devem ser, como tal, combatidos, por contrários à razão esclarecida. Produto da imaginação desviada do bom caminho, conduzem a criatura a criar débitos morais pesados, atrofiam o raciocínio e se associam às correntes malignas do astral inferior.

O sentido espiritualista da vida não pode ser silenciado diante de fatos que atestem ruína moral, uma vez que a sua finalidade é a de esclarecer, vivificar, fortalecer e encaminhar todos os seres humanos pelos degraus do progresso espiritual, para a felicidade perene que anseiam.

A extinção dos complexos é um objetivo que requer permanente atenção dos seres terrenos, cada qual se devendo esforçar para cumprir bem a sua parte, certo de que as recompensas virão, no devido tempo, em seu próprio proveito. Vale muito a pena não ficar à margem deste desinteressado apelo.

8. A Ignorância

São grandes os males da ignorância. Ela se torna especialmente perniciosa quando decorre do desconhecimento dos princípios básicos da vida. O indivíduo deve saber por que veio ao mundo, quais os seus deveres, as suas obrigações e compromissos. Para não ignorar tudo a respeito do prosseguimento da existência em plano astral, precisa procurar sentir — quando não puder ver com os olhos da alma — o que se passa além do véu da matéria. A ignorância pode ser considerada crassa, no caso de nada saber a criatura sobre a sua própria individualidade, pois sendo como é, um espírito encarnado, desconhece essa sua condição e vê, iludido pela matéria que lhe serve de carro, de invólucro, de roupagem transitória, a sua verdadeira natureza!

O ignorante não sabe:

a) que a sua existência não começou quando, na encarnação presente, nasceu em corpo físico;

b) que milhares de vezes encarnou, exatamente como na encarnação presente;

c) que existem, no Espaço, vários planos astrais, e que os seres desencarnados estão distribuídos por eles, de conformidade com o seu grau de evolução, sendo que em cada um fazem estágio espíritos de um mesmo ou equivalente desenvolvimento espiritual;

d) que os planos mais próximos da Terra são os mais densos, em que permanecem espíritos menos evoluídos de acordo com a densidade desses planos;

e) que só encarnam os espíritos estagiantes dos planos seriados até ao eqüidistante dos dois extremos, sendo a evolução promovida, daí para o extremo superior, em plano astral;

f) que o indivíduo encarna para evoluir e para resgatar débitos contraídos em encarnações pregressas, não poucas vezes com aquelas mesmas criaturas que o assistem na composição do lar;

g) que as falhas, erros e crimes produzem estigmas no corpo astral, que só podem desaparecer transferindo-os para o corpo físico, em reencarnações sucessivas;

h) que, pela lei de causa-e-efeito, não é possível ao indivíduo esquivar-se de colher os resultados dolorosos dos seus erros;

i) que, no presente, a vida se reflete como conseqüência das que foram vividas no passado, assim como o futuro será preparado de acordo com a vida levada no presente;

j) que nenhum incidente, por menor importância que tenha, deixa de ficar gravado no corpo astral, para ser reconhecido e reconsiderado em tempo futuro, quando os prós e os contras no modo de proceder terão de ser pesados na balança da consciência, para os necessários reajustamentos;

l) que ricos e pobres, nobres e plebeus, brancos e negros, cultos e incultos, são todos seres em evolução, com a mesma origem espiritual, integrantes do mesmo Todo, Absoluto e Eterno e dispõem, em estado latente, por isso, dos atributos luminosos que integram a Força Criadora.

Não há razão para se tachar de ignorante o ser inculto, porque este sabe fazer muitas coisas que o sábio desconhece. Além disso, qualquer sábio poderia ter cometido maiores erros nas vidas passadas, ficando obrigado, para o reajustamento da sua estrutura psíquica, a voltar à Terra em condições humildes.

Há numerosas pessoas que têm apreciável cabedal de conhecimentos adquiridos nas milhares de existências terrenas, mas que estão ocultos, não revelados, em estado latente, por conveniência do espírito, para que sejam obrigadas a viver à custa de trabalho manual, e aí colham as experiências imprescindíveis.

O desconhecimento que se revela pela falta de cultura literária, científica, profissional e artística, é necessário, pois, caso contrário, se essa cultura fosse comum a todos, ninguém iria ocupar-se de tarefas árduas e penosas, pois todos desejariam ser cientistas, literatos e artistas.

Todos os indivíduos merecem o melhor respeito pela posição que ocupam na Terra, sejam cultos ou incultos, porque cada qual é indispensável, no seu ramo, ao mecanismo da vida.

O que todos, porém, podem e devem procurar fazer é o cultivo da espiritualidade, que é oferecido no mundo, por igual, a todas as classes. De um modo geral, só é ignorante das questões espiritualistas, em meios civilizados, os que quiserem ser, porque ensinos que conduzam ao conhecimento da Verdade chegam às mãos (ou podem chegar) daqueles que, sinceramente, os desejarem possuir.

Se a ignorância, pois, deva ser atribuída a alguém, esse alguém é o descuidado com relação à vida espiritual, que não recebe, por negligência, a alimentação devida, para fortalecê-lo, como convém, por meio de um

viver racionalizado, como fazem aqueles que se mostram decididos a seguir a sua jornada pelo caminho da espiritualidade.

O espiritualista não se afasta da sua tarefa, não se queixa dela, não desanima no seu esforço cotidiano, porque sabe a razão de estar na posição em que se encontra, e procura, dentro do seu mister, fazer o melhor possível, na certeza de que é uma peça ativa no conjunto universal. O esclarecido nos problemas espirituais não pode ser ignorante, mesmo que nesta existência se apresente inculto. O espiritualista verdadeiro é alma velha, curtida, experimentada, lavrada pelo sofrimento, que possui, no seu acervo eterno, cabedal volumoso de conhecimentos de valor, que podem não se revelar em cada encarnação, no seu conjunto.

O termo "ignorante" é, às vezes, empregado pejorativamente, em caráter agressivo, mas tal aplicação não encontra apoio na técnica cristã. Geralmente, os que mais se servem de expressões contundentes para atingir o próximo são os que mais precisam de luzes para a retificação da sua marcha. A ignorância que é mais necessário combater é a de ordem espiritual, sem o que o mundo não sairá dessa rotina materialista que o detém.

No trabalho, nas atividades terrenas, todos têm oportunidade de aumentar os seus conhecimentos dentro da profissão que exercem, e devem pugnar por aumentá-los. Procure a criatura não ignorar coisa alguma do que disser respeito às responsabilidades que assumir. Agindo assim estará, automaticamente, ampliando os horizontes da mente, ganhando experiência, produzindo com mais eficiência, e colaborando com os batalhadores das correntes do bem.

A ignorância reflete obscuridade, cegueira e limitação. O espírito, para se sentir feliz, há de encontrar luz: a luz da verdade, do amor, da sabedoria. O encarnado pode mostrar-se inculto, por contingência da vida, mas sua alma também se pode sentir iluminada pelo clarão da luz espiritual.

9. O Sofrimento

O sofrimento está enquadrado na lei de causa-e-efeito, por ser um resultado, uma conseqüência, um efeito, refletindo o mau uso do livre arbítrio.

As causas do sofrimento podem ser:

1) fruto de maus procedimentos cometidos em passado recente ou remoto;

2) descuido momentâneo ou do mau uso do raciocínio; e

3) ocorrência de fatos inevitáveis da própria organização da vida.

No primeiro caso, avultam os atos da maldade humana em que o indivíduo se compraz em praticar o mal, ou egoisticamente se beneficia do prejuízo alheio. Os usurpadores, os mistificadores, os sensualistas, os gozadores da matéria, sem escrúpulos e sem princípios, são os que se agrupam nessa classe de malfeitores, que levam a vida a semear desgraças e a infelicitar o próximo, na ânsia de acumular haveres ou de desfrutar prazeres mundanos. Esses armazenam débitos morais pesados, que resgatam, aos poucos, em encarnações futuras, sob a forma de sofrimentos mais ou menos cruentos, de acordo com a gravidade dos maus procedimentos. Constantemente se observam criaturas colocadas na vida em situações das mais penosas, martirizadas pelo sofrimento, desde os primeiros anos da existência.

No segundo caso, o sofrimento pode se dar por imprudência, sem que se relacione com débitos passado. O livre arbítrio mal conduzido pode ocasionar sofrimentos de maior ou menor duração, por ofensas, antipatias, inabilidades, irritações, maledicências e influência do astral inferior. Nestas circunstâncias, o ser descontrolado, sem o auxílio da espiritualidade, pode cometer falhas e erros que o farão sofrer de imediato. Ligações com indivíduos de moral duvidosa, de hábitos reprováveis, de conduta inferior, ocasionam sofrimento ao associado, muito embora este não tenha feito jus a ele, senão pelo fato imprudente da ligação indesejável. A armadilha está, às vezes, bem preparada, a ponto de a criatura cair nela sem se aperceber e, por isso, cada qual precisa procurar andar alerta, precavido, confiando e desconfiando, submetendo todas as questões à análise do raciocínio sereno, imparcial, desapaixonado e lúcido. Tanto no mundo dos negócios como na esfera conjugal, pode a criatura sem débitos custosos unir-se a quem não deva, por diferença de caráter e

de convicções, o que lhe trará dolorosas conseqüências, pois geralmente a parte menos aquinhoada de bons princípios instiga, insiste e age com recursos invisíveis do astral inferior, com o que consegue o seu intento, aliando-se ao ser solicitado. Assim, por este modo, pode a criatura de boa formação moral passar por sofrimentos torturantes, aos quais não dera motivo, mas a que ficou exposta por haver feito uma ligação imprópria. Comerciantes e industriais devem ver bem com quem se associam, e os jovens precisam tomar cuidado na escolha do futuro cônjuge.

No terceiro caso, encontram-se aqueles sofrimentos oriundos das desencarnações de parentes e amigos vítimas de acidentes inevitáveis, que nada têm a ver com os débitos de cada um.

Conquanto o sofrimento seja indesejável, vê-se, pelo exposto, que em certos casos não pode ser abolido, e com ele terá o ser de fortalecer a sua estrutura espiritual. É preciso saber suportar a dor como um derivativo dos fortes, e fortes todos terão de ser, para poderem ascender a planos superiores.

O próprio Jesus sofreu na Terra, como todos sabem, dando provas de fortaleza espiritual e demonstrando que do sofrimento no mundo ninguém escapa, especialmente quando este obedece a planificações superiormente traçadas em favor da espiritualização geral.

O cadinho do sofrimento também existe, para que nele sejam queimados o orgulho, a prepotência, a vaidade, a presunção, a desonestidade, e assim todos os atributos inferiores e negativos que vêm sendo alimentados pelo ser humano carente de espiritualização.

Com esta compreensão, o sofrimento torna-se suportável, e pode a criatura proceder de maneira a não dar motivo a que ele se processe, quando dispensável, e para isso só existe um meio: a boa conduta, dentro da moral. Por isso, poder-se-ia dizer que sofre demasiadamente quem quer, porque, na realidade, o sofrimento poderia ser consideravelmente reduzido, se os indivíduos não se preocupassem, tão avidamente, com o presente, cheio de ilusões, fantasias e sensações efêmeras.

Uma parte das meditações deveria estar voltada para o preparo do futuro, que é o presente de amanhã. Com este cuidado, qualquer coisa que trouxesse sofrimento seria prontamente evitada. O mal está em que a maioria, por falta de espiritualização, não sabe que grande parcela dos sofrimentos do futuro tem a sua origem, a sua causa, nos procedimentos do presente.

Esta é a verdade que se procura levar a todos, para o bem geral; atentem para ela em benefício próprio; sejam amigos de si mesmos; não troquem a felicidade pela infelicidade, o bem pelo mal, a alegria pela tristeza, o saber espiritual pela obscuridade. A conquista dos bens do espírito não é para privilegiados, que não existem espiritualmente, mas para todo ser, em qualquer situação em que se encontre. Ninguém está inibido de alcançar os sãos propósitos, porque, para isso, não lhe faltarão Espíritos Superiores que o intuam. Ninguém está só. Há uma poderosa corrente afim que une todos os seres de ideal comum, e tanto mais forte será essa corrente quanto mais estiver firmada no princípio da evolução universal.

O sofrimento é, pois, condição do mundo, e precisa ser compreendido espiritualmente. Todos devem munir-se de certa dose de estoicismo para suportá-lo e reduzi-lo em suas proporções. Os espíritos que se encontram no Astral Superior já passaram por grandes torturas, quando encarnados, em processo terreno de evolução; do mesmo modo, os que presentemente se encontram na Terra, arfantes, sob o peso de sofrimento passageiro, terão mais adiante, com a plena lucidez de espírito, a mesma posição ideal desfrutada pelos demais, naquele plano superior.

Os Espíritos Superiores não sofrem em seus mundos de luz, porque ali não existem as coisas que aqui na Terra fazem sofrer; neles não há morte nem procedimentos incorretos; a lei do amor impera na sua concepção espiritual, e as suas ternas e afetuosas vibrações unem todos os seres num ambiente de confraternização. Os espíritos do Astral Superior analisam o bom e o mau e uso que cada espírito encarnado faz do seu livre arbítrio, sendo que os erros cometidos por eles não chegam a causar-lhes dor, face à compreensão que têm das possibilidades de cada um.

No astral inferior não há felicidade de espécie alguma, por ser ele o espaço compreendido pela crosta da Terra. Os espíritos que desencarnam sob o peso da angústia, do remorso, do crime, do materialismo, da sensualidade, dos maus hábitos, da luxúria, da rapinagem e de todos os atos desonestos, ali ficam, influenciados por suas misérias morais até que despertem ou tais condições possam ser modificadas.

Os espíritos que desencarnam sob o peso das maldades praticadas na última encarnação, ficam inteiramente perturbados e é nesse estado que são atraídos para o astral inferior por seres igualmente criminosos e também perturbados, pelas vibrações afins de pensamentos e sentimentos.

Quanto mais tempo esses infelizes permanecerem no astral inferior, maiores e mais dolorosos sofrimentos contraem, para resgate futuro.

Uma alma curtida pelo sofrimento despojou-se de consideráveis cargas negativas. Por isso se diz que o sofrimento é depurador. Evidentemente, os que estiverem depurados estarão suficientemente evoluídos para não sofrerem mais, nem precisarão tornar a reencarnar neste mundo de dor.

Os conhecimentos espirituais ensinam a suportar o sofrimento e a evitá-lo, quando possível e desnecessário.

10. O Desperdício

É muito comum habituarem-se as pessoas a praticar pequenos desperdícios, sob a alegação de que o que se perde, ou se atira fora, tem pouco valor. Mas se levarmos em conta a soma desses desperdícios que uma só pessoa faz, em cada dia, acrescentando os das demais pessoas, veremos que essa soma atingirá a um volume de importância considerável.

Desperdiçar é um defeito de educação.

Há pessoas que se servem, à mesa, de quantidade maior de alimentos do que a que podem ingerir, depois deixam uma boa parte de sobra. Esse procedimento é repetido constantemente nas refeições, com que revelam a falta de senso de aproveitamento, e o muito que ainda têm que aprender.

Encontram-se também donas-de-casa que não possuem o equilíbrio da economia doméstica, e fazem gastos, além da medida tolerável, em produtos ou artigos dispensáveis, o que representa, de igual modo, um desperdício de recursos.

Na arte culinária deve prever-se o preparo dos alimentos que dêem para o número aproximado de pessoas para as quais eles são feitos, naturalmente com certa largueza, mas nunca em quantidade demasiada.

Quem desperdiça demonstra não possuir boa noção de economia. No mundo nada nos pertence, pois tudo quanto é material recebemos para administrar, e ninguém tem o direito de dispor à vontade daquilo que provisoriamente administra.

No desperdício é costume não ser encarada a sua devida gravidade. Não se deve fazer economia por avareza. O avaro, na realidade, se priva das coisas mais essenciais pela mania de acumular riqueza, fato em nada comparável ao senso equilibrado de quem não desperdiça, pela compreensão racional de que não o deve fazer, por uma questão de princípio espiritualista.

O ser humano pode não admitir o desperdício, e, por outro lado, abrir mão de uma fortuna em favor de uma obra benemérita.

O desperdício provém, ainda, da negligência, por não se dar a criatura ao trabalho de pensar para evitá-lo, fazendo as coisas a esmo, sem maiores preocupações. Para não se participar do desperdício, há necessidade de observar um certo cuidado com tudo quanto se executa, pondo o raciocínio sempre em ação e deliberar com acerto.

Nunca se deve jogar fora o que pode ser aproveitado, pois aquilo que não serve para uns, pode ser útil para outros. O ideal é fazer prevalecer o

espírito de confraternização no ser humano, sentindo ele prazer em favorecer o semelhante com aquilo que não lhe seja indispensável ou apenas útil.

Na classe pobre, onde é forçoso economizar, vêem-se colchas de retalhos, roupas readaptadas, móveis conservados à custa de reformas e muitas utilidades feitas com restos e sobras, aparentemente desprezíveis. A pessoa habituada a evitar o desperdício dispõe de mais larga visão de aproveitamento do que as outras, e sabe restituir ao uso objetos que, em outras mãos menos zelosas, estariam condenados ao desperdício.

Não fora o hábito do desperdício de que muitos indivíduos são useiros, a família respectiva poderia desfrutar de melhores condições, através da restrição dos gastos que os desperdícios forçam. Os desperdiçadores não têm consciência do que perdem, e, por isso, não dão nenhum valor ao que desperdiçam. O que atiram fora, de cada vez, como costuma ser de pequena monta, não lhes dá a idéia de conjunto.

O indivíduo inconseqüente se recebesse o seu salário de hora em hora, ao fim do mês estaria, na certa, de bolsos vazios para saldar os pagamentos do mês. A parcela de salário, traduzida em hora, pouco deveria representar, com o que seria desprezada, mas acumulada, soma, e no fim do mês a quantia se torna suficiente para as necessidades. Assim acontece com respeito ao desperdício; se fossem acumuladas as parcelas que lhe correspondem, num só montante, veriam os desperdiçadores, com espanto, o elevado valor que, inconscientemente, abandonam.

O agravo moral do desperdício é maior do que o material. Enquanto com a perda material do desperdício, a criatura deixa de colher maior proveito, no caso espiritual, ele aparece como débito, como fator negativo, como um gravame para o espírito. O desperdiçador há de aprender as regras da economia; enquanto não as aprender terá de enfrentar condições terrenas que nunca serão prazenteiras, pois as lições que obriguem a corrigir erros renitentes são sempre duras e amargas.

No plano Astral, onde as atividades são mais intensas do que aqui na Terra, não há lugar para desperdícios, e os que ainda possuírem essa falha terão de buscar no mundo físico, em encarnações sucessivas, os meios de se libertarem de tal imperfeição.

A posição dos desperdiçadores é mais séria do que comumente pensam, acostumados a não dar valor ao que não traz repercussão imediata. Esta forma acomodatícia dos faltosos é que faz com que o astral inferior esteja repleto de infelizes.

O Racionalismo Cristão não tem o menor interesse material em dizer uma coisa por outra, já que a sua missão é a de esclarecer, é a de dizer a verdade, para prevenir e orientar. Todos estão num mundo cheio de perigos, de fraquezas, de dúvidas, de sofrimentos, e há necessidade de projetar-se luz espiritual que ilumine o caminho. Sempre existiram os que se opõem a reconhecer a realidade que se lhes apresente, desde que esta não seja materialmente palpável pelo sentido do espírito, e esse sentido não esteja envolvido pelas camadas densas da incompreensão sistemática, do pirronismo ou do fanatismo.

O desperdício representa uma falha moral do espírito, que deve ser eliminada. Procure-se atacar esse mal, o quanto antes. Tarefa adiada, corresponde a tempo perdido. Convém meditar neste aspecto do comportamento terreno. Haverá, por acaso, algum prejuízo em aniquilar o mau hábito do desperdício? Os que ignoram que são desperdiçadores, façam um exame de consciência; estudem-se, e sejam justos consigo mesmos. Ponham de lado os argumentos de defesa, quando forem forjados artificialmente. A sinceridade tem de ser conclamada, para a verdadeira definição do que se procura. Os que já abandonaram o costume do desperdício, estão trilhando no caminho da espiritualidade, irmanados com as virtudes que nesse caminho se desenvolvem, com esforço, abnegação e renúncia.

O desperdício chega a ser uma afronta, um desrespeito, um acinte para aqueles que vivem num estado de carência. Portanto, no seio da família humana, devem ser evitados os choques morais, que sempre causam inconformações, fazendo-se o possível para que a harmonia de pensamentos fortaleça a ação de todos e se procure estabelecer, com a ajuda de fórmulas espirituais, um critério de igualdade substancial capaz de equilibrar aquele conceito de ação renovadora que, sem exceção, toca as almas de todos os indivíduos, por igual. A supressão do desperdício é um derivativo da compreensão superior aplicado em comum, generalizadamente, no concerto das atividades humanas.

11. O Fanatismo

O fanatismo é uma obsessão. Apaixona-se o indivíduo por uma idéia, por uma cor política, por uma crença, enche-se de excessivos ardores pela sua causa e quer que os demais pensem e sintam da mesma maneira. Intolerante quanto ao ponto-de-vista divergente, inflama-se quando contrariado na sua particular interpretação.

Não há duas unidades exatamente iguais no mundo, assim como nem dois modos iguais de sentir os fatos. Cada qual tem as suas experiências próprias, e são elas que estabelecem as cores de cada cenário, o qual varia de criatura para criatura.

As idéias devem ser lealmente apresentadas com lógica, base e respeito ao pensamento alheio, e as concepções diferentes dos demais, nem por isso deverão ferir o conceito da amizade. Pelo princípio da liberdade, tão disputado no gênero humano, cada um pensa como quer, sente como melhor lhe agrada e vive como lhe convém, sem se sentir coagido pelo semelhante a aceitar esta ou aquela fórmula restritiva da sua vontade independente.

O Racionalismo Cristão propaga a sua Doutrina; expõe os seus ensinamentos. Os que acharem que eles estão de acordo com o seu modo de ver e entender, que os ponham em prática.

Em todos os setores da vida humana, deve ser adotado esse critério, como resultado de uma boa compreensão acerca dos direitos de todos. O que se deverá fazer, sempre que possível, é esclarecer, orientar, dar, quando solicitado, o seu depoimento pessoal, para as criaturas poderem construtivamente seguir o melhor caminho.

Não é preciso procurar ninguém para incutir-lhes egoisticamente pensamentos próprios. Quem quer saber, procura os meios. As vibrações da Inteligência Universal se estendem por toda parte, e pelas leis da afinidade os encontros oportunos se fazem, quando uma alma deseja ardentemente conhecer a Verdade ou o caminho certo.

Uma das características do espiritualista é a ausência de fanatismo; este, mais do que nenhum outro, sabe que os fatos se sucedem na ordem natural. Os indivíduos mal-educados forçosamente demonstrarão o seu estado rude e grosseiro, mas quando deixarem de ser mal-educados poderão atingir, em requintes de aprimoramento, as mais atraentes qualidades de fino comportamento. Mas isso não se dará numa existência e, sim, ao correr delas. Portanto, dê-se tempo ao tempo. Desenvolvam-se,

pacientemente, as inclinações saudáveis do espírito. Isso se consegue aos poucos, com o poder do raciocínio e da razão.

O raciocínio e a razão opõem-se ao fanatismo e seguem, em paralelo, com a espiritualidade. É forçoso reconhecer que o fanático não se considera como tal, e até se ofende se alguém o classifica nessa categoria. Isto porque todos olham para o exterior, quando mais necessário seria o exame imparcial e introspectivo.

Na política, no esporte futebolístico e nas religiões é que se encontram os mais ferrenhos fanáticos. Os políticos, absurdamente, consideram "inimigos" os que têm flâmulas diferentes. No esporte futebolístico, chega-se a reprimir, agressivamente, os entusiasmos alheios; nas religiões, especialmente nas denominadas cristãs, vai-se ao cúmulo de ter pena de quem não professa a sua mesma crença, por julgá-lo um condenado às trevas!

O fanático tem idéias limitadas, é egoísta, presunçoso, convencido, impertinente e vê as coisas como se estivesse munido de um antolho, que lhe permite perceber apenas uma faixa do cenário que o cerca.

Ao contrário disso, o espiritualismo estimula no indivíduo as idéias largas, os pensamentos altruístas e a visão dilatada de todas as coisas. O espiritualista é pacífico, reconhece que todas as almas, encarnadas ou não, são componentes de um mesmo Todo, a caminhar para uma única meta, que é a perfeição. Se, por um lado, o espiritualista não faz alianças com quem se volta contra as práticas da virtude, por outro lado, não hostiliza, não se imiscui com as suas preferências, na certeza de que o tempo, com a sua ação, há de produzir os seus irreprimíveis efeitos.

Os fanáticos colocam a amizade muito abaixo da sua paixão partidarista. Estão prontos a sacrificá-la, quando sentem que o amigo é de outra corrente. Agem decepcionantemente. As qualidades negativas vêm à flor da pele, ao menor contato. Revelam-se, assim que se apresente a ocasião, por onde se vê que o fanático tem de desprender-se de muitos atributos inferiores, antes de lhe ser possível revelar aqueles dons espirituais e excelsos que definem a natureza verdadeiramente cristã.

O fanático é um candidato a permanecer no astral inferior, após a sua desencarnação. Os seus atos de injustiça, a sua conduta mesquinha, a sua associação com os espíritos obsessores, estabelecem elos de grande consistência para mantê-lo atido àquele ambiente de inferioridade e perturbação.

Combater o fanatismo é um dever e uma obrigação, logo que se reconheça nele um grande mal; combatê-lo em pensamento, em auto-educação, exercendo a força de vontade e a ação controladora. O combate, porém, tem de ser feito pelo próprio fanático, em contra-marcha resoluta e consciente. Os que tiverem boa índole e boa formação moral, conseguirão libertar-se com mais facilidade dessa manifestação obsessora.

Os espíritos obsessores que povoam o astral inferior, são também fanáticos. Cada qual tem a sua espécie de fanatismo, mas todos estão igualmente dominados por idéias fixas.

Fanatismo e espiritualismo são duas correntes antagônicas que não se misturam, não se entrosam, muito embora fanáticos religiosos vivam na ilusão de que são fervorosos adeptos do cristianismo.

Os espiritualistas que, por dever de dedicação à sua causa, voluntariamente se propõem a auxiliar a remover, de onde se encontram, esses infelizes espíritos perturbados e perturbadores do astral inferior, são testemunhas do estado deplorável em que ali se acham aqueles fanáticos religiosos desencarnados.

O Racionalismo Cristão, desejoso de que todos se conduzam pelo caminho da espiritualidade, empenha-se pela extinção do fanatismo, num esforço ingente de esclarecer, à luz da Verdade, o meio eficaz do indivíduo dele se libertar. Esse trabalho é feito desinteressadamente, só prevalecendo aquele desejo de ver reformado o panorama do mundo e transformado o materialismo entorpecente, em espiritualismo renovador.

Como o fanatismo é um dos grandes males que assolam a humanidade, convém pô-lo em relevo para despertar o interesse pela sua descoberta. Trate cada um de fazer um exame introspectivo, analisando a sua atuação no meio em que vive, para ver se descobre alguma coisa que signifique intolerância, intransigência descabida e, por fim, fanatismo.

Assim como o corpo físico manifesta a enfermidade quando a doença está presente, também o estado psíquico demonstra se o ser está ou não enfermo. O fanatismo é uma enfermidade psíquica, aguardando a cura, e esta, quanto mais cedo puder ser ela tratada, melhor. As curas do espírito poderão ser conseguidas por meio da espiritualidade, e também por ela evitados os seus males.

Viver fora do caminho da espiritualidade é expor-se, continuamente, a todos os riscos de que o mundo está impregnado, muitos dos quais tenebrosos. As cadeias e os manicômios são disso a melhor prova. Mas,

fora delas, há, ainda, um número maior de criminosos e perturbados, articulados uns e outros, na maioria, pelo fanatismo.

Lamentavelmente, pouca importância se procura dar ao fanatismo, pela ignorância dos grandes males que ele produz. A origem dessa ignorância está no desconhecimento, quase geral, da vida fora da matéria e das leis que regem a evolução. Fossem pelas seitas, que a si avocam a legenda cristã, divulgadas as responsabilidades que pesam sobre cada um, concernentemente à obrigação de viver na Terra nos moldes da verdadeira moral, com as vistas voltadas para os compromissos assumidos em Plano Astral, e não chegariam os seres terrenos a envolver-se nas inferiores malhas do fanatismo.

12. Os vícios

O astral inferior está repleto de espíritos que adquiriram vícios, quando encarnados, e na situação em que se encontram, dispõem de um só meio de satisfazê-los: é o de se encostar aos seres encarnados, também viciados, para junto deles, em ação vampiresca, se saciarem, associando-se intimamente os seus corpos físicos e os seus sentidos.

Assim, o que foi jogador inveterado põe-se junto à mesa do jogo, encostado àquele por quem nutre maior simpatia, passa a intuí-lo, para que faça os lances que lhe aprazem, e "ruge", enraivecido, quando as intuições não forem captadas como deseja. Outros espíritos, igualmente viciados no jogo, passam a influenciar outros jogadores encarnados, e a peleja astral em torno deles segue renhida, estimulada por impropérios e imprecações. As figuras dos espíritos do astral inferior costumam ser de repelente aspecto, vítimas dos pensamentos que acalentam, engendrados na lama pestilenta do vício.

Idêntico fenômeno se opera com os espíritos do astral inferior que, quando encarnados, foram alcoólatras ou se sentem ressequidos e com um desejo incontrolável de ingerir bebidas fortes e embriagantes, a que se acostumaram, e, para satisfazer esse desejo, se apegam aos ébrios do plano físico e de tal forma conseguem justapor o seu corpo astral ao corpo físico do encarnado, que passam a sentir, como se encarnados estivessem, o sabor do álcool e o efeito atuante da bebida ingerida. Deste modo se satisfazem e continuam alimentando o vício.

Assim também acontece com os que fumam ou se entregam a qualquer outro vício. Há vícios maiores e menores, mas são sempre vícios. Os espíritos viciados do astral inferior estão sempre próximos dos encarnados, à procura daqueles que possuam vícios iguais aos seus. Os que não têm vícios não lhes interessam, ficando, assim, livres dessa péssima assistência. Por aqui se vê quanto os seres encarnados, possuidores de vícios, estão expostos a um duplo malefício: o de ordem material e o de ordem moral, ficando sujeitos não só à ação perniciosa e destruidora da saúde e da resistência física, como a receberem as contaminações de duas origens de obsessores, seja pela acumulação de fluidos deletérios, seja pela ressonância de vibrações inferiores.

O viciado é, pois, um pólo de atração das forças inferiores; ele as alimenta, as mantém em torno de si, recebe as suas intuições e acaba

modificando o seu modo pessoal de ser para tornar-se um reflexo delas, em suas manifestações.

O vício é um dos promotores do suicídio lento, por contribuir, direta ou indiretamente, para o encurtamento da vida, uns atingindo frontalmente a estrutura orgânica do indivíduo, outros corroendo a alma e produzindo manchas no perispírito, que só no curso de outras vidas irão desaparecer.

O viciado, de um modo geral, não escapa ao estágio no astral inferior, após a desencarnação, por estar o seu corpo astral impregnado de efeitos do vício e só no astral inferior existir formas vibratórias suficientemente baixas para absorver tais efeitos, o que se dá num tempo mais ou menos longo, conforme a natureza do vício, a sua intensidade e os males que produziu.

O vício é, pois, um hábito pernicioso que leva o espírito a sofrer os danos morais e físicos dele decorrentes, com os quais muito retarda a sua evolução. A permanência de forças astrais inferiores junto à pessoa do encarnado predispõe-na a adquirir manias, a contrariar os bons princípios, a indispor-se com terceiros, a perder a capacidade de ação própria de pensar e agir com independência, a tornar-se intolerante e enfadonha, deixando escapar as melhores oportunidades da vida. Numerosas infelicidades que poderiam ser evitadas, ocorrem na vida, em conseqüência da ação funesta do astral inferior. Logo, é profundamente condenável todo e qualquer costume que proporcione contato com esses espíritos infelizes da baixa camada atmosférica, que não são visíveis aos olhos da carne, mas que são tão reais como os demais seres encarnados.

O vício alquebra o vigor espiritual, pela razão de sintonizar-se com correntes contrárias, impedindo, assim, que tal vigor se manifeste com a sua maior potencialidade. Quem não estiver ao lado do bem, está, infalivelmente, ao lado do mal, porque não há ponto intermediário neutro para a pessoa se colocar no torvelinho da vida; como o vício não está do lado do bem, por motivos óbvios, está do lado do mal, e, conseqüentemente, também está do mesmo lado quem estiver submetido a ele.

Combater o vício é, pois, um dever cristão, que precisa ser reconhecido e aplicado, sem condescendência. Ele se infiltra, traiçoeiramente, nas criaturas desprevenidas que não se dão ao hábito de raciocinar sobre seus riscos e inconvenientes, apoderando-se delas, é estas passam a defendê-lo, depois, para justificar o seu avassalamento.

Olhando o aspecto econômico da questão, atua o vício como fator de desperdício. Ao tomar-se, para exemplo, o vício do fumo, constata-se que o dinheiro gasto numa existência humana com esse vício, levando-se em conta as fórmulas normais de capitalização e admitindo-se que, diariamente, fosse depositada, em organização bancária, a importância dispendida com ele e seus acessórios, daria em média por pessoa fumante, o necessário para adquirir uma propriedade, ou seja, uma residência para os seus herdeiros. É um valor econômico apreciável que cada viciado no fumo queima, diariamente, em prejuízo da família e, sobretudo, da saúde.

Depois de desencarnado, pode o indivíduo saber — e saberá na certa — exatamente quanto desperdiçou durante a vida terrena com o vício que manteve, já que todos os atos, por menores, por mais insignificantes que sejam, ficam indelevelmente registrados. Verá então quais os benefícios que deixou de prestar aos seres seus afins ou colaterais dependentes, pelo desperdício causado pelo vício. Os ricos, que são mantenedores de vícios, hão de ver que não estiveram à altura de fazer bom uso da riqueza, e poderão preparar-se para uma nova existência de pobreza, quando melhor verificarão quais as aplicações que devem ser dadas às riquezas.

O indivíduo que gasta os seus recursos com o vício não tem o direito de reclamar que ganha pouco e que o dinheiro não chega.

Uma vez que na senda da evolução cada um deve esforçar-se por não ter apego às coisas terrenas, de modo algum há de andar jungido ao vício, que é o mais lamentável de todos os apegos.

As pessoas fúteis têm uma inclinação acentuada pelo vício, e quando não se deixam arrastar pela atração do ópio, da cocaína, da maconha, entregam-se à do fumo, muitas vezes por parecer-lhes um hábito elegante. De elegantes desse tipo está repleto o astral inferior.

Estas advertências objetivam alertar o espírito dos bem intencionados para que meditem sobre o caso, e se disponham a preparar dias melhores para o futuro, nos quais não devem constar registros de práticas viciosas. Para entrar no caminho da espiritualidade, uma das condições é a de poder sentir repugnância pelo vício, desprezá-lo, mantendo-o à distância. A aversão pelo vício é uma questão de princípio, de formação moral, de compreensão espiritual.

Todos os acontecimentos na vida têm a sua origem e são dependentes da lei de causa-e-efeito. Os vícios são o efeito, e a causa é a falta de conhecimento da vida espiritual.

Os vícios terão de desaparecer com a evolução dos seres; eles atestam, enquanto prevalecem, condições deficientes no estado evolutivo. É indispensável que a criatura reconheça essa inferioridade, antes de poder desejar a sua extinção. A campanha contra o vício não poderá esmorecer. Aqueles que estiverem seguros de que o vício constitui um erro de conduta na Terra, devem opor-se à sua sobrevivência, sempre que a oportunidade se apresente. A toda criatura assiste o dever de combater os males, e o vício é um deles. Não se pense, egoisticamente, que o mal que não nos atinge não nos deverá preocupar. Todos somos membros da grande família humana, e é preciso zelar pela sua integridade.

13. As Ilusões

Há pessoas que gostam de viver na ilusão. Dizem que ela faz esquecer a realidade dura da vida. Não pensam que um dia virá a desilusão, e que esta é, muitas vezes, dolorosa.

Poderiam alimentar a ilusão das coisas se a vida fosse, apenas, esta passagem efêmera pela Terra, no curso de uma única encarnação. Se, depois da morte, não houvesse mais nada do ser, se tudo acabasse para sempre, nessa ocasião, se prevalecesse a teoria materialista que admite que com o falecimento do indivíduo nada mais dele resta, então não chegaria a haver a desilusão, após o desenlace, e a ilusão seria cultivada como um diletantismo qualquer.

Mas para quem conhece a vida, na sua expressão real, a ilusão é uma mentira que se descobre, é um engano que se desfaz.

A matéria muito ilude os sentidos, e, por isso, a espiritualização é indispensável para focalizar a Verdade. Grande ilusão para o espírito encarnado é aceitar a sua forma física como sendo o Eu real. Em cada encarnação o espírito toma um corpo, normalmente sem semelhança com o da vida anterior. Quantos senhores sisudos em uma encarnação teriam sido folgazões em existências anteriores. Há necessidade de mudar de sexo, do feminino para o masculino e vice-versa, sempre que, para favorecer a evolução do espírito, essa medida se imponha.

Avalie-se que em milhares de encarnações, milhares de corpos diferentes serviram de veículo ao mesmo espírito. No entanto, quando se vê uma pessoa ou se pensa nela, a tendência é imaginar que essa pessoa é o que é através do que demonstra fisicamente.

Este é, por certo, o aspecto ilusório mais impressionante que o ambiente terreno projeta aos olhos da matéria. Não há outro meio de conservar-se a imagem do semelhante senão pela forma física, enquanto se habitar este planeta. É uma condição do mundo Terra, obediente às leis para ele estabelecidas. Esse fato, porém, não impede que o espiritualista conheça a verdadeira situação não dando força ao quadro ilusório.

Há outros aspectos que levam o indivíduo à ilusão. Entre esses pode-se destacar o caso das riquezas terrenas, em que o ser se sente apegado a elas, como se fizessem parte de sua própria natureza. Dessas riquezas derivam o luxo, a arrogância, o fausto, a prepotência, a grã-finagem, a ostentação, o orgulho, o desdém pelo semelhante, além de uma série de

outros atributos negativos que giram em torno de um centro equipado de plena decoração ilusória.

A medida que a criatura se vai espiritualizando, põe de lado as velhas crenças materialistas que ofuscam o intelecto com o brilho ilusório de uma fantasia imaginária.

Cumpre sair desse torpor, responsável por tantas encarnações perdidas. De nada serve andar o ser a apregoar virtudes, se não sai do mundo da ilusão, se não chega a compreender a Vida como ela é, e se não desperta para o espiritualismo.

Cheios de ilusão estão aqueles que dizem que vão para o céu, que pensam estar com os seus crimes, faltas e erros perdoados, que negam a reencarnação, que acreditam que, após a morte, vão ao encontro de Deus, que os espera, misericordiosamente, sentado num trono.

Só se pode combater a ilusão onde ela exista. Assim, a Terra é um lugar apropriado a esse combate. As vitórias surgem dos combates, e, por isso, é combatendo a ilusão que se chega a aniquilá-la. Para dar-se combate ao inimigo é preciso saber onde ele está, do mesmo modo é necessário reconhecer a ilusão, para desfazê-la. É vencendo a ilusão que o indivíduo adestra o seu raciocínio, expurga-se das falsas crenças, adquire desenvolvimento espiritual e firma-se nas melhores conclusões.

Fala-se em doce ilusão, em ilusões fagueiras, linguagem usada pelos poetas, que andam, quase sempre, com a alma dilacerada de dor. Realmente, a ilusão e a dor caminham de mãos dadas pela mesma estrada. Nada há que mais faça sofrer do que a ilusão da morte. A criatura se sente iludida pela idéia de que ela traz uma separação eterna, que destrói, para sempre, uma amizade, um afeto. Se a ilusão e a dor não andassem de mãos dadas, a chamada morte não teria feição tão dramática.

Livrar-se da ilusão, de todo, ninguém pode neste mundo ilusório por natureza, assim como ninguém atinge nele a plena espiritualização.

A evolução continua em outros planos mais elevados, e mesmo assim, aqui na Terra, grande progresso pode ser conseguido no trato das ilusões. Convém abatê-las onde estiverem, onde forem descobertas, para que se reduzam ao mínimo os seus perniciosos efeitos.

Vale a pena empregar todo esforço nesse sentido, pois é conquista que se não deve desprezar. O importante é não deixar prevalecer qualquer fascínio no terreno envolto na capa da ilusão, em contraposição à consciência real das coisas e dos fatos.

No plano Astral, onde a vida espiritual se generaliza, não há ilusões, e por isso a felicidade ali tem outra expressão, que o mundo Terra não revela. Para fortalecer o espírito, é preciso encontrar aquilo com que lutar, e a ilusão é uma das armas contrárias, pelo que deve ser derrotada.

Os que verificarem que foram iludidos, sentir-se-ão como que atraiçoados, feridos na boa-fé, circunstância que obriga o indivíduo a manter-se vigilante, em estado de alerta, precavido e disposto a fazer investigações. É de investigação em investigação que se chega a conhecer a Verdade, transpondo os umbrais da ignorância e da ilusão.

Veja-se o doloroso quadro dos desiludidos, dos que teceram fantasias e as viram destruídas, dos que basearam as suas esperanças nos frágeis moldes da ilusão. Ilusão é ver as coisas pelo lado irreal; é colocar-se do lado oposto ao da Verdade. Andar pelo caminho da ilusão, é pisar onde não há consistência, é arriscar-se a submergir.

Quantas almas encarnadas arruinaram a sua carreira indo atrás da ilusão, sem pensar, sem raciocinar, mas deixando-se atrair pelas suas enganosas miragens. Quando o ser encarna, vem com o propósito de não se entregar às ilusórias manifestações mundanas, mas, aqui chegando, abandona-se aos convites emocionais terrenos, e cerra os ouvidos às conveniências do espírito.

A ilusão tenta, enquanto a realidade nem sempre é convidativa. Se o demônio existisse, poder-se-ia dizer que a ilusão é a sua arma. Mas, na realidade, a ilusão satisfaz os sentidos físicos e a imaginação sonhadora.

Quem não sonha de olhos abertos, não tem ilusões nem é um desiludido, e, sim, um realista, um evolucionista, um ser que se encaminha para planos mais elevados, em que o aperfeiçoamento continua, sem necessidade de lutar contra ilusões já sepultadas.

Despertar para a realidade, abatendo as ilusões, é ganhar terreno no campo da espiritualidade, é consolidar o patrimônio moral, é enriquecer-se de conhecimentos sábios e úteis, e conquistar mérito para a promoção a classes superiores na jornada eterna.

14. A Leviandade

Os indivíduos de vida equilibrada procuram, por todos os meios, evitar atos de leviandade. Para isso, é preciso controle de raciocínio, senso alto de responsabilidade, hábito formado de respeitar o próximo, acatamento invulnerável à dignidade humana.

Alguns cometem atos de leviandade simplesmente por desleixo, por abandono de si mesmos a um vago modo de encarar os panoramas da vida terrestre.

A criatura pode mostrar-se leviana na maneira de se pronunciar, de se revelar e de agir. Ao expressar-se, nunca deve ofender a moral com conceitos repudiados pela sociedade, numa liberdade de linguagem comprometedora dos bons costumes.

Quanto ao modo leviano de agir, os conseqüentes agravos para a alma são ainda maiores. A decomposição dos lares tem a sua origem, quase sempre, em atos levianos. De leviandade em leviandade, chega-se à corrupção, se não houver uma reação pronta e contrária que altere o rumo dos acontecimentos em marcha.

Nem todos andam preocupados em não cometer atos levianos; se a oportunidade passar ao seu alcance, não deixam de aproveitá-la, afundando-se, em seguida, na lama da concupiscência.

Nenhum ser, antes de encarnar, deixou de trazer consigo o propósito de não cair na fraqueza da leviandade, em cuja armadilha só se prendem os que não fazem uso dos poderes espirituais inatos que, em qualquer tempo, se quisessem, poderiam deles se valer.

Se as leis espirituais permitissem que as criaturas encarnassem sem possibilidade de se defenderem, com êxito, das artimanhas do mundo, seriam insensatas. Como, no entanto, ninguém pode admitir esse absurdo, fica evidente que os que caem, que baqueiam, que se afundam no trajeto da existência terrena, são vítimas de si mesmos, da sua falta de atenção, da indolência mental que adquirem com o mau uso do livre arbítrio.

Viver despreocupadamente, como se não tivessem obrigações nem deveres, só porque o dinheiro lhes dá o que o desejo sugere, é mal de muitos, e desse engano terão de sair, para o seu bem, à custa de lições apropriadas que o futuro se encarregará de dar. É justamente dessa despreocupação que surgem os momentos perigosos, quando o indivíduo escorrega no limo da leviandade.

Qualquer ato desonesto é leviano, e atesta insanidade moral e incapacidade voluntária de reagir contra a decomposição que se opera no patrimônio espiritual do ser.

A leviandade é destruidora, negativista, desmoralizadora. Para vencê-la, precisa a criatura colocar-se em posição contrária a ela, sem se descuidar, sempre alerta, para não ser surpreendida por lances furtivos e imprevistos.

A reeducação do espírito se faz pela leitura e meditação. Leiam-se obras escolhidas, de cunho espiritualista, como as que o Racionalismo Cristão oferece, e ponha-se em prática o que se aprender, que é a única maneira de se atingirem os resultados desejados.

Aqui estão focalizados os efeitos maléficos da leviandade, doença psíquica incômoda, perniciosa, devastadora. O indivíduo leviano é boicotado, afastado, inutilizado. Os que sentem a inferioridade do estigma leviano, não querem familiaridades com seres dominados por essa falha. A aproximação do leviano traz o risco de causar prejuízos, desgraças, desgostos e sofrimentos.

A leviandade é uma debilidade moral que se formou geralmente em encarnações distantes, sem ser combatida, durante muito tempo, dando, como resultado, fixar-se na alma com traços mais ou menos fortes. A terapêutica espiritualista, que não foi aplicada, nos séculos passados, é que pode dar cabo desse desequilíbrio psíquico, pelo escasso conhecimento dessa disciplina. Na realidade, a humanidade tem vivido, até agora, em completo desconhecimento de causa.

É uma leviandade incutir no espírito das criaturas idéias falsas de céu e inferno, com o subalterno intuito de, à custa de dinheiro, exercitarem ofícios que, enganosamente, promovam ou a entrada nesse céu fantástico, ou o esquivamento do terrífico inferno.

A leviandade impera por toda parte, na razão direta da ausência da espiritualidade. Por isso estão cheias as prisões e são precisas legiões de policiais para manterem a ordem, a fim de evitar maiores desatinos provocados por atos levianos.

O indivíduo deverá habituar-se a pensar antes de falar, antes de agir, sempre afinado com o desejo de ser agradável e útil ao seu semelhante, em lugar de empregar termos grosseiros, de baixa vulgaridade.

Cada um deve procurar educar-se a si mesmo, sem necessidade de esperar que outros lhe apontem as falhas. É necessário ver onde está o erro na sua conduta para, então, tratar de suprimi-lo. O leviano traz consigo a

forja em que se manipulam os erros. É possível ao leviano deixar de o ser, corrigindo energicamente o seu modo de proceder. Basta que se disponha a não mais ser leviano, e essa decisão firme será uma barragem, um obstáculo de oposição a esse mal.

O ser, como partícula inteligente que é da Força Criadora, tem em si atributos que podem ser utilizados para o bem, bastando que se disponha a fazer uso deles: são a força-de-vontade, a coragem, a capacidade de controle, o valor, a independência moral, o caráter, a nobreza de sentimentos e a vocação espiritualista. Desde que esses atributos estejam sendo usados com o fim de desenvolvê-los, não haverá mais leviandade que se possa manifestar.

Uma vez que se saiba que os atos levianos produzem manchas no espírito que precisam ser lavadas depois, quase sempre em outras vidas, com dores morais cruciantes, não se justifica que a criatura, por teimosia ou indiferença, queira manter-se nessa falsa posição que lhe trará tão angustiantes transes em caminhadas futuras.

A vocação para seguir pelo caminho da espiritualidade todos possuem, porque todos são espíritos; o mal está em que muitos não querem reconhecer essa verdade, e preferem só acreditar naquilo que podem apalpar, presos a um conceito puramente materialista, que é o principal responsável pela incidência da leviandade.

Sob todos os aspectos, só há segurança para os que se encontram encarnados se não formarem um cabedal de falhas e erros evitáveis e se decidirem a viver de acordo com as normas espiritualistas muito bem codificadas nos verdadeiros princípios cristãos.

O Racionalismo Cristão possui tais normas codificadas, que podem ser encontradas em suas obras. Ninguém, que as ponha em prática, deixará de aproveitar integralmente a sua encarnação, porque não criará nódoas para limpar no futuro, e ao penetrar no seu mundo de luz, após o desenlace físico, terá a satisfação de ver cumpridas as suas obrigações terrenas e resgatados os seus compromissos. Esse fato lhe proporcionará meios de alcançar o nível imediato e superior de evolução.

Quando for incapaz de cometer atos levianos e tiver fortalecida a sua estrutura espiritual por outras práticas de valor moral, a criatura poderá fazer jus a prosseguir na sua rota evolutiva, em meios mais adiantados, amenos, em que desfrute de maior felicidade.

Esses alvissareiros informes não devem ser desprezados, pois se todos andam em busca de maior felicidade, nada mais razoável do que aceitar o caminho que se lhes indica, para satisfazerem as suas aspirações.

O que profundamente se deseja é que todos encontrem essa almejada felicidade, e que não seja mais preciso usar o sofrimento como meio de conduzir os seres ao espiritualismo, e mais: que os ensinos da moral se concretizem na Terra, e todos possam estimar-se, viver em congraçamento, fraternalmente unidos, solidários, com amizade, respeito e amor.

Por isso é que afirmamos que a felicidade existe.

15. A Injustiça

Os indivíduos apaixonados por um partido, por uma causa ou uma ideologia, tomam-se parciais, perdem a visão de conjunto para fixar a sua atenção somente na parte que lhes interessa. Nessas circunstâncias, os julgamentos são unilaterais, cometendo-se a injustiça de apreciar, sem isenção de ânimo, o outro lado da questão.

Ninguém se deve apaixonar por coisa alguma, porque a paixão domina o indivíduo que a possui, tira-lhe a serenidade, afeta-lhe o sistema nervoso, acalora, exalta, choca-se contra outras opiniões, estimula a intolerância, vai até à irascibilidade, passa por cima de amizades, limita a capacidade de entendimento, ofusca a lógica e a razão e favorece a atuação astral inferior.

É sob o jugo da paixão que se cometem as mais graves injustiças, ferindo direitos, fomentando intrigas, levantando calúnias, conspurcando a honra e cometendo crimes. A paixão se manifesta nas contendas políticas, nas questões de raça, no regionalismo estreito, no nacionalismo exagerado, nas crenças religiosas, nas disputas esportivas, nas jogatinas e nos ardores sexualistas.

Em todos esses aspectos, o indivíduo torna-se, quando se apaixona, um cego para a justiça, porque apenas vê, diante de seus olhos, a imagem egoísta do seu desejo pessoal e incontrolado.

A injustiça que se comete pelo mundo está intimamente ligada à maneira estrábica de apreciar os fatos, através da deformação dos sentidos transformados.

A injustiça é uma conseqüência da lei imutável de causa e efeito, tendo a sua origem nos fundamentos materialistas em que, lastimavelmente, se apóia o próprio ensino.

O senso da justiça é inato no indivíduo, tanto que desde pequenino ele o revela, em suas manifestações ingênuas e espontâneas. O homem nasce para ser justo em todas as suas ações, e só por uma perversão da índole, deixa de conservar esse salutar princípio.

Desde o amanhecer na vida física está o ser preparado para colher as lições de espiritualidade, mas encontra no mundo mais facilidades para desenvolver as qualidades negativas que traz consigo, e são tão precárias as orientações nas ordens sectaristas, que o resultado é esse que todos vêem, o de encontrar-se a humanidade mergulhada nesse mar de emoções

materialistas, em que o respeito aos atos de justiça são relegados a segundo plano.

Não há quem não tenha sofrido no mundo injustiças, tantas são as causas que as determinam. A principal delas, contudo, a que envolve todas as demais é a falta de dedicação às coisas do espírito. Por isso, para melhorar as condições terrenas, só há uma solução que é a de se seguir pelo caminho da espiritualidade.

As injustiças fazem sofrer, porque ofendem, diminuem o valor, usurpam, desclassificam, lesam e provocam um ressentimento que custa a ser esquecido. É por isso a injustiça um procedimento agressivo, malévolo, muitas vezes gerado pela prepotência.

A pessoa injusta, além de não ser atraente, apresenta traços de algoz. Antes de perder o indivíduo essa má inclinação de resolver os casos pela prática da injustiça, terá de reformar outros defeitos associados, pois que nesse estado a sua formação moral deixa muito a desejar.

Falhas dessa natureza devem ser focalizadas com o fim de melhor serem percebidas e eliminadas, antes de corroerem mais profundamente a alma, com ação devastadora. Injustiça praticada é dívida contraída que não prescreve até ser resgatada.

Nota-se entre o professorado, especialmente do ensino primário e secundário, mais no âmbito das escolas particulares do que nas oficiais (pois aquelas visam lucro e por isso procuram educadores que se contentem com baixa remuneração), que alguns não têm grande senso de justiça. Os alunos estranham essa falha, que os atinge diretamente. Professores sem o suficiente preparo pedagógico e psicológico exercem a profissão menos por vocação, do que por necessidade financeira, e atuam no magistério como se executassem uma tarefa de rotina vulgar, sem maior sentido, quando o ensino exige dons especiais na aplicação da sua disciplina.

Quando o aluno é um tanto arteiro, é punido com notas baixas; quando se tomam de antipatia por ele, castigam-no nos exames, apresentando-lhe questões que, de antemão, sabem que não vai responder. É o espírito da injustiça que nestes casos está trabalhando a mente do educador. Os exames são feitos para apurar o grau médio da aprendizagem, e não o máximo. Não são poucos os seres que entram em contato direto com o injusto proceder humano, logo na infância, ao iniciarem a vida ativa nos bancos escolares.

Por aí se vê quantas reformas precisam ser introduzidas na estrutura espiritual das pessoas, para que a injustiça deixe de ser um procedimento tão comum. A injustiça é um reflexo do estado mental inadaptado ao meio, pelo desconhecimento do que é a vida, em suas manifestações. Desconhecer o que é a vida, é ignorar o ser humano a sua própria constituição espiritual.

Neste livro, são salientados os atributos que devem ser cultivados para que se verifique uma boa marcha no caminho da espiritualidade, focalizando-se o senso da justiça, inato no indivíduo, que as crianças sentem antes de possuírem amplo discernimento dos fatos, e que se degenera por falta de apoio moral no seio de uma humanidade materializada.

O trabalho do Racionalismo Cristão é hercúleo, por ter de enfrentar barreiras gigantescas do formalismo dogmático que brutalizaram as mentes humanas, imbuídas que ficaram de imagens grotescas de ídolos imaginários e fanatizantes. Hoje, para esboroar essa carcaça montada com a força do pensamento materializado de milhões de indivíduos, é preciso contar com a ajuda eficaz dos Espíritos de Luz do Astral Superior, que superintendem, na Terra, a ação cristianizadora do Racionalismo Cristão.

Esse estado de inferioridade que gera, entre outras mazelas, a injustiça, não durará para sempre, porque atuação segura já se está desenvolvendo no planeta com a edição e difusão de obras saneadoras, com ação doutrinária, com os trabalhos de higienização da atmosfera terrestre e com a revitalização dos pensamentos.

Como diz o preceito cristão "não faças a outrem o que não queres que te façam", assim deve ser a conduta na vida, cem por cento em obediência a essa sábia recomendação. Se o injusto não quer que lhe façam injustiças, deve ser o primeiro a disciplinar-se para não cair nessa fraqueza. Sendo, como é, cristão o preceito citado, ninguém, em sã consciência, poderá arvorar-se em defensor dessa doutrina, revelando-se injusto nas suas manifestações no meio social.

Para merecer a classificação de cristão, não basta a declaração da pessoa se não for acompanhada de atos convincentes em que não se mostre injusta para com o semelhante, nem adote práticas contrárias à moral.

O banimento da injustiça no trato diário de uns para com os outros tem que ser medida imposta pela consciência desperta, e quem estiver decidido a dar esse passo decisivo em favor de uma nova ordem de idéias

cristãmente racionalizadas, que se apresse em tomar posição, porque cada segundo que passa em vã expectativa é tempo perdido que não volta mais.

A remodelação de hábitos e costumes está a exigir uma deliberação enérgica, que cada indivíduo precisa tomar, frente ao novo quadro de convicções, com a alma enriquecida de princípios nobres e altruístas.

Todos devem reconhecer, com justiça, que não anima ao Racionalismo Cristão a menor parcela de interesse material com a elucidação das massas humanas, mas tão-somente a satisfação íntima dos seus membros de verem frutificados os seus esforços gratuitos.

16. A Ingratidão

Uma das falhas humanas mais chocantes é a da ingratidão, que revela uma insensibilidade de alma, uma educação defeituosa, um egoísmo pronunciado, uma indiferença pela solidariedade que não deveria faltar no mundo.

A insensibilidade da alma, com respeito à ingratidão, revela incapacidade emotiva. A emoção e a gratidão nas almas sensíveis ficam gravadas no subconsciente, com traços indeléveis. Se a sensibilidade não for suficientemente forte, os fatos não se registram, e a alma não dá o devido valor ao bem que recebera, esquecendo-se dele com facilidade. Pode-se reconhecer a ingratidão como um fenômeno espiritual de aspecto negativo, que deve ser combatido, não deixando de mencionar, com reconhecimento, todo o benefício alcançado.

A ingratidão é também o resultado de uma educação defeituosa, quando, desde pequeno, não se habitua o ser a compreender o valor de uma dádiva, pelo lado afetivo. É certo que o ingrato traz, de encarnações passadas, o grave defeito, e, por isso mesmo, há necessidade de atentar para a sua educação, com maior rigor. Se a educação não tivesse o valor que realmente tem, não se conseguiriam, por meio dela, os sucessos confirmados. Não se deve descurar de fazer do infante uma criatura grata, sempre que a oportunidade se oferecer, sendo necessário guardar certa vigilância para não deixar passar o momento oportuno de despertar nele o sentido da gratidão. O assunto convém ser focalizado no lar, amiudadas vezes, para que impressione e se grave. Esta prática dá resultado, ainda que o espírito seja rebelde e custe a dar guarida aos bons ensinamentos, conselhos e exemplos.

O egoísmo, que é um mal extremamente pernicioso, lança os seus tentáculos nas mais variadas direções para alimentar a ingratidão. De fato, o egoísta acha que todos têm a obrigação de servi-lo, de colocar-se sempre à sua disposição, de agraciá-lo, e que merece mais do que os outros. Não raras vezes, costuma retribuir um bem recebido apenas com um "muito obrigado" formalístico, e não se lembra mais do episódio. Há ainda os que sempre acham pouco o bem que lhe fazem, e vivem em clima propício à ingratidão.

Não deve a criatura viver pensando que alguém tem obrigação de fazer-lhe qualquer coisa, mesmo que essa obrigação exista. Os pais, certamente, estão obrigados a proporcionar aos filhos tudo quanto

necessitam, mas os filhos têm também o dever de ser gratos aos pais pelo que recebem deles. Só os filhos egoístas não entendem isso.

Filhos são almas encarnadas que se servem de dois seres adultos, os genitores, para consolidar a sua posição na Terra, muitas vezes à custa dos maiores sacrifícios destes. Logo, devem ser muito reconhecidos a seus pais pela oportunidade que lhes deram de possuir corpos físicos indispensáveis à sua evolução, e, por isso, grandemente disputados no plano Astral.

Quase toda criança é egoísta por não se saber controlar; o defeito aparece, espontâneo, sem nenhum disfarce. É ali, nesse egoísmo, que o sentimento da ingratidão pode encontrar meio fértil para o seu desenvolvimento. Os pais que puderem extirpar de seus filhos esse sentimento farão jus ao reconhecimento da coletividade.

Os que penetrarem, depois de adultos, no convívio social, com o repulsivo defeito da ingratidão, desconhecem o valor da solidariedade. Ninguém sente prazer em prestar auxílio à criatura reconhecidamente ingrata. Com isso, aos poucos vai se tornando um ser quase segregado, quando todos têm de considerar-se integrados na grande família humana.

O ingrato é indiferente ao valor da amizade, tanto que a sacrifica com um gesto de ingratidão. Ele desconhece essa falha, não acredita nela, por ser difícil a cada um reconhecer os próprios defeitos, especialmente quando são muitos. Quando são poucos, há sinal de lucidez, virtude que falta ao ingrato. As pessoas de boa formação moral devem procurar induzir o ingrato ao uso da razão, para não continuar a representar papéis tristes.

Acontece, às vezes, que o ingrato vai recebendo favores do amigo, até o dia em que este se veja impossibilitado de o atender mais uma vez. É o bastante para que, esquecidos os benefícios recebidos, corte as relações com o amigo, não raro procurando intrigá-lo com outras pessoas.

Causam decepção e desgosto as pessoas de tal formação moral, que se julgam sempre vítimas do semelhante, quando, na realidade, são elas os maus elementos.

A ingratidão, gerando inimizade, intrigas, maledicência, oferece campo aberto para a atuação do astral inferior, por onde se constata ser ela um mal, de perigosos resultados. A ingratidão afeta a moral, destrói a simpatia e afasta toda a possibilidade de boa aproximação.

No caminho da espiritualidade, não há ponto em que se possa apoiar a ingratidão. Espiritualidade e ingratidão têm sentido antagônico. O ingrato terá de despojar-se dessa sua bagagem inferior para poder penetrar

na órbita espiritual, em que o reconhecimento e a gratidão estão presentes em todas as ocasiões.

Não há quem não tenha motivos para ser grato a alguém por alguma coisa. A vida é de intercâmbio permanente. Ninguém vive inteiramente só. Uns e outros se valem, mutuamente, em todos os momentos. Há uma conjugação de esforços para o alcance de cada objetivo. Isoladamente, cada ser é uma ínfima fração do Todo, e somente este é que é absoluto. Nas correlações entre si dessas ínfimas partes fracionárias, nas solicitações mútuas que essas partes reclamam, está o princípio básico da solidariedade e de confraternização. Logo, ninguém pode prescindir da colaboração forçada, no seio da atividade humana. Dessa colaboração surgem, para todos, os momentos de gratidão. Não deveria haver quem não experimentasse essa ventura, a ventura de ser grato pela demonstração de um gesto solidário, fraterno, amigo, impregnado da essência do amor espiritual.

Os adeptos do Racionalismo Cristão são gratos aos fundadores da Doutrina, por haverem ganho com ela maior conhecimento sobre a realidade da vida e esclarecimentos a respeito da maneira mais correta de agir ou proceder, não só no trato dispensável a terceiros, como em relação à conduta própria. O ser bem esclarecido libertou-se das ilusórias lendas religiosas e emancipou-se das opressões materialistas. Com esta compreensão, a gratidão se revela em estado permanente na alma.

Ao contrário desse modo de sentir, a ingratidão acusa uma incapacidade de compreensão clara e nítida dos fatos. Faça-se uma análise do comportamento iníquo do indivíduo ingrato, e ver-se-á a origem do mal na sua formação psíquica. O ingrato tem um caminho mais longo a percorrer em superfície mais acidentada, do que aquele que é capaz de assimilar o alto sentido do reconhecimento.

No caminho da espiritualidade incentiva-se o avivamento da sensibilidade psíquica, para que aflorem os predicados latentes da alma, e se manifestem as virtudes ocultas no indivíduo. Entre essas virtudes se destaca, como uma das mais belas, a consciência da gratidão.

No plano espiritual não existe a ingratidão, e como a vida espiritualizada na Terra é um reflexo da que é vivida nesse plano, fácil é compreender que a ingratidão será varrida da face do mundo, tão logo seja possível conduzir a humanidade ao caminho da espiritualidade.

Como é importante o trabalho desenvolvido no sentido de facilitar ao ser humano o rompimento com os preconceitos existentes e, de fronte

erguida, poder dar liberdade à alma de encontrar o que deseja, que é a sua espiritualização! A angústia que há por aí, o desassossego, a insatisfação íntima traduzem o desespero oculto do espírito por não poder livrar-se do materialismo narcotizador que, desde o berço, por consolidação de pensamentos escravizantes, vem perseguindo a alma sectárica ou desorientada.

A ingratidão aqui focalizada é um dos efeitos desse mercantilismo materialista cultivado por orientadores espirituais que de espiritualidade nada entendem, é para desprestigiar esse vocábulo, querem confundi-lo com o baixo espiritismo. Espiritismo é a ciência que ensina a verdade sobre a vida, e os que seguem o seu caminho nunca serão ingratos, porque andam, com passo firme, em terreno igualmente firme.

17. A Vida Terrena

Uma vez que todas as pessoas que se encontram habitando este planeta são espíritos, não é de estranhar que queiram saber porque não se faz a evolução no plano espiritual, sem necessidade de criar mundos materiais para tal fim.

A resposta vem do conhecimento que se tem de que a partícula imortal, a centelha desprendida da Força Criadora começa a sua evolução no reino mineral, passa ao vegetal, atinge o animal e se projeta no hominal, como premissa para alcançar, mais tarde, o plano espiritual.

No mundo físico, ainda está a partícula dependente da matéria para prosseguir na sua evolução, coisa que não se dá nos mais variados planos de evolução espiritual.

Na vida terrena estão encarnados espíritos dos primeiros planos sucessivos de adiantamento espiritual, sendo esses planos, ou esferas concêntricas, em relação ao centro da Terra, faixas vibratórias de uma mesma freqüência, para cada plano. Por isso, em cada faixa ou plano, residem almas aproximadamente do mesmo adiantamento espiritual.

O aprendizado não pode ser feito, com eficiência, quando todos os que se agrupam têm os mesmos conhecimentos. Mas, como na Terra há espíritos encarnados de vários graus de conhecimento, o aproveitamento é bem maior. É, pois, encarnando e reencarnando em diferentes meios que a criatura mais rapidamente pode ampliar o seu acervo espiritual.

No próprio lar, pais e filhos pertencem, comumente, a planos diferentes, com o fim de florescer, do convívio cotidiano, uma aprendizagem mais célere, homogênea e equilibrada.

No mundo Terra foram estabelecidas normas especiais que visam a educação da vontade, o exercício do controle e a formação de caracteres sólidos. Aqui são desconhecidos os pensamentos alheios (coisa que não se dá no plano astral), o que permite ao indivíduo, neste planeta, poder faltar com a verdade. Há necessidade, então, de fortalecer as faculdades morais, para não mentir, ao passo que em plano astral a mentira é absolutamente impossível. Do mesmo modo, pelo fortalecimento das qualidades morais, deixará o ser, na Terra, de furtar, de prevaricar, de mistificar, de maldizer ou praticar qualquer ato desmoralizador, disciplina que terá de conquistar, não pelo receio de ser descoberto, de ser acusado e condenado, mas porque a sua formação moral não lhe permitirá um descuido na linha reta de conduta, em respeito à sua dignidade pessoal e integridade espiritual. Este

aperfeiçoamento é o que o indivíduo tem de conseguir na Terra, para poder promover a sua evolução em condições mais elevadas de espiritualidade.

Enquanto a criatura for capaz de trair-se a si própria, enquanto cometer atos que a inferiorizem, não pode conviver em meios onde a lealdade, a sinceridade e a honestidade sejam bandeiras de valor comum.

Indivíduo honesto não é sempre aquele que não tira nada de ninguém, acovardado pelas conseqüências, mas tão-somente o que, em qualquer circunstância, sob nenhum pretexto, com todas as facilidades a seu favor, é absolutamente incapaz de apropriar-se do menor valor que pertença a outrem, ainda que se sinta premido pelas maiores necessidades. O mundo oferece a oportunidade de experimentar tal prova; se cair, o débito fica gravado para futuro e penoso resgate; se vencer, ficará isento de repetir a prova, da qual sairá fortalecido, e é de se registrar que não ficará oculta, mas servirá de regozijo àqueles que, em plano astral correspondente, acompanham, com vivo interesse, a sua marcha evolutiva.

A família de cada criatura não é só a constituída em uma única encarnação, mas compreende todos os demais membros que participaram do núcleo familiar, nas centenas ou milhares de encarnações pregressas. Assim, há sempre, em plano astral, inclusive no mundo próprio, boa porção de membros familiares, além de outros que se tornaram amigos dedicados no correr de várias épocas, que vibram seus pensamentos em favor dos que lutam no oceano tumultuoso da vida terrena.

Desses amigos dedicados, muitos são reconhecidos por favores ou ajudas que receberam, e como o sentimento de gratidão, quando existe, é eterno, não poupam esforços para retribuir, com espontaneidade, o que receberam em horas de angústia ou de incerteza.

Todos na Terra devem semear, sem segundas intenções, boas ações. Como o bem praticado reverte em benefício de quem o pratica, ele ajudará a criatura, em dias tempestuosos, a encontrar saída para os seus embaraços. A boa semeadura concorre, também, para o cultivo da amizade, sentimento que deve abranger o maior número possível de seres e que melhor se firma entre pessoas cujos espíritos sintonizam numa mesma faixa vibratória.

Para esses benefícios tem de haver uma correspondência de esforços firmados em boas intenções, para que não se verifiquem distúrbios nas condições gerais de equilíbrio. Muitos se queixam de ocorrências desfavoráveis, mas devem pensar, antes, se os desfechos não poderiam ser piores e se as conseqüências, aparentemente desfavoráveis, foram provocadas por eles próprios.

Na vida terrena, os procedimentos precisam ser equilibrados, o que quer dizer, sensatos, serenos, prudentes, moderados e virtuosos, sem o que não haverá felicidade, bem-estar, tranqüilidade e saúde. A vida terrena não é só de sofrimentos e angústias; ela também oferece alegrias e satisfações, que serão tanto maiores e mais freqüentes quanto mais na linha de equilíbrio andar a criatura.

O Racionalismo Cristão elaborou o seu Código de Princípios para que todos possam andar firmes por essa linha, a fim de que o infortúnio venha a ser substituído por alegrias e bonanças. Fazem parte desses Princípios, entre outros, os contidos nas seguintes expressões:

1) lealdade e fidelidade
2) fraternidade e amizade
3) probidade e sinceridade
4) dedicação e estímulo
5) convicção e firmeza
6) prestimosidade e ação
7) tolerância e simpatia
8) prudência e moderação
9) comedimento e discrição
10) atenção e cortesia
11) freqüência e assiduidade
12) esmero e polidez
13) eficiência e confiança
14) operosidade e aproveitamento
15) parcimônia e conservação
16) eqüidade e justiça
17) valor e nobreza
18) simplicidade e humildade
19) correção e aprumo
20) vigilância e precaução.

É possível resumir o conceito dessas expressões, da seguinte maneira:

1) **Lealdade e fidelidade**. No culto à lealdade, a mentira não pode subsistir; a fidelidade se associa à lealdade no curso da vida. Ser leal e ser fiel é possuir a qualidade dos fortes. É uma faceta do caráter bem formado. O ser leal e fiel é digno de todo o respeito; a sua fisionomia é limpa; sabe olhar de frente e tem a consciência tranqüila. Lealdade e fidelidade

imprimem na vida terrena um traço límpido, de características admiráveis. A lealdade e a fidelidade estão intimamente ligadas ao espiritualismo. Ambas se completam e são indispensáveis ao comportamento do indivíduo na vida terrena. Elas elevam o ser humano à admiração, e impõem-no como portador de qualidades exemplares.

2) **Fraternidade e amizade**. Quando se diz fraternidade, inclui-se a idéia de afeto pelo semelhante e de amor cristão; esse amor é o símbolo da amizade pura e desinteressada, colocada acima das disputas pessoais. Há seres dignos de serem tratados com intensa amizade, por suas qualidades morais e elevação espiritual. A fraternidade e a amizade precisam, pois, ser cultivadas com todo o carinho, face à grandeza do sentimento que representam. A vida terrena, sem amizade e fraternidade, é despida de sublimação.

3) **Probidade e sinceridade**. Estas duas expressões encontram receptividade entre si. Todo ser probo dá valor às suas palavras, para que não traiam a sua sinceridade. A probidade é inseparável da sinceridade. Ser probo é ser íntegro e escrupuloso, é respeitar, com intransigência, as normas de honradez. Prefere o probo ser pobre, a receber qualquer proveito que não tenha origem na completa honestidade. Os valores terrenos têm, para ele, importância secundária, porque o seu culto é o da honorabilidade, por ser esta uma riqueza espiritual das mais valiosas. A probidade é um reflexo da índole formada em um número considerável de reencarnações, à custa de muita experiência. A probidade é uma grande conquista do espírito, que lhe dá segurança e firmeza.

4) **Dedicação e estímulo**. A criatura tem de ser dedicada ao cônjuge, aos filhos e à família, sem o que fica entregue a falhas morais. A dedicação tem de estender-se ao trabalho, aos amigos e aos estudos. O indivíduo dedicado sente prazer em possuir essa dedicação que o incentiva e estimula. Para exemplificar, aponta-se o caso do estudioso: a dedicação ao estudo produz o conhecimento e a aprendizagem, com o que ele se sente estimulado. Assim, para manter-se o estímulo, são indispensáveis resultados satisfatórios, e estes só se conseguem com dedicação. É preciso, no entanto, haver controle para que a dedicação não ultrapasse os limites racionais e chegue ao fanatismo.

5) **Convicção e firmeza**. Chega-se à convicção de um fato por meio do estudo, da análise, da meditação e do raciocínio trabalhado com imparcialidade. Depois de adquirida a convicção, é preciso firmar-se nela, enquanto não for abalada por outro contingente racional. A firmeza

fortalece o caráter, empresta solidez às ações, reforça as linhas da personalidade e imprime severidade às atitudes de responsabilidade. A convicção e a firmeza se completam na conduta retilínea, conferindo um padrão de confiança às deliberações tomadas no curso da vida.

6) **Prestimosidade e ação**. Ninguém deve querer passar por imprestável. Para isso, precisa ter o senso da prestimosidade, que não se resume em gestos e mesuras, mas em ações generosas. Isto sem se deixar explorar, pois há indivíduos que se servem inescrupulosamente dos mais ardilosos expedientes para iludir o próximo. A prestimosidade atesta, além da consideração que se deve ao semelhante, a compreensão que se tem da vida de relação no mundo. Todos estão como que num campo de batalha, que é a luta contra o mal, e por isso não deve faltar, nesse campo, a solidariedade. A ação solidária se cristaliza, comumente, através da prestimosidade desinteressada, fraternal e cristã.

7) **Tolerância e simpatia**. Como é sabido, todas as pessoas são imperfeitas e encarnam para melhorar as suas condições psíquicas. Logo, é preciso haver uma certa tolerância para com as imperfeições alheias. Para haver tolerância há necessidade de uma compreensão adequada dos problemas da vida. Se houvesse mais amor entre as criaturas, a tolerância se faria sentir com mais freqüência, mas, pelas imperfeições comuns a todos os seres, uns não se fazem amar, outros não têm suficiente capacidade para isso. Entretanto, o estímulo da simpatia pode ser o primeiro passo para o desenvolvimento do afeto. A tolerância pede simpatia, boa vontade, entendimento e compreensão. Ninguém deve ser verdugo implacável ou a palmatória do mundo. Procure-se esclarecer as criaturas sobre as realidades da vida, com boa dose de complacência, interesse pessoal, espírito de conciliação, tolerância e simpatia.

8) **Prudência e moderação**. Estes dois vocábulos têm, cada um, a sua virtude. A prudência é o cuidado de não exagerar, não arriscar inoportunamente, não se intrometer de maneira indevida, não abusar da confiança alheia e não usar a indiscrição. A moderação é a arte de limitar os apetites, controlar os entusiasmos e as tristezas, as palavras e os pensamentos.

Ambos, a prudência e a moderação, exigem equilíbrio moral e espiritual. Com as virtudes que essas duas expressões encerram, abre-se um caminho largo para o êxito e a tranqüilidade de consciência. No mundo dos negócios, seja no comércio como na indústria, a prudência e a moderação são duas qualidades básicas que se impõem pelo que

representam de segurança de estabilidade no movimento dos empreendimentos. São atributos que o espírito deve cultivar na Terra, para o aperfeiçoamento das suas aptidões.

9) **Comedimento e discrição**. Pelo comedimento, adota a criatura os meios de regular as palavras de modo conveniente, sóbrio, respeitoso. O comedimento pede habilidade e sutileza. A discrição é a virtude de guardar o que se ouve, de não revelar assuntos que são ou podem ser secretos, evitando situações desagradáveis e, até mesmo, desfechos funestos.

O comedimento e a discrição obedecem à mesma técnica de medir as palavras com escala e precisão, para não agravar, nunca, a posição do semelhante, que talvez lute por desembaraçar-se de um mau procedimento. O ser deve ajudar, o quanto possa, aquele que se esforça para não soçobrar na vida e não lhe pôr uma pedra em cima, por meio de uma indiscrição. Na vida terrena, em que ao sofrimento todos os seres estão sujeitos, urge cuidar de não fazer aos outros o que não queremos que nos façam.

10) **Atenção e cortesia**. Para haver atenção, é preciso estar sempre atento ao que se passa em redor, mantendo-se a criatura em estado de vigilância. O comandante de um navio, consciente das suas responsabilidades, não se descuida. O mesmo se dá com o barco da vida. Outro aspecto desse estado diz respeito a atenção que se deve dispensar quando se focalizam os assuntos com o interesse que merecem, quando se tenha de tratar as pessoas com a delicadeza que lhes é devida, sendo de boa técnica fazer da cortesia um hábito comum. Ninguém perde por ser cortês, ao contrário, cativa a simpatia, predispõe ao trato afável e contribui para o afloramento das melhores qualidades do espírito. A atenção e a cortesia valem-se uma da outra para intensificarem o trato social elevado, de que tanto precisa o mundo para melhor entendimento haver no seio da humanidade.

11) **Freqüência e assiduidade**. Quando houver interesse por um trabalho que se julgue importante e do qual se deva participar, dê-se-lhe freqüência e assiduidade. Freqüência, quando a presença for requerida para as soluções de responsabilidade, e assiduidade, quando as funções atribuídas reclamam participação permanente e assistência continuada. Em cada caso, assume a criatura responsabilidades definidas, que precisam ser respeitadas. Na vida terrena todos têm as suas atribuições bem caracterizadas, e é preciso dar conta delas, conscientemente. Primar pela ausência, quando a sua freqüência está escalada, ou introduzir intermitência na assiduidade, é falhar no cumprimento do dever, é contrair

débitos morais, é cambalear na marcha pela vida. A freqüência e a assiduidade contribuem, com a sua cota, para firmar no espírito uma consciência esclarecida e harmônica com a normalidade da vida.

12) **Esmero e polidez**. Esmero é uma forma de agir com os olhos voltados para a perfeição; é o cuidado de fazer as coisas bem feitas, e depois melhorá-las sempre. Ele busca o belo, o contorno artístico, o aspecto atraente, agradável, insinuante. O esmero também se enquadra no trato social, quando se associa com a polidez. Como princípio de educação apurada, o esmero e a polidez dão destaque à criatura, de maneira sempre apreciável, em contraste com a impolidez, que desagrada e fere, em parte, por falta de trato ameno, esmerado. Todos devem esforçar-se por tornar a vida terrena o menos possível agressiva, e, neste caso, é preciso cultivar-se, cristãmente, a prática do esmero e da polidez. No início, a quem se acha inteiramente destituído desses atributos, poderá parecer uma execução difícil, mas, com o treino, o exercício e a boa vontade acabarão por fazer o seu papel com espontaneidade, desembaraço e arte, na cena da vida terrena.

13) **Eficiência e confiança**. A eficiência se revela quando a produção é compensadora e o trabalho alcança os bons resultados esperados. Para isso, as pessoas têm de ser eficientes na vida terrena, e os estudantes não menos eficientes para fazerem, com brilho, os seus cursos escolares. Os melhores professores são aqueles que possuem o dom de fazer com que os alunos aprendam. Em toda atividade humana, o fator eficiência é sumamente desejado. É merecedor de confiança aquele que executa bem a sua atribuição e conheça, a fundo, os misteres a seu cargo. É pela eficiência dos cientistas que o progresso nas pesquisas se evidencia. Em qualquer ângulo da atividade humana, deve a eficiência revelar-se através da criatura consciente das suas obrigações. Todas as tarefas devem ser executadas com eficiência, por dever, por princípio, por conhecimento de causa.

14) **Operosidade e aproveitamento**. O indivíduo, na oficina da vida, tem tarefas a executar, e durante as horas dedicadas ao trabalho deve ocupar-se, de modo completo, com a sua obra. A operosidade revela-se pelo rendimento do serviço e o bom aproveitamento dos minutos que correm. Minuto perdido é tempo que não se recupera mais. Quando o período diário de trabalho é bem aproveitado, a produção aumenta e o custo diminui. A operosidade e o aproveitamento concorrem para a melhoria do padrão de vida, com o que lucra a coletividade. Fazendo cada

um a sua parte, os resultados serão surpreendentes. A operosidade, ligada ao ótimo aproveitamento, favorece a constituição espiritualista do indivíduo e o predispõe a novas operações, dentro do seu círculo de ação. Todos os que se dedicam à operosidade intensiva estão filiados à corrente universal do trabalho, que estende os seus benefícios aos seus colaboradores, na proporção do merecimento.

15) **Parcimônia e conservação**. Uma das bases do desenvolvimento da produção está em saber poupar, evitar o desperdício, conjugar esforços para que o rendimento cresça e diminua o preço de custo. Em peças e artigos que são produzidos aos milhares ou milhões, o lucro de uma unidade pode quase nada representar, mas a ínfima parcela de lucro, multiplicada por milhões de vezes, dá resultado compensador. A parcimônia começa com a conservação das peças motrizes da produção, para preservar-lhes a duração. Se a produção for florescente, abrigam-se nela milhares de famílias, e, deste modo, o empreendimento estará contribuindo para o bem-estar da coletividade, favorecendo o seu fator econômico. Cada indivíduo é uma peça da comunidade operante, e se todas as peças do conjunto têm a noção nítida do valor da parcimônia, no fortalecimento de qualquer realização, a estrutura idealizada adquire sólida e pujante contextura.

16) **Eqüidade e justiça**. Ninguém deve querer vantagens que firam o princípio da eqüidade, para não incorrer na prática da injustiça. Situações privilegiadas podem também ser imerecidas, quando simplesmente apoiadas na força do prestígio terreno. Há indivíduos que desrespeitam a ordem natural das concessões, para fazer prevalecer o seu poderio temporal. Esses não estão na altura de exercer as posições que ocupam. Há um sentido de justiça emanante na vida, que todos sentem, desde tenra idade; daí o senso de justiça ser apreciado, por igual, por todos os seres normais, sem constituir um privilégio. Por isso, na vida terrena, não há dificuldade para praticar-se a justiça, quando se está bem intencionado. É roteiro comum das almas encarnadas proceder com equanimidade em todas as atividades relacionadas com o semelhante. No caminho da espiritualidade, esta disposição moral deve ter lugar proeminente, no desejo sadio de agir com imparcialidade na aplicação da justiça.

17) **Valor e nobreza**. O valor e a nobreza evidenciam-se quando a pessoa sabe arcar, estoicamente, com a responsabilidade de seus próprios atos, muito embora a sua atitude lhe traga pesados sacrifícios. Arriscar a vida em proveito de outras vidas é um gesto de valor e nobreza. Há

também valor e nobreza em não denunciar a falha involuntária de criaturas indefesas, mesmo que o silêncio lhe seja desfavorável. Valor e nobreza exigem discrição, orientação segura, critério bem firmado, raciocínio lógico, espírito de renúncia, abnegação e desprendimento. São qualidades geralmente exercidas pelos fortes, destemidos, pelos que têm bem sensível o sentimento da honra. Estes nunca se aproveitam de uma fraqueza alheia para humilhar ou diminuir. O valor e a nobreza estão enquadrados nos altos preceitos espirituais.

18) **Simplicidade e humildade**. Estes dois atributos do espírito andam sempre juntos. O indivíduo de natureza simples e sem vaidade é, no sentido espiritual, humilde, por compreender a vida por tal forma espiritualizada que, para ele, só a simplicidade e a humildade traduzem, com fidelidade, a sua natureza interior. Todos hão de chegar a ser simples e humildes, mas quanto antes puderem alcançar a meta, melhor. Vale a pena a criatura meditar sobre o assunto para descobrir o que deve despojar de si, a fim de caminhar por essa vereda. Mesmo que o fardo da vaidade ainda seja um grande bloco de pedra que tenha de ser arrastado, convém tentar o primeiro ensaio. É preciso começar um dia a dinamitar a pedreira das paixões terrenas que impede a passagem pelo caminho da vida, por onde palmilham os que já abandonaram os despojos que encobriam o sentimento de simplicidade e humildade. Jesus, como todos sabem, foi o modelo da simplicidade e da humildade.

19) **Correção e aprumo**. Cada um, na vida terrena, deve conduzir-se de tal maneira que não dê motivo para que ninguém o acuse de desleixo. A correção no trato, no cumprimento das obrigações e na apresentação, deve ser o resultado de um cuidado constante. O aprumo traz a idéia do sentido vertical, o que deve ser observado, tanto na forma física, como na moral. A correção e o aprumo em pensamentos e atitudes devem acompanhar o ser humano em sua trajetória terrena. A apresentação precisa ser, tanto quanto possível, esmerada, para afastar qualquer idéia de penúria, de desmazelo ou relaxamento. Todos têm o direito de viver com correção e aprumo, evitando dar aos outros a idéia negativa de fenecimento ou de declínio. O espírito é forte e está repleto de força irradiativa. Não se deve consentir que influências estranhas exerçam sobre o espírito uma atuação desmoralizadora, no sentido de fraqueza e empobrecimento. A correção e o aprumo auxiliam, vigorosamente, a manter o aspecto de perpetuidade espiritual, trazendo à mente a idéia de prosperidade e vigor.

20) **Vigilância e precaução**. Sem sobressaltos nem preocupações exageradas, todos devem manter-se vigilante na vida terrena, por precaução. O estado de calma e vigilância predispõe o espírito às inspirações, aos avisos intuitivos, sempre de grande utilidade. Quando se penetra na selva, em que os animais perigosos e agressivos andam à solta e podem estar escondidos em cada moita, toma-se uma atitude cautelosa, vigilante e precavida. Assim, todos no mundo estão sujeitos a golpes imprevistos e traiçoeiros, que demandam cuidado, vigilância e precaução. Entre eles estão a doença, os acidentes e a atuação do astral inferior. Por isso, a vigilância e a precaução devem constituir hábitos bem formados para que a existência não sofra colapsos, sempre indesejáveis. O ser precisa aproveitar os anos de sua vida terrena, ao máximo, para que se liberte, o mais possível, das contas a pagar. A vigilância e a precaução devem estender-se aos atos cotidianos, às providências que precisam ser tomadas a cada hora, e ao movimento diuturno de ações e reações. O espírito normal é de natureza vigilante, é precavido e só perde essa condição quando entorpecido pela matéria, pelas ilusões mundanas e pelas insatisfações sensualistas.

Estes registros objetivam despertar a atenção para os cuidados que se devem observar na vida terrena, a fim de ser ela bem aproveitada, no sentido da evolução. É certo que, nos mundos próprios, há um número considerável de espíritos que necessitam encarnar para ajustar contas com o mundo Terra, mas lhes faltam oportunidades, meios, lares em número suficiente e possibilidade dos casais de criar tantos filhos quantos queiram. Por aí se pode constatar o valor que representa para cada um o corpo físico que possui. É necessário cuidar-se dele, carinhosamente, para que dure muito, sempre em bom estado, a fim de que o aproveitamento de cada encarnação seja o maior possível.

O corpo físico é como que um objeto animado pelo espírito, que se desgasta com o uso e o tempo, assim como o vestuário comum; convém reduzir esse desgaste, dando-lhe os cuidados da higiene, do relativo conforto, da boa alimentação, do descanso apropriado. Procure-se mantê-lo com ótima aparência sempre revigorado pelo estímulo espiritual, pois ele é uma prenda que o ser recebe na Terra, por empréstimo, e é de boa ética manter bem conservado aquilo que se recebe, em confiança, para uso.

O corpo astral, muito mais influenciável do que o físico, recebe, em sua natureza, os traços bem caracterizados de todas as ações boas ou más, praticadas no correr da vida terrena. Esses traços de má origem ficam

gravados no corpo perispiritual, e só desaparecem se transferidos a um corpo físico, que os absorve como se fossem uma esponja, por uma espécie de sucção. Essas marcas, que definem falhas ou crimes, ao se transferirem para o duplo etéreo, revelam-se do mesmo modo que as moléstias em geral, causando ao espírito profundo sofrimento, o que leva a desejar, angustiosamente a reencarnação, para poder livrar-se deles. Alguns, ansiosos por encarnar, sujeitam-se às piores condições físicas.

Os casais que dispuserem de recursos têm o dever de facilitar o processo reencarnatório. Não se pode, dentro das leis espirituais, provocar abortos, a menos que essa medida tenha de ser imposta por motivos ponderáveis. Aqueles que, carentes de recursos, não estiverem em situação de alimentar e educar a prole que, pela ausência de meios, acabará por desencarnar, prematuramente, dispõem de atenuantes para limitar a prole, tomando por método o cuidado de observar os dias de esterilidade da mulher no interregno de cada fase lunar.

A civilização desvirtuou o controle animal da reprodução da espécie. Enquanto os animais inferiores somente se unem para a fecundação na fase própria, o ser humano, por herança atávica de milhares de anos, que teve origem nas bacanais e se expandiu pelo mundo, com profundos reflexos na vida social, sofre, até hoje, da estimulação orgânica, que o leva à desvirtuação do sexo e aos mais condenáveis desregramentos. Os que batalham para vencer ou dominar a ação perniciosa do hábito hereditário e vicioso da constante solicitação recíproca do sexo, em ato de puro materialismo, concorrem para renovar o princípio espiritual de superiorização dos costumes e de elevação moral das práticas humanas.

Todo esforço que na Terra se fizer para evitar a animalização dos hábitos será, em dias futuros, amplamente recompensado. Os prazeres e as satisfações que a matéria pode oferecer são, quase sempre, transformáveis em vícios, ao passo que os gozos e as alegrias no plano astral, além de serem mais intensos que na Terra, são, ainda, perduráveis, porque tecidos pelos fios da virtude.

Na Terra, o indivíduo que aprende a resistir às tentações mundanas e sensualistas, fortalece a sua vontade, domina os valores negativos, robustece a sua individualidade, elimina a fraqueza, que é um empecilho para passar-se de um plano de evolução para outro mais elevado. Todo indivíduo dominado por um vício, seja qual for, está entregue, por ele, a um certo estado de fraqueza.

Indivíduo sensualista é todo aquele que vive para os prazeres materiais, não só para os do sexo como para os demais. O sensualista, enquanto não deixar de o ser, constitui-se num ser infenso à espiritualidade e a tudo que se apresente para reformar a natureza das suas inclinações. A criatura só perde o sensualismo através de reencarnações sucessivas, em que lhe são preparadas condições de vida especiais e capazes de, aos poucos, destruir tal característica. É certo, porém, que as citadas condições especiais são tremendas experiências morais que abrangem períodos inteiros de várias encarnações.

Aqueles que fizeram esforço para abrir os olhos da alma e recuarem, enquanto for tempo, na hora de cometer desatinos ou de se entregarem aos lascivos convites da carne, evitarão receber as queimaduras causticantes correspondentes.

Na Terra não se pode viver despreocupadamente, como se os fatos da vida não tivessem relação nenhuma com o passado, o presente e o futuro de cada ser. O propósito de acertar não deve estar omisso em todos os momentos. Um cochilo pode representar uma oportunidade perdida. Convém, por isso, ninguém se descuidar. Vale a pena repisar que a encarnação deverá ser aproveitada, ao máximo, com inteligência e esclarecimento.

Há sempre um sentido de grave responsabilidade para aqueles que perdem a encarnação, num "entreguismo" insaciável aos convites materiais da vida terrena, a qual foi preparada para fortalecer o espírito, face às tentações e dificuldades, e não para dar oportunidade a que ele se arruíne ou degrade.

É no caminho da espiritualidade que todos encontrarão recursos hábeis para vencer os obstáculos e fomentar o progresso espiritual, e é seguindo esse caminho que a vida terrena se apresenta favorável ao curso planejado, dando a cada um o grande ensejo de atingir elevada luminosidade espiritual. Os seres esclarecidos bem compreendem a razão do mecanismo da evolução, e se submetem às leis traçadas, tirando o melhor partido da vida terrena para a consumação dos seus ideais altruístas e de realização de aspirações de cunho eterno.

18. A Higiene Mental

Pouca importância se dá ao uso do pensamento, que reflete o estado mental de cada ser. Há pessoas inteiramente descuidadas no emprego de palavras, muitas das quais evocam atos que não se distinguem pela boa higiene mental.

Anedotas picantes, de mau gosto, que tendem para a falta de decoro, são festejadas em rodas ociosas ou em agrupamentos em que se procura fazer senso-de-humor.

Nesses momentos, ninguém se lembra de que palavras e pensamentos ficam registrados no éter, e que não vai ser agradável ao indivíduo constatar, mais tarde, que expressões abjetas por ele pronunciadas ficaram gravadas e presas na esteira vibratória da sua documentação astral, e, deste modo, conhecidas de seres, diante dos quais seria, pelo respeito, incapaz de as proferir.

A linguagem obscena é muito apreciada pelos espíritos do astral inferior, e são esses os que mais se regozijam com as anedotas e narrativas de cunho animalesco. Agradar aos espíritos do astral inferior, é mantê-los em sua companhia, permanentemente, e sofrer as influências deletérias e as mazelas que eles transmitem.

É justamente pelo fato de a maioria das criaturas nada conhecer sobre questões espirituais que o mundo está assim tão cheio de males, de desventuras, de sofrimentos. Os espíritos do astral inferior encontram campo aberto no seio da humanidade, pela ignorância do que se passa nessa baixa região astral e das influências deletérias a que todos podem estar sujeitos, desde que delas não se saibam precaver.

A falta de higiene mental nas almas encarnadas é um dos grandes atrativos dessas forças inferiores que vivem em idêntico estado, dando expansão ao seu gosto grosseiro, e todas elas estão unidas pela afinidade de sentimentos.

Logo, ninguém dá bom atestado da sua higiene mental sendo descuidado, comprazendo-se com conversas licenciosas e estimulando os demais a que se sirvam delas para dar-lhes novo curso. Tal contribuição de maneira alguma poderá ser considerada aprovável.

A vida exige compenetração, havendo muitas maneiras de se dar asas ao pensamento bem humorado, sem necessidade de se descambar pela ladeira escorregadia dos assuntos escabrosos e de nenhuma objetividade construtiva.

Não é só o caso de ter a pessoa que conter a sua natureza; é preciso educá-la, convenientemente, para que se estabeleça o bom hábito de não acolher idéias e pensamentos de ordem inferior. Daí por diante, ela não sentirá falta das alusões menos dignas, quando quiser fomentar uma conversação.

As pessoas precisam apurar os dons do espírito e, deste modo, valorizar-se perante si mesmas e diante de seus semelhantes. Todos apreciam a elegância das maneiras finas, nobres e espontâneas, por serem elas vazadas no mais rigoroso propósito de manter-se uma boa higiene mental.

Os que comumente se especializam em assuntos inconvenientes e de baixa significação criam uma aura condizente que bem os individualiza, e se tornam centros de atração das correntes congêneres, de tal modo nelas ficam emaranhados, que cada vez maiores dificuldades encontram para sair desse enleamento. As pessoas espiritualmente sadias sentem choques, impactos, com a simples aproximação de um ente assim formado e, por mais que não queiram, a repulsa é inevitável.

Tanto a higiene física como a mental, indispensáveis ao espírito, fazem parte integrante da sua evolução e contribuem para estabelecer um clima de sanidade moral propício aos melhores vaticínios.

Os que quiserem pautar a sua vida pelas normas espiritualistas não se devem descuidar destes preceitos de higiene mental, porque só assim estarão, passo a passo, atingindo o elevado objetivo da encarnação. Vejam se seria possível admitir um Mestre desbocado! Evidentemente não é preciso ir tão alto para focalizar o exemplo, porque milhares de criaturas são incapazes de descer ao fraco gosto de aplicar, nas conversações, palavras indecorosas.

A educação do pensamento é uma necessidade, que não pode ficar à margem do exercício da força de vontade. Ambas estas faculdades têm de constituir motivos de constante preocupação, para que a boa higiene mental naqueles que não a possuam se converta num hábito comum, de espontânea e livre manifestação.

Pode ser avaliado o estado pouco lisonjeiro da massa humana, no sentido espiritual, por essa maneira imprópria e irreverente de empregar palavrões e termos que escandalizam, pela sua conceituação anti-higiênica.

O indivíduo que sabe conversar em linha de elevação moral, usando a riqueza de vocabulário própria dos idiomas do mundo civilizado, expressando pensamentos limpos, contribui para manter ou conservar um

ambiente de respeito, de dignidade e de consideração para com os interlocutores.

Muitos podem pensar que a higiene mental não tem ligação com o espiritualismo. Esses laboram em grande erro porque a falta de higiene é impureza, ao contrário do caminho da espiritualidade, que é o da perfeição. Esta Verdade é intuitiva, não exige comprovação, bastando que o indivíduo seja sincero consigo mesmo para reconhecê-la à luz da evidência.

Em uma Escola Espiritualista, como a instituída pelo Racionalismo Cristão, a higiene mental faz parte dos predicados que precisam ser apurados para que o ser se desenvolva, como convém, na medida do possível.

Uma vez que é ponto fundamental acelerar o processo de espiritualização da humanidade, nenhuma brecha deve ser concedida ao escoamento dos esforços no bom sentido adotado. Por isso, o cuidado com a higiene mental está incluído nos demais que formam o conjunto saneador, capaz de conduzir a criatura à remodelação procurada.

Quando se dá combate a um mal, investe-se sobre o mesmo, por todos os lados, não se lhe permitindo a menor oportunidade de êxito, para que os resultados sejam satisfatórios. O erro de não se dominar a falta de higiene mental precisa, por isso, ser rigorosamente combatido e, por fim, aniquilado para haver coerência no modo de se encararem os problemas que impeçam a evolução, em sua plenitude.

Em se tratando dos pais, que precisam dar exemplos edificantes aos filhos, maior soma de responsabilidade lhes cabe na má educação, transmitida, com desprezo, pela higiene mental.

As reservas espirituais de cada ser não podem ficar maculadas com as impurezas dos impropérios e as levianas narrativas de panoramas imorais de histórias que turvem a mente e envileçam o pensamento.

Quando se mentaliza a imagem moral de um espírito de luz, não passa pela cabeça de ninguém fazer associações desse ente com pensamentos menos elevados e puros; pois os que se espiritualizam marcham para esse estado de iluminação, com a evolução normal, e desde já urge cuidar, com esmero, da sua higiene mental, como parte completiva de uma prática que tem de ser exercida em todos os momentos, para que se consume o ideal da superiorização dos dotes espirituais.

19. A Salvação

Entre os adeptos das numerosas seitas denominadas cristãs, há os que pregam suas ideologias, de Bíblia na mão, e, por isso, em algumas regiões, são conhecidos pela alcunha de "bíblias".

As interpretações da Bíblia diferem de uma para outra seita, mas todas pregam a salvação. Ensinam que aquele que acreditar que Jesus derramou o seu sangue na cruz para o salvar, estará salvo.

Salvo, quer dizer livre de pecado, com a sua entrada assegurada no Reino dos Céus, após a morte, onde se avistará com Deus, sentado numa espécie de trono, tendo à sua direita o seu filho unigênito, Jesus. Ali aguarda o momento de julgar os vivos e os mortos. Os que antes de morrer foram salvos, ressuscitarão, em carne e osso nessa ocasião. É o que revela a Bíblia.

Nada mais simples e cômodo do que adquirir, de maneira sumária, tal salvação. Ninguém é admitido nessas seitas sem fazer profissão de fé, que consiste no ato de obter a salvação. Os que se salvaram, porque creram, tornaram-se "crentes", termo pelo qual gostam de ser chamados.

Os crentes são seres privilegiados, segundo acreditam, por se haverem tornado, consoante a mística bíblica, ovelhas do rebanho do Senhor, pastoreadas pelo Bom-Pastor, que no caso é, como dizem, o Senhor Jesus Cristo.

Acontece, porém, que, na dura realidade dos fatos, todos os que se encontram encarnados são imperfeitos e estão sujeitos a errar, uns mais, outros menos, conforme o seu acervo espiritual acumulado em numerosas vidas passadas. Mas quem está salvo está limpo do pecado, e não pecará mais; daí a dificuldade de harmonizar, no seio dessa família de crentes, dois fatos antagônicos: a pureza com a imperfeição. Sustentar a pureza com a imperfeição latente é impossível, e daí decorre a circunstância de se verem os crentes, em certos casos, obrigados a encobrir falhas cometidas para que outros não vejam empanada a suposta pureza, pois, se tal se desse, não faltariam motivos para exclamações de espanto e outras manifestações escandalosas.

É realmente essa uma situação falsa em que ficam colocados os crentes, face à posição de "salvos". Nada como a verdade, sem mistificações e hipocrisias, em que a criatura não precise ser diferente do que realmente é.

No Racionalismo Cristão é bem conhecido o quadro triste daqueles que, quando na Terra, julgando-se salvos, criaram uma coleção de imagens fantasiosas e irreais, que tiveram de ser desfeitas, com grande sofrimento, após a desencarnação.

A salvação de cada um — se esta expressão se puder empregar — está no esforço que fizer para não cometer erros e cumprir rigorosamente os seus deveres; essa salvação não lava o passado, não elimina os débitos que terão de ser resgatados. Uma excelente conduta salva o indivíduo de queimar-se em orgias mundanas, e nada mais.

Uma vez que a idéia da salvação foi criada para se associar a lenda do céu e do inferno, deixará de ter a significação que as seitas lhe concedem, desde que fique reconhecida a verdade sobre as leis da reencarnação.

Na realidade, a palavra salvação para os crentes indica que o indivíduo se salva do inferno e vai para o céu. O clero, além de céu e inferno, criou o purgatório, estação intermediária entre um e outro. Esta criação é muito rendosa, pois possibilita aos crédulos pagarem missas, por meio das quais poderia a alma passar desse reduto para o céu. Estabeleceu-se essa transação mercantilista e enganosa para retirar, falsamente, o pecador ou o criminoso do purgatório, e recomendá-lo ao céu.

A criação do purgatório, que muda completamente a técnica da salvação, não é admitida pelos crentes. Note-se que tanto os que afirmam a existência do purgatório — o clero como os que a negam, os crentes — dizem-se inspirados pela Bíblia, e chegam a essas conclusões opostas, pela força de suas interpretações.

Atrás da salvação andam os indivíduos ingênuos, que nada sabem da vida espiritual. Não é possível que uma criatura se deixe embalar por promessas tão frágeis, se tiver algum conhecimento da vida no plano astral.

Assim se demonstra que a falta de espiritualidade domina uma legião de adeptos das várias seitas e religiões, os quais foram atraídos para elas na doce ilusão de poderem comprar o céu ou de libertar-se da condenação certa do inferno, gostosamente enganados pela afirmativa vã de alcançarem uma salvação inexistente e falsa.

É muito mais agradável poder chegar-se ao delinqüente e oferecer-lhe salvação — oferta que ele receberá com alegria — do que revelar-lhe a verdade nua e crua, mostrando-lhe a necessidade de preparar-se para o resgate integral de suas faltas, com sacrifício e dor, em encarnações

sucessivas. Por esta razão, a grande maioria prefere ser consoladoramente enganada, do que conscientemente alertada. Não fosse isso, a evolução do mundo teria já alcançado condições elevadas de grande significação moral e espiritual.

Há os que fanaticamente batem de porta em porta e fazem comícios nas ruas, oferecendo a salvação, prática que vale, segundo eles, para desviar os seus ouvintes dos vícios e da má vida que porventura levem. Muito maior proveito haveria se, em lugar de proclamarem vantagens impossíveis, se limitassem a contar as coisas como realmente são, e induzissem a todos a cuidar do presente, transformando o seu modo de viver, de maneira a imperar, em todos os sentidos, a elevada moral cristã desdobrada em códigos de sabedoria adredemente preparados.

O que se quer é mudar a mentalidade reinante, tornando-a sensível ao bem, e consciente e iluminada por meio de uma compreensão racional dos princípios eternos. O ser precisa ter a noção de que é ele próprio que tem de construir a sua felicidade permanente para não andar atrás dos recursos mágicos de uma ilusória salvação.

Vale a pena meditar sobre o assunto os que não se sentirem apegados a uma idéia fixa e não se julgarem incapazes de quebrar algum tabu que carreguem, desde a infância. É meditando profundamente que se chega a conclusões satisfatórias, uma vez que o raciocínio trabalhe com lógica, discernimento e desapaixonadamente. Sem estas condições, nunca se chegará a bons resultados prevalecendo as dúvidas e a confusão.

No Racionalismo Cristão dá-se grande valor à Verdade, e não se quer, de modo algum, ver alguém torturado pela incerteza, pois onde estiver a incerteza, a Verdade não penetrou. Há meios de conhecer a Verdade dentro do alcance da mente humana, e pode-se asseverar ser uma grande intrujice a afirmativa da "salvação". Esta é a conclusão a que todos terão de chegar, certos de que, no fim, somente a Verdade ficará de pé.

Diante disso, deve cada um tratar de averiguar os fatos quanto antes, à luz da razão, e enfrentar com coragem a própria situação. No mundo nada está perdido, com respeito aos fracassos morais, já que tudo se recupera, com o tempo, em ação evolutiva, e tanto mais depressa se atinge o alvo quanto mais disposta estiver a criatura a abandonar a crendice, a imagem fictícia, para aceitar postulados racionais e verdadeiros, que não estão ocultos, mas firmados, categoricamente, nas correntes espiritualistas, de que tratam as obras Racionalistas Cristãs, mais rapidamente toma o caminho da evolução consciente.

20. A Regeneração

É neste mundo que o indivíduo se degenera, quando faz mau uso do seu livre arbítrio, e é também aqui que se regenera. A partícula inteligente, assim que ingressa no gênero humano, recebe esse atributo do livre arbítrio, e o seu raciocínio está suficientemente desenvolvido para a prática do discernimento.

Enfrenta, logo de início, as tentações do mundo, não sentindo, nessa altura, atração por elas, mas, se as experimenta e gosta fica inclinado a prosseguir, absorvendo-as. Vem, então, o hábito do uso e do abuso das formas tentadoras terrenas, que se vão multiplicando, com o desabrochar da civilização. Estabelece-se, daí, o império do vício.

Impregnado de hábitos viciosos está o indivíduo em plena fase de degeneração, mas esta não lhe traz bem-estar, alegria ou satisfação. Ao contrário, produz um estado de melancolia, desgosto, angústia, e acontece que o ser procura, ansiosamente, desde os primórdios, a felicidade; ele sente que ela existe, e quer alcançá-la. Passa, então, ao processo de regeneração.

Obviamente, ninguém tem que regenerar-se se, antes, não se degenerou. A degeneração, que não é um acontecimento imperioso, inapelável, se dá por descuido, por abandono dos preceitos morais que nascem com o indivíduo, e a regeneração é o recurso.

A espiritualização, além de evitar a degeneração, ainda conduz à regeneração. Por aí se vê a importância, a imprescindibilidade do esclarecimento espiritual e das práticas espiritualistas.

Os vícios podem adquirir-se, rapidamente e com facilidade, mas a recuperação da virtude é lenta e difícil. O rolar para o fundo de um abismo e encher-se de equimoses é obra de um instante, mas recuperar a posição perdida, galgando o topo do aclive, é tarefa árdua, muito mais demorada, e exige grande esforço.

Milhares de espíritos reencarnam, diariamente, na Terra, com o fim de regenerar-se, por haverem verificado, nos seus mundos, o seu verdadeiro estado psíquico, e se certificado de que a reencarnação é o único caminho a seguir. A Terra é o cadinho regenerador. Aqui se acham classificadas e ordenadas todas as formas de sofrimento e as mais variadas experiências, capazes de quebrar as resistências dos mais inflexíveis delinqüentes.

O mundo está cheio de ladrões, de assassinos, de criminosos de toda espécie, que irão desencarnar, para reencarnarem depois. O trabalho Astral é feito no sentido de que esses infelizes conspurcadores da própria alma possam encarnar num meio em que a regeneração se venha a processar.

Por vezes se encontram lares sadios em que no meio da família está um ou mais desses espíritos criminosos que se revelam rebeldes, de difícil educação, desatenciosos, indisciplinados, violentos, sem escrúpulos, e de má índole. Esses dão grande trabalho, grande preocupação e desgosto, pela insensatez com que agem. Mas é preciso suportá-los e empregar todos os meios, sem desânimo, para trazê-los à razão. Traços tenebrosos assinalam o passado desses indivíduos.

Outra coisa não há a fazer senão encarar o problema com entendimento e fortaleza de espírito. Alguém teria de receber essas almas para a regeneração, e os escolhidos para a tarefa não se podem recusar ao que lhes fora imposto. Qualquer razão havia para isso. Podem os preceptores não conseguir grande coisa, no sentido da remodelação, mas em não deixar aumentar os débitos e ainda que pouco façam em seu benefício, já representará uma ajuda para que na encarnação próxima-futura nova etapa possa ser vencida.

Todos os que estiverem no caminho da iluminação espiritual precisam convencer-se de que já deram muito trabalho a outros, nas encarnações remotas, aos quais devem parte do seu progresso na senda espiritual, e que justo é que prestem o seu auxílio aos que lhes forem entregues no seio da família.

Não haverá um só que, precisando, não seja regenerado, embora leve inúmeros séculos, milênios até, mas o dia da regeneração chegará, porque não há perdição eterna nem sofrimento imorredouro. É uma questão de apertar as tenazes da dor — e elas são apertadas — para abreviar o curso. Não faltarão desgraças, doenças, deformações físicas, miserabilidade, para que, ao cabo de certo tempo, o ser aparentemente irredutível, comece a raciocinar com acerto e a ceder, em seu favor.

A degeneração é um mal psíquico, intolerável, que deve, portanto, ser destruído com o sofrimento regenerador. Somente na Terra se encontram os elementos capazes de produzir esse sofrimento ardente e higienizante. Nos planos Astrais, não há condição para isso.

Diante dessa necessidade é que se trabalha espiritualmente, não só no Espaço como no planeta, por intermédio daqueles que são destacados para esse fim.

Com o aumento da população terráquea, tem crescido, de muito, o número daqueles que perturbam a harmonia do conjunto humano com as inferioridades dos seus espíritos. Os espiritualistas não se têm avolumado na mesma proporção, de modo que há um déficit acentuado na balança das compensações. Este fato obriga a um esforço maior, a uma diligência mais atenta, por parte dos esclarecidos, para que os conhecimentos espirituais se alastrem e difundam em todas as camadas sociais.

O Racionalismo Cristão trabalha, intensamente, nesse sentido, sob a direção do Astral Superior, para romper as trevas da ignorância espiritual, responsável pelo caos em que se encontra mergulhada a maior parte da humanidade.

Famílias em grande número, integradas por elementos carentes de regeneração, lutam com as maiores dificuldades para amenizar o problema, por falta de orientação espiritual. Muitas delas, por esse motivo, estão na contingência de se verem em falência moral, pela ausência quase completa de meios próprios. Esta é a verdadeira situação, que é reconhecida pelos que se acham providos da devida acuidade para analisar, à luz da verdade, os fatos.

Esses milhões de seres humanos que aí estão carentes de regeneração estarão de volta ao planeta, dentro de algum tempo, e precisarão de lares que os recebam, lares verdadeiramente cristãos, que possam lutar contra as suas deficiências morais e espirituais. Por certo falará neles a voz do egoísmo, da usurpação, da sensualidade com que se revelam, presentemente, e se não houver mão forte de criaturas estribadas no espiritualismo, o insucesso se tornará uma ameaça.

Cumpre àqueles que se adiantarem nos conhecimentos espirituais preparar-se para o futuro, enrijecendo a têmpera do caráter e da ação, para poderem triunfar nas novas tarefas que receberem. Enriquecer o patrimônio espiritual é necessidade imperiosa, para que não faltem recursos na hora da apuração dos reais valores.

Essa hora de apuração é aquela em que os que estiverem aptos e disponíveis para o trabalho de regeneração prestem o seu concurso e dêem o melhor de si para o êxito da missão. Muito trabalho irá acarretar essa multidão que anda por aí desejosa de locupletar-se, seja lá do que for. Esses indivíduos estão com falhas de regeneração, agindo com cupidez, sem saberem que a colheita é obrigatória para o próprio autor. Veja-se como campeiam por toda parte a desonestidade, a falta de pudor, a indecência, a nenhuma importância que se dá a virtude. A degeneração

moral transformou-se numa epidemia. Para grandes males, grandes remédios. Os grandes males estão aí; só faltam os grandes remédios, que também virão.

21. A Consciência

A criatura tem, na consciência, o juiz dos seus atos. Quando pratica o mal, a consciência lhe dói, insurge-se e protesta. O indivíduo só está em paz com a sua consciência quando as suas ações afinam pelo comportamento correto, legal, em plena consonância com a moral cristã.

Acontece, porém, que quando a criatura insiste em proceder mal, a consciência vai cada vez doendo menos, vai se amortecendo o seu vigor moral, aos poucos perde a sensibilidade, a ponto de parecer que está morta. Os grandes criminosos têm a consciência insensível, sufocada, muda.

Ao contrário, quando o indivíduo se esforça para andar sempre pelo caminho do bem, consultando, a cada passo, a sua consciência, ela se toma sumamente sensível e se mantém nas melhores condições de receptividade para atender aos apelos que lhe são endereçados.

A consciência é uma das faculdades espirituais de maior valor. Sem ela, seria impossível conduzir-se o gênero humano. Só os animais inferiores e os criminosos inveterados agem inconscientemente.

O astral inferior está repleto de entes que não quiseram, quando encarnados, ouvir a voz da consciência, deixando-se empolgar pelos instintos que os levaram ao estado animalesco. Ninguém que tenha dado ouvidos à voz da consciência, no curso da sua existência terrena, passará pelo dissabor de estagiar, depois da desencarnação, nos antros pestíferos do astral inferior.

O ser ascende ao estado humano logo que adquire recursos para fazer bom uso do livre arbítrio e para ouvir e respeitar a voz da consciência. Se todos bom proveito tirassem desses atributos, que se acham ao dispor de cada um para a solução dos problemas terrenos, a vida seria um permanente manancial de alegrias e satisfações.

A falta de consciência é revelada sempre que se constatam atos recriminantes contrários às leis naturais, ao progresso, ao bem-estar coletivo. Ela aparece nos lares, no trato com os familiares, no trabalho externo, nas relações hierárquicas e na vida pública, nos postos governamentais.

A desordem administrativa, o elevado custo de vida, a falta de assistência social, que tanto prejudicam a estabilidade dos encarnados, são fruto da irresponsabilidade, de ambições descontroladas, de desvios de energias, de desequilíbrio moral, e têm, como origem, o desprezo pela voz da consciência.

Ninguém diga que procedendo mal, agindo com incorreção, deslealdade e desonestidade não sabe que está errado; o indivíduo erra, conscientemente, na maioria dos casos, para beneficiar-se e dar satisfação aos seus interesses subalternos e inferiores, que falam alto no seu interior.

A Força Criadora possui a Consciência Absoluta, e as suas partículas componentes, como espíritos encarnados ou não, expressam-se pela consciência, como derivativo moral de condições espirituais. Viver, pois, de acordo com a aviventada consciência, é ajustar-se às leis que regem o Universo, as quais, quando unanimemente respeitadas, induzem ao equilíbrio em todas as funções.

Muitas vezes, por um dever de consciência, tem o indivíduo de agir contra os próprios interesses, mas nem por isso deve vacilar em dar o seu pronunciamento honrado, à custa de qualquer sacrifício. Desta vida terrena, o que se leva para o acervo espiritual são somente os feitos dignos e nobres que tenham servido de exemplos a outros para a manutenção da estrutura ideal dos hábitos e costumes, e a efetivação de todos os princípios moralizadores.

Normalmente, o indivíduo que trabalha não o fará porque o chefe está exigindo; os alunos que estudam não o farão pelo temor de castigo, mas num como no outro caso, o que deve imperar, acima de tudo, é a voz da consciência. O trabalhador e o aluno não precisam ser vigiados para que cumpram os seus deveres; cada qual tem de dar satisfação à sua consciência e, por isso deve trabalhar e estudar conscientemente. Este o panorama correto da questão. Todos precisam ter consciência das suas obrigações, e deverão executá-las tão bem como melhor puderem, independentemente das exigências de terceiros. Por este modo se apura o senso da responsabilidade, que anda tão escasso no mundo.

No caminho da espiritualidade é a voz da consciência que deve ecoar, em todos os momentos, pois se o desejo é o de acertar, não existe nenhum meio mais indicado do que atender ao sentido justo das coisas, com a interpretação pautada pelo bom-senso, pelo equilíbrio, pela razão.

A voz da consciência reflete sempre uma orientação superior, quando ela é realmente da consciência. Muito cuidado com as intuições do astral inferior. Analise-se, antes, a pureza das intenções, pois as forças inferiores, como todos sabem, não transudam pureza. Não se queira atribuir à consciência resoluções despidas de grandeza moral.

A consciência não se educa, por ser a educação nela inata; ela se revela através da alma, de forma cada vez mais apurada, na medida da

evolução já alcançada. Esse apuramento decorre do fato de tornar-se a criatura, pelo processo evolutivo, com maior entendimento, mais capaz, mais esclarecida, mais consciente. A consciência dos fatos se dilata na proporção do aumento da capacidade individual, e de conformidade com a modulação vibratória que se desenvolve, até sintonizar com a consciência Absoluta.

Subordina-se, assim, a expansão do estado de consciência ao progresso espiritual. Eis porque só no caminho da espiritualidade encontram os seres os meios eficazes para atingir os mais altos graus de consciência. A espiritualidade é sempre a base, o ponto de partida para toda e qualquer iniciativa que tenha por objetivo alcançar os páramos superiores de evolução.

Dá-se, deste modo, no Racionalismo Cristão, o maior relevo ao acatamento que se deva conferir à voz pura da consciência. O que se precisa educar, para ouvi-la, são os ouvidos, o raciocínio e a lógica, para compreendê-la. Somente no trato diário com as questões espiritualistas se chega a sentir o efeito harmonioso das deliberações que marcam diretrizes sob a influência estimulante da voz da consciência.

Oxalá possa a humanidade, o quanto antes, dar mais valor aos ditames da consciência. A falta de lealdade de uns para com os outros tem sido a causa principal de se não consultarem os nobres preceitos da consciência. Não se cogita fazer o que melhor fala à razão, mas o que mais convém. No que mais convém estão, quase sempre, os interesses materialistas inferiores e o egoísmo, que procuram manter-se velados.

Não é correndo sofregamente atrás de riquezas terrenas para dar expansão aos desejos ocultos, de aspecto negativo, que alguém poderá despertar a consciência adormecida no íntimo de sua natureza. Aproxime-se, cada um, da sua consciência, vivendo com renúncia, com desprendimento, com elevação moral e o propósito salutar de algo produzir em favor da coletividade.

A consciência adormecida pode sempre ser despertada, desde que mudem as aspirações acalentadas, desde que se transforme o sistema de entender e procurar a felicidade, desde que se tenha por finalidade buscar para o espírito os tesouros eternos que lhe têm de ser agregados.

Isso não significa que é preciso despojar-se das riquezas terrenas; o uso dessas riquezas é que deve ser feito racionalmente, consoante a serventia que oferecem, sem permitir que obliterem o vigor da consciência.

Neste ato reside a sabedoria que deverá ornar a vida espiritual dos que se propõem a atravessar a existência terrena pelo caminho da espiritualidade.

22. A Compreensão

A compreensão das coisas adquire-se pelo hábito da ponderação, e esta resulta da meditação.

Quando se deseja ter uma visão clara de qualquer assunto, compreendê-lo bem em todos os seus ângulos e facetas, é preciso aprofundar o pensamento em seu estudo e esmiuçar todos os pontos obscuros.

A meditação serena e concentrada, sem deixar que o pensamento esvoace ou tome rumos estranhos, é a maneira hábil de conseguir-se penetrar no âmago das questões, convindo notar que a meditação profunda proporciona ligação mental com o oceano cósmico dos conhecimentos emanantes da Sabedoria Universal.

Há indivíduos compreensivos a quem se pode apresentar uma tese, uma dúvida, uma dificuldade, que será encarada por eles com a simpatia correligionária de entidade humana; ao passo que outros são incapazes de aderir, com solidariedade, ao tema, e, no comum das vezes, arvoram-se em críticos acerbos ou juízes condenadores.

A vida é cheia de problemas, e cada um, no seu posto, tem de enfrentá-los, como puder, muitas vezes com carência de recursos pessoais por falta de experiência, de tirocínio e de traquejo.

As dificuldades alheias não devem ser vistas com indiferença ou pouco caso, quando a solicitação é feita por quem se vê em situação embaraçosa. A maneira de ajudar, nessa hipótese, prevê, antes de tudo, a necessidade de compreender a verdadeira situação da vítima, sentindo-a como se ferisse a própria carne do solicitado, se ele estivesse colocado naquela emergência. Depois, então, aplique-se o socorro possível.

É indispensável que todos se compenetrem de que os seres pertencem a um mesmo conjunto humano, e nesse caráter, cada um é uma parte, uma fração desse conjunto, não lhe cumprindo isolar-se, completamente, dos problemas alheios, como se não lhe dissessem respeito. Uma simples orientação é, não poucas vezes, um recurso salvador.

Deve-se procurar compreender a vida no seu aspecto real e lógico, em que sobressai a interdependência dos seres entre si, no âmbito da coletividade. Ninguém pode viver sem a cooperação direta do seu semelhante. O cooperativismo espontâneo é uma realidade na vida. Veja-se, para exemplificar, que não seria possível manter um hotel se os seus hóspedes não contribuíssem, cada qual com a sua parte, para sustentá-lo;

assim como os restaurantes, as fábricas, o comércio, todos os serviços públicos, etc. É da contribuição de muitos que os empreendimentos humanos se instalam e progridem.

Uma vez que essa associação dos seres é uma conseqüência inelutável da organização da vida no mundo, nenhuma justificativa pode ser encontrada para as tendências isolacionistas de muitos, com propósitos egoístas.

O entendimento dessa Unidade faz com que as criaturas se tornem compreensivas e compartilhantes dos esforços de espiritualização. A compreensibilidade acompanha o sentido das leis naturais, por meio das quais todos os fenômenos têm a sua explicação racional.

A criatura compreensiva está disposta a tolerar as falhas que ocorrem por deficiência de aptidões, por insuficiência intelectual, por incapacidade de meios, e aceita a vida com as suas modalidades reais, sem procurar o impossível como solução. Ouve, analisa, pondera, pesa os prós e os contras, ajusta as conveniências às imposições circunstanciais, com o objetivo de atingir a fórmula mais aconselhável.

A capacidade de compreensão é um atributo desenvolvido pelo espírito, através de numerosas experiências, tanto positivas como negativas, trabalhadas pelo raciocínio. Nem só os êxitos contribuem para o progresso; os fracassos também. De todas as iniciativas colhem-se lições proveitosas, que serão registradas em atividades futuras. No fim, a soma das experiências produz maior aproveitamento.

As almas compreensivas atestam longa trajetória percorrida, e aprestam-se para desempenhar elevados encargos no plano da espiritualidade, para o qual se sentem atraídas. As pessoas compreensivas não perdem jamais esse atributo patrimonial, antes o verão aumentado, na medida da aplicação dessa virtude.

Os indivíduos compreensivos são bons conselheiros e encontram a melhor saída para as situações difíceis. Quanto mais depressa se puder desenvolver essa qualidade, tanto maior empenho da criatura em tornar-se compreensiva.

O ser compreensivo chega a entender a linguagem muda, até a dos animais inferiores. Isto porque não se limita ao sentido frio das palavras, mas penetra no íntimo da natureza espiritual, onde descobre o que as palavras não revelam.

Quanto mais elevado estiver o espírito na escala da evolução, mais sensível se apresenta ao entendimento compreensivo. Tais espíritos não se

irritam com as falhas dos que erram, porque sabem que cada qual só pode dar o que possui. Logo, como exemplo, torna-se insensatez esperar que o aluno do primeiro ano não tenha que errar na solução dos problemas que são tratados pelos discípulos do quarto ano.

Na Terra estão encarnados, em regime de aprendizagem, espíritos que pertencem, ordinariamente, aos onze primeiros planos de evolução; é natural, pois, que os de maior evolução não cometam certa classe de erros, aos quais se expõem os de menor evolução. Compreendendo esse fato, devem ser recebidos, com maior tolerância, os deslizes, as faltas, as incorreções do semelhante menos experiente. Para isso, basta haver compreensão.

Isto não quer dizer que, pela compreensão mais profunda dos fatos, devem ser tolerados, indiferentemente, todos os erros constatados, porque isso não seria ajudar o próximo. É indispensável que se corrija o faltoso, que se lhe mostre a falha e se lhe dê oportunidade de acertar. Tudo, porém, com sentimento cristão, sem zangas, sem magoar, sem deprimir, mas com verdadeira compreensão.

Muitas amizades são desfeitas por falta de compreensão. São desentendimentos que surgem, muitas vezes por motivos fúteis, e ressentimentos que nascem de um gesto ou de, uma expressão infeliz. Em inúmeras ocasiões, os que se ressentem hoje foram, outrora, autores de ressentimentos. No quadro da compreensibilidade, não há lugar para esses caprichos pueris, sem objetividade superior, apenas denunciantes de um amor próprio mal orientado.

Jesus não repeliu as ofensas recebidas, por compreensão, mas não existem outros Cristos na Terra que possam suportar as agressões que sofreu. É esse o exemplo por ele deixado e, dentro da capacidade de cada um, faça-se o possível para imitá-lo, lançando mão dos melhores recursos espirituais que se possua.

No caminho da espiritualidade, a compreensão é faculdade presente. A cada passo tem o ser necessidade de demonstrá-la, e os cenários se apresentam já com o propósito de forçar o seu útil exercício. O mundo Terra, que é um cadinho depurador, foi sabiamente preparado para que as qualidades espirituais de cada ser se desenvolvam, por meio dos recursos de que ele dispõe. É aqui, na vida terrena, que os espíritos encarnados se fortalecerão com o desabrochar dos seus poderes latentes, dentre os quais se conta a compreensão.

Para ser compreensivo, é preciso saber dar valor ao sofrimento. Foi curtindo-o, no passado, que milhares de espíritos alcançaram o seu grau de compreensão, por onde se vê que a dor confere ao indivíduo meios de evoluir, sendo, por isso uma necessidade e, como tal, devendo ser reconhecida. Mais felizes serão, no entanto, os que atingirem o mais alto nível de compreensão sem precisar sofrer, mas através do esclarecimento, do conhecimento da verdade, da espiritualização.

23. A Razão

A justiça está sempre do lado da Razão, muito embora na Terra, pela imperfeição humana, nem sempre esses dois atributos andem juntos. A imperfeição, porém, é temporária, ao passo que a perfeição habita os domínios da eternidade. Deste modo, a Justiça e a Razão pairam acima do que é efêmero ou passageiro, para projetar-se no campo eterno das fórmulas imperecíveis.

Todos querem ter razão, mas o que acontece é que nela interfere o interesse pessoal que leva o indivíduo a forjar argumentos ditados pelo intelecto para sustentá-la com ou sem ela.

A dificuldade está em a criatura poder ou saber colocar-se em plano elevado para apreciar daí, com isenção de ânimo e com justiça, os fundamentos da razão. Aqueles que estiverem em condições psíquicas de se impor por essa norma, mesmo contra os próprios interesses, podem estar certos de que possuem respeitável acervo espiritual.

A função dos juizes é dar razão a quem tem. Espinhosa tarefa porque, para bem desincumbir-se dela, é indispensável que ele possua aquele citado acervo, adquirido, por acumulação, no exercício do oficio, em numerosas encarnações.

A capacidade de vislumbrar a razão é inata no ser humano, e ela só não tem forma mais substanciosa na vida terrena em conseqüência das deformações do caráter.

O raciocínio lúcido e bem trabalhado, o ato perquiridor e a intenção sadia constituem um poder penetrante na área da razão.

O mundo precisa de homens que saibam dar razão, com o prestígio do seu valor espiritual, para que a justiça se faça e o bem se espalhe sobre a Terra.

Cultivar, diariamente, o exercício da razão é um dever que a todos cabe e que tem de ser acatado e respeitado como uma das práticas cristãs do mais alto grau.

Não adianta ser cristão pró-forma, só na palavra. O cristão é aquele que dá provas, por atos, da sua verdadeira condição crística, quando, entre outros predicados, se revela pelo uso da razão equilibrada justa e enquadrada no bom-senso comum.

O indivíduo só pode fazer bom uso da razão quando tem controle sobre si mesmo, não se deixando perturbar. Ora, só se livram das perturbações aqueles que conhecem as influências do astral inferior sobre

os seres encarnados. Os que não conhecem essa influência tomam-se, sem o saber, seus instrumentos dóceis, e quase imperceptivelmente agem fora da razão.

No astral inferior ninguém tem razão, porque é uma região do espaço em que reina a desordem moral, a indisciplina mental e a ignorância espiritual. Ali todos estão fora da lei, sem luz Astral, afastados do cristianismo, em estado anormal. São esses seres que intuem os encarnados que ignoram como se processa a vida fora da matéria condensada, e assim conseguem, numerosas vezes, deitar por terra os bons intentos de conservar a razão.

Fora do espiritualismo difundido pelo Racionalismo Cristão, não há processo mais adequado de prevenir-se o ser humano contra os assaltos capciosos, violentos ou brandos, do astral inferior, a que, a todo e qualquer momento, estão sujeitos os integrantes da humanidade.

A falta de razão na defesa de qualquer idéia traz sofrimento e até tortura. Aquele que estiver sem razão situa-se numa posição falsa. Mesmo que consiga uma vantagem aparente e superficial sobre a razão, estará perdendo, porque esta se conserva em linha de equilíbrio, e todos os acontecimentos que se projetarem fora dessa linha voltam a ela ou nela se encaixam, em mais ou menos tempo.

É inútil querer burlar, trapacear, mistificar a razão, porque as condições da vida mudam ao passar o indivíduo do plano físico para o astral, e ali todas as falcatruas são descobertas, postas a nu e identificadas nos pormenores, ficando o faltoso na mais triste e desmoralizadora situação. Aí nada adiantarão as lágrimas de remorso e arrependimento, porque o mal já está feito e o único recurso é a dor por que virá a passar na Terra, em futuras provas de regeneração e recuperação.

No trato com a razão é onde muitos falseiam, escorregam e caem no erro, na enganosa suposição de que ficou oculto o ato, de que ninguém o viu, de que prevaleceu a ardilosa tapeação. Ingênua concepção essa. Todos os pensamentos, palavras e atos de qualquer um ficam registrados no éter, indestrutivelmente, e podem ser revistos e reexaminados, sempre que preciso for. Pode não se atingir a razão por deficiência pessoal, mas falseá-la ou deturpá-la é ato criminoso.

O erro, conscientemente cometido, provém do fato da criatura ignorar, na maioria dos casos, quais as conseqüências que dele decorrem. Não se pode fazer uso das faculdades intelectuais desenvolvidas, para torcer a razão. A inobservância deste cuidado pode redundar na obrigação

de voltar à Terra o intelectual faltoso, sem poder fazer uso delas, por não se revelarem.

Muitos intelectuais há, por aí, jungidos ao áspero labor terreno, braçal, ganhando o pão com o copioso suor do rosto, marcados pelo rude trabalho físico, por haverem feito, em vidas anteriores, mau uso das sua faculdades intelectuais desenvolvidas.

Ninguém escapa às leis coercitivas, imparciais, inflexíveis, indeformáveis, rigorosas, implacáveis e duras. O indivíduo que se colocar fora dessas leis naturais receberá golpes proporcionais ao desvio, sem apelação possível, desferidos com a insensibilidade própria das leis.

Este alertamento aplica-se aos cuidados que devem ser tomados no uso da razão, de maneira que não se venha a prejudicar alguém pelo seu mau emprego da razão e pelo descuido, pela indiferença, pela negligência, quanto ao seu trato.

Pelo mau uso da razão, feito consciente ou inconscientemente, grandes tormentas têm desabado, e os seres atingidos não têm sido poucos. As guerras não se verificariam se a razão prevalecesse nos entendimentos, diante dos quais teriam de curvar-se os responsáveis por elas. A razão, como a verdade, é uma só, e não pode pertencer a dois partidos antagônicos. Quando se tem a razão como cúpula, debaixo dela se acomodam, cordial e harmoniosamente, todas as almas verdadeiramente esclarecidas.

É a falta de cristianismo, a ausência de espiritualidade, que têm conduzido os indivíduos e, conseqüentemente, as Nações, ao caos, ao infortúnio e ao flagelo da destruição. A razão é substância espiritual, é atributo da Inteligência Universal e, por isso, se reflete na estrutura espiritualista com o vigor da sua pujante essência.

Cuide-se, pois, diligentemente da razão, em todas as circunstâncias da vida terrena, pelo mérito da sua qualificação, por questão de formação moral e por desejar-se contribuir para a elevação espiritual do conjunto humano.

A razão inclui-se, com outras modalidades de cunho cristão, nas normas espiritualistas, onde tem a sua posição de destaque na apuração dos valores morais. A estrutura do espírito recebe, com o reforço desta prática e o exercício da razão, maior fortalecimento e melhores disposições para o trabalho nas atividades superiores.

A razão é, assim, integrada no domínio do espírito, uma faculdade de elevação aos planos transcendentes da espiritualidade, onde ela se reúne aos gerais atributos da Força Criadora.

24. A Constância

A constância é uma virtude indispensável a qualquer realização. Ela se sobrepõe às dificuldades e é fator decisivo das vitórias. A constância marcha ao lado da convicção. Assim, quem é constante é convicto, e sabe para onde vai e o que quer.

Ao contrário do volúvel, que é um indeciso, um incoerente, podendo chegar a ser leviano, o constante é compenetrado, seguro e conseqüente.

É preciso haver constância nos estudos, no cumprimento dos deveres, na pontualidade, na afetividade, nas tarefas de levar por diante os bons cometimentos.

A constância é baseada no raciocínio e no critério, e surge como medida sensata e equilibrada. É pela constância que as obras de repercussão futura são mantidas e animadas. Não fosse pela constância, o Racionalismo Cristão não permaneceria, persistentemente, incutindo a luz da Verdade em espíritos renitentes uns, retardatários outros, em assuntos espirituais.

A constância é tolerante e paciente, não se alterando diante da indiferença ou do descaso, por ter o seu caminho traçado e seguir por ele. Pouco importa o vozerio do mundo insensato e imprudente, se o espírito constante, apoiado em madura compreensão, não se deixar levar pelas dissonâncias do ambiente.

Obras que não se concluem, recebem o golpe da inconstância e deixam entrar em cena o enfraquecimento, a desunião, a falta de compreensão. O memorável exemplo de Jesus é um hino de glória à constância, pois ninguém o demoveu do seu propósito de predicar em favor da sua doutrina, embora soubesse, de antemão, a que extremos o levaria a sua constância.

Os grandes Luiz de Mattos e Luiz Alves Thomaz foram outras duas figuras inflexíveis na constância de levar a bom termo, na Terra, a implantação da Doutrina Racionalista Cristã. As dificuldades e os sacrifícios que tiveram de enfrentar foram muitos, mas, como espíritos de alta classe, não se desapegaram da constância triunfante.

Quem se dispuser a ter constância não pode ser comodista, desatento, parcialista, mas, ao contrário, tem de ser ativo, eclético e idealista. A sua linha de conduta é firme, e os traços de sua personalidade não deixam dúvidas quanto à sua definição moral.

A constância fortalece a firmeza de caráter, enobrece a alma e dá exemplos de segurança. Na realidade, o ser afeito à constância apóia-se em argumentos, em relações fundamentais, em conclusões abonadoras. Por isso não torce nem para a direita nem para a esquerda, mas prossegue num mesmo sentido, coerentemente.

O indivíduo nasce constante ou volúvel, porém os que nascem volúveis precisam corrigir-se dessa falha, e os que vieram à Terra já com a virtude da constância devem fazer tudo para fortalecê-la.

Essa circunstância de mostrar o indivíduo, em tenra idade, as tendências para ser constante ou volúvel, é uma conseqüência do que foi em encarnações pretéritas, e depende do que nelas mais alimentou. Se nada fez para não ser volúvel, adquiriu, de fato, essa tendência que, segundo o grau com que se manifesta, pode exigir o esforço de várias encarnações, para dela se libertar. As más tendências criam raízes profundas, de difícil e demorada extirpação. As boas, como, no caso, a da constância, devem ser cultivadas, porque conduzem ao aperfeiçoamento espiritual.

Sempre que a criança revelar certa má tendência, como nos maus hábitos, esta deverá ser logo eliminada. Para isso, usa-se o bom-senso comum, o critério, o tirocínio, a prudência e o raciocínio como armas de efeito sumário. Estes escritos são endereçados àqueles que se acharem amadurecidos para a espiritualidade, e os puderem absorver com entendimento.

É pela constância nos estudos que se formam os cientistas, que se preparam os inventores, que se descobrem e extraem as riquezas do subsolo; é, ainda, pela constância que se aperfeiçoam os métodos de cultura, de trabalho, e os demais que induzem ao progresso.

Vê-se, pois, que a constância tem uma importância capital na vida humana, e que deve ser cultivada por todos que quiserem participar de melhores dias. Ela é construtiva, benéfica e altamente compensadora.

Diz, com sabedoria, um aforismo que "errar é humano, e que o mal está em persistir no erro". Ora, uma vez verificado o fato de que tal ou qual diretriz é condenável, imediatamente se terá que tomar novo rumo, antes que a criatura se venha a tornar vítima das conseqüências. Por isso, todos, no mundo, têm que andar alerta, cuidadosamente, espreitando o inimigo que surge ou pode estar escondido onde não se espera.

São esses cuidados terrenos que apuram as qualidades morais e fazem com que as criaturas mais experimentadas passem de aprendizes a

conselheiras. Convém então ouvir os sábios conselhos das pessoas idosas, bem vividas e sensatas, especialmente quando foram delicadas e eficientes preceptores, marcadas pela constância.

A constância é um atributo indispensável à formação moral de cada ser. Ninguém pode imaginar um Espírito Superior volúvel; seria um completo absurdo tal idéia. Assim, não se chegará a uma escala Superior de evolução, enquanto não se possuir o atributo da constância para aplicá-lo nas atividades, compromissos e realizações. Todos têm que seguir na vida um código de princípios morais, se quiserem bem aproveitar a encarnação, e, dentro desse código, não pode faltar a prática da constância, pelo seu grande valor, pelos exemplos que poderá oferecer e pelos bons resultados que se farão sentir.

Proceda-se a um exame do valor da constância nos acontecimentos cotidianos, e se verá como aqueles que a adotam conseguem triunfar, pois em torno da constância construtiva formará uma corrente astral que a protege e mantém a fim de que o objetivo para o qual ela existe, seja, invariavelmente, alcançado.

A constância, na busca de um elevado fim, estabelece vibrações permanentes em favor da sua consumação. Como as correntes afins se unem, compreende-se a forma pela qual entram em contato aquelas com as do mesmo gênero firmadas no Astral, que as revigora e sustenta, materializando-se os seus colimados fins.

Os pensamentos do Astral Superior são construtivos, pois que nele tudo converge para a evolução, em todos os aspectos. Ali, a constância, na manutenção desses pensamentos, é uma verdade, que não se modifica enquanto os planos traçados não se converterem em realidade positiva. Deste modo é que os ideais humanos, os programas terrenos de elevação moral e as soluções que concorram para o benefício espiritual da humanidade encontram reforço naquele ambiente Astral, pela associação das correntes afins, e, como resultado automático, externam-se, no campo físico.

O Racionalismo Cristão é um exemplo desse fenômeno psíquico, dessa coordenação de pensamentos, da constância com que a idéia é mantida até à sua consecução. São ainda os pensamentos afins, as vibrações sintonizadas em caráter constante, que asseguram o êxito dos trabalhos no Racionalismo Cristão, onde há uma fusão completa dos elevados ideais comuns dos planos físico e Astral.

A constância tem sido, pois, uma força favorável ao resultado feliz dos empreendimentos, e será tanto mais consistente quanto mais firme se apresentar no curso da sua duração. Ela concentra, em si, um poder em potencial que apenas aguarda a ocasião para demonstrar a sua magnitude.

Ser constante, firme, imperturbável nas suas convicções, é atributo que compete ao espiritualista desenvolver e, por isso, o terá presente nestas disposições doutrinárias. Atende-se, assim, ao fornecimento de meios para que os estudiosos do Racionalismo Cristão possam dar expansão às suas possibilidades inatas, e conseguir, mais depressa, alvejar a meta.

Ao adotar a constância como um hábito, abre-se ao indivíduo um caminho novo na vida, por via do qual outras perspectivas se revelam, para melhorar a sua rota. Para ser constante, não basta querer, mas também agir, empregar esforço, controlar-se e educar-se para esse fim. Exige a tarefa força-de-vontade, decisão e entendimento racional, pois ninguém deixará de ser constante, desde que compreenda a sua razão de ser, a sua força espiritual.

Dê-se à constância inteligentemente o mérito que ela tem, para que dessa disposição resulte uma firme usufruição de resultados compensadores. O que se quer atingir, é um viver mais proveitoso, mais útil, mais benéfico aos interesses evolutivos da comunidade, voltada para o lado da espiritualização.

25. O Raciocínio

O raciocínio conduz a criatura a soluções racionais. Quem raciocina, pensa, argumenta, compara, pesa, deduz e conclui. A faculdade de raciocinar é inerente ao ser humano, e o habilita a conjeturar com lógica.

O critério é o resultado do trabalho do raciocínio bem orientado. O indivíduo criterioso é sensato, ponderado, firme e seguro nas suas conclusões. As vacilações desaparecem diante do critério sereno e imparcial.

Enquanto há criaturas que pouco uso fazem do raciocínio, optando por soluções desavisadas e levianas, outras existem também que apóiam as suas decisões no vigor do raciocínio, nada resolvendo sem submeter todos os problemas ao exame dessa faculdade.

A prática do raciocínio deve repousar em exercício sistemático, em que, em lugar de serem considerados os fatos superficialmente, pela rama, pelas exterioridades, se aprofundem no estudo das questões, investigando todos os ângulos, separando os prós dos contras, medindo-os, até dissecarem toda a matéria em apreciação. Esta é a maneira de se encontrarem a razão e a justiça no interior dos fatos.

A palavra "racionalismo" é derivada da expressão "racional", surgindo ambas da aplicação do raciocínio, que se deseja sempre claro e conciso.

Quanto mais se raciocina, mais se aprende, porquanto se extrai dos assuntos toda a substância assimilável capaz de aumentar os conhecimentos. Os cientistas são pessoas que chegam com o seu raciocínio às minúcias, estendendo-se, em suas pesquisas, em todas as direções, ganhando assim profundidade, altura e amplidão, sempre que devassam uma área em estudo. Por isso, descobrem e inventam.

A criatura que se habitua a raciocinar erra menos do que aquela que, afoitamente, vai resolvendo ou complicando as suas tarefas. Há quem tenha preguiça de raciocinar, e os maus efeitos dessa indolência não se fazem esperar. Se o ser humano chegou a conquistar o atributo da faculdade superior de poder raciocinar, não deve, de modo algum, desprezar tal conquista como se ela não tivesse valor.

Se os erros campeiam tão abundantemente pela Terra, pode-se afirmar que a sua causa principal é o descaso pelo uso do raciocínio, que leva os seres a atuarem, precipitadamente, sem a indispensável prudência e moderação.

Por falta de raciocínio penetrante, deixa-se de reconhecer a verdade da lei da reencarnação. Veja-se, fora dessa lei, se há explicação racional para um nascer nababo, em berço de ouro, em palácio, cercado de abundância, enquanto outro nasce, filho do mesmo Criador, para ser lixeiro, coveiro, para viver, miseravelmente, desprovido de todos os bens; enquanto uns se apresentam com uma inteligência fulgurante, sábios, cientistas, virtuoses, poetas, escritores brilhantes, outros são desprovidos de intelectualidade, e têm dificuldade de aprender coisas elementares. Uns desfrutam, outros amargam a vida.

O raciocínio, a lógica, a razão esclarecida mostram como essas citadas discordâncias se justificam, à luz do espiritualismo. No entanto, preferem os indiferentes à verdade não se aprofundar na questão, não usar convenientemente o raciocínio, para não terem de reconhecer a real e dura situação em que se encontram no cenário tumultuoso da vida.

O raciocínio representa uma chama a iluminar os passos de cada um. É pelo raciocínio que se descobrem os perigos, os riscos quando se toma este ou aquele rumo. Os que não raciocinam, com acerto, sobre os processos reencarnatórios, estão perigosamente andando por caminhos incertos, sujeitos a sofrer as conseqüências. Todos se devem convencer que é aqui mesmo, na Terra, o lugar para onde todos voltam, em circunstâncias dolorosas, para renovar a lição não aprendida, e que as criaturas podem fechar os olhos e deixar de combater muitas falhas às quais não costumam dar importância, confiados na promessa do perdão.

Não fossem suficientes todas as provas existentes que evidenciam a lei das reencarnações, ainda se poderia contar com esse poder demonstrativo, que tem os seus fundamentos na força do raciocínio. Esta faculdade bem utilizada produz certeza e convicção, e por esse meio é possível chegar-se aos mais seguros resultados.

O estudo facilita o desenvolvimento do raciocínio. Os que raciocinam bem, sem demonstrar grande erudição, dão sinal de que se estão valendo da bagagem que trouxeram de vidas anteriores, quando acumularam cultura. Para raciocinar bem é indispensável saber ordenar os pensamentos e desenvolvê-los cronológica e dedutivamente. São as ciências matemáticas as que melhor coordenam os elos de uma cadeia, e permitem armar o problema numa equação de possível solução.

A criatura, em geral, não se lembra do que aprendeu nas vidas percorridas, mas o desenvolvimento que obteve manifesta-se, parcialmente, de vários modos, inclusive nesse de raciocinar bem.

Os exercícios de concentração também concorrem para expandir o raciocínio. Tome-se um tema, fixe-se nele o pensamento, revolva-se-o, penetre-se profundamente na matéria, procurando dissecá-la ao máximo e tirando e retirando todo conhecimento que possa oferecer. Com esta prática, ver-se-á quão numerosos são os elementos constituintes de um tema aparentemente banal.

Vencem melhor na vida os que raciocinarem com mais acerto, e souberem argumentar racionalmente. Quando o indivíduo puder apresentar proposições irretrucáveis, estará em condições de levar de vencida a sua causa. Os que possuem o dom de convencer são aqueles que dispõem de uma capacidade ampla de raciocínio. Todos podem conseguir essa capacidade, desde que se resolvam a desenvolvê-la.

No plano da espiritualidade, não se pode deixar de raciocinar. O joio terá de ser separado do trigo à custa de raciocínio. O "crê ou morre" já foi uma sentença atroz, nos tempos do "Santo Ofício". Infelizmente, algumas seitas ainda a conservam: são aquelas que afirmam haver Jesus vertido o seu sangue na cruz para os salvar. Os que crerem nessa afirmativa estarão salvos do inferno, mas os que não crerem receberão a condenação eterna. Eis a sentença viva do "crê ou morre"!

Para esses, quem crê não precisa raciocinar, mas apenas crer. O espiritualista não crê, simplesmente, mas vai além: ele sabe, conhece, tem convicção, através das revelações cabais e do raciocínio. Por falta de espiritualidade, de raciocínio, há os que crêem na existência do inferno, do céu, do perdão. Por isso, a situação espiritual do mundo é deplorável, por causa do raciocínio escasso. Os que crêem no perdão são os maiores responsáveis pela degradação moral que se observa, e podem, segundo pensam, praticar crimes, abusos e toda a sorte de delitos, porque no fim o perdão lava tudo. Neste cenário enquadram-se os indivíduos que apenas crêem. Quando o raciocínio conduz a conclusões que desagradam, preferem não raciocinar.

O Racionalismo Cristão é Doutrina que exalta a força do pensamento, o valor do critério, o poder do raciocínio. É seu lema raciocinar sempre, da melhor maneira possível. O raciocínio esclarece, ilumina, representa uma segunda visão. Não se deve restringir o conhecimento somente ao que se vê com os olhos físicos, mas ainda perceber o que a luz do raciocínio desvenda. Para isso se dispõe dessa faculdade, a fim de fazer-se bom uso dela.

Muito embora todos pensem que sabem raciocinar bem, a realidade é que muitos raciocinam mal, sem base e sem lógica; notam-se, nestes, a falta de profundidade nas suas argumentações e a fraqueza das suas conclusões. Para bem raciocinar, é preciso ter adquirido o atributo correspondente, que não se forma de um momento para outro. Em cada vida, em cada encarnação, há necessidade de esforço para acumular cabedal que o raciocínio precisa.

Os que não procederem deste modo perdem um tempo precioso, que muita falta lhes vai fazer em futuro próximo, quando verificarem o que deixaram de conquistar nesta existência, com o fim de melhorar a sua capacidade de raciocínio. Substitua-se a crença inexpressiva pelo raciocínio lógico, concludente, assimilável, pois que as recompensas dessas permutas se farão sentir.

26. A Disciplina

O Universo é todo disciplina. A pontualidade com que os astros fazem os seus movimentos é o resultado dessa disciplina. Um Universo sem disciplina seria caótico. A disciplina estabelece a ordem, e esta sustenta o progresso. O lema da bandeira nacional do Brasil, "Ordem e Progresso", é bem expressivo a este respeito.

Um programa de trabalho, um método de ação são disciplinas que presidem atividades. Os empreendimentos vitoriosos são aqueles que se firmam em bases disciplinares. A disciplina educa o espírito, economiza, reduz o esforço e aumenta o rendimento do trabalho, dando-lhe eficiência e aperfeiçoamento.

A disciplina é observada até na vida dos insetos. Veja-se como procedem as abelhas e as formigas na luta pela vida, pondo em execução simples regras da disciplina. Toda organização se baseia na disciplina.

A disciplina põe ordem nos pensamentos, coordena a argumentação, estabelece escala para as tarefas e ocupações e conduz a conclusões seguras, no desempenho de qualquer atividade.

O indivíduo indisciplinado se prejudica, quando nele se constatam gestos de desperdício de energias, inconstância de vontade, irregularidade de ação. O indisciplinado é, geralmente, impontual — outra característica que contraria a boa formação moral. Ele, além de ser desorganizado, comete o abuso, não raro, de faltar com o respeito a si mesmo, pois é descuidado com a sua pessoa e desatencioso na convivência social, pela força do hábito de não se manter em dia com os seus compromissos.

A espiritualidade reclama a presença da disciplina na interpretação de seus postulados. Os horários, os tratamentos, as dietas estão subordinados à disciplina. A vida disciplinada é uma garantia para a saúde e para o progresso. Todo ser disciplinado inspira respeito e acatamento. No exercício da vida funcional, tomam os primeiros lugares, na seleção, os indivíduos que demonstram, pela disciplina, a consciência do dever.

A disciplina não se afina com o "mais ou menos", o "pode ou não pode ser", com a instabilidade, com a incerteza e a vacilação. Ela é positiva, segura, imprime confiança e traduz decisão e obediência. Se houvesse maior disciplina no ritmo da vida humana, o rendimento seria maior e os resultados mais compensadores.

É de boa compreensão, acerca dos afazeres, das imposições, que o mundo faz, que a disciplina se torne uma prática essencial, desde que se

queira proceder corretamente e tirar da vida terrena o melhor proveito possível.

Exemplo de disciplina se constata nas Casas Racionalistas Cristãs, em que o regimento interno obedece a instruções superiores. Ali está, com a disciplina, uma das diferenças entre uma organização eminentemente espiritualista, supervisionada diretamente pelo Astral Superior, e as organizações pseudo-espiritualistas, dirigidas pelos homens com as suas falhas e imperfeições.

A disciplina é norma de retidão. Não há desculpa nenhuma para alimentar a displicência gerada pela indolência e irresponsabilidade.

Ninguém é indisciplinado por fatalismo ou "débito a saldar", mas pela negligência do espírito, por comodismo doentio, por deficiência pessoal.

Os que se afastam da disciplina contrariam as leis naturais, agem desarticuladamente, alteram a ordem cronológica e concorrem para a orgia dos trabalhos, para o tumulto das obrigações e para os distúrbios que se verificam na marcha das operações laboriosas.

A indisciplina, que gera mal-estar, contrariedades, reclamando esforços retificadores, absorve tempo e energias, gastos inúteis e traz desassossego ou intranqüilidade.

Ninguém tem o direito de malbaratar valores, como os que se prendem ao aproveitamento das atividades planejadas com disciplina, e que, totalmente ou em parte, se venham a perder por insuficiência de ordem, método e responsabilidade.

Os atos de disciplina doméstica não precisam ser pautados dentro de um rigorismo extravagante, com instituição de penalidades pesadas, pois o caso mais se ajusta à educação que se deve ministrar com afetividade.

A educação disciplinar areja a mente, de vez que, controlados os pensamentos, deixam as criaturas de meditar dispersivamente, podendo, como convém, orientá-los num sentido construtivo, elevado e digno de ser focalizado.

A mente arejada concorre para a higiene da alma e para a saúde do corpo. Assim, a disciplina introduzida no esquema dos hábitos e costumes ecoa em todos os setores da atividade humana, sacudindo as tendências viciosas de indolência e de desordem.

Sem fanatismo, a disciplina deve ser observada com critério, com a tolerância de alma generosa, mas sem permitir, por questão de fraqueza,

pieguice ou enganosa bondade, que as concessões esporádicas abram precedente para desmoralizar a ação disciplinadora.

O indisciplinado não se apresenta, no plano astral, quando chegar o momento, com fisionomia tranqüila e a expressão descansada de quem se portou na Terra à altura dos seus indeclináveis deveres. Esta circunstância deve ser encarada com atenção, pois é de grande importância para todo indivíduo que, ao apresentar-se diante de almas evoluídas, não se tenha de envergonhar das suas ações desordenadas.

Os atos terrenos precisam ser pesados com discernimento, devendo estar todos certos de que eles produzirão os frutos, mais tarde, da natureza das sementes. Semear indisciplina significa formar canteiros variados de muitas essências venenosas e intoxicantes, que passarão a ser absorvidas pelo próprio agente. A semeadura é voluntária, mas a colheita é obrigatória no terreno das leis de causa-e-efeito.

Ninguém se deve portar no mundo como um irrefletido, um inconsciente, que nada procura ver com os olhos da visão astral. Uma vez que todos são espíritos, embora encarnados, devem fazer esforço para enxergar com os olhos espirituais, que são reais, que estão presentes e que não iludem; essa visão é iluminada pela mente, pelo raciocínio claro, pela sensibilidade psíquica e pela espiritualidade.

Os seres esclarecidos sobre a verdade exposta ao alcance de todos não se deixam iludir pela falsa retórica de apoio à indisciplina. Há os que se gabam de não se submeter a ela, por parecer-lhes, erroneamente, que toda subordinação é uma restrição à liberdade. Todos, até a Força Criadora, estão subordinados, voluntariamente, às leis naturais e imutáveis, e quem quiser quebrá-las, passando desdenhosamente por cima delas, sofrerá as conseqüências torturantes da transgressão.

A disciplina faz parte de um dispositivo legal das leis supremas, e aqueles que a adotam e praticam, colaboram com o movimento harmônico das Forças do Bem, do Progresso, da Evolução.

27. A Felicidade

Há três importantes condições que entram no cômputo da felicidade: saúde, paz e prosperidade.

A saúde deve ser conservada a todo o custo, tanto a do corpo físico quanto a mental. A moderação dos hábitos contribui para manter a saúde. A criatura deve ser morigerada na alimentação, no trabalho, no próprio descanso. Descansar demais é prejudicial. O trabalho exercita o físico e a mente.

Para manter a saúde, é preciso também adquirir o hábito da serenidade. Não deixar que o sistema nervoso se altere de maneira nenhuma. Ninguém resolve nada com nervosismo. É costume dizer-se que o que não tem remédio está remediado. Depois do fato consumado, o que resta a fazer é dominar os nervos, para melhor poder pensar e agir.

Educar o pensamento, ou a forma de pensar, é uma necessidade para que se possa meditar com serenidade. Os abalos morais descontrolam as células do organismo e predispõem o corpo à doença.

Na vida, todos estão sujeitos a passar por dissabores, a receber notícias desagradáveis, a desgostar-se com as injustiças dos menos esclarecidos. Essas contrariedades afetam a saúde, provocando distúrbios internos que, muitas vezes, só se manifestam tempos depois.

Por isso, é de bom alvitre estimular o bom-humor, procurar ser otimista em termos razoáveis, dar o devido desconto aos fatos sensacionais, de vez que estes somente produzem efeito nos primeiros momentos em que são conhecidos, caindo, logo depois, na rotina da vida.

Quando os insucessos passam, verifica-se que não houve motivo tão forte para que trouxessem tanto sofrimento, que o próprio tempo se incumbe de apagar. Neste mundo, às vezes caótico, em que as desgraças e a dor se escondem em cada moita do caminho, vale preservar a saúde para se poder resistir aos embates.

Uma vez se conheçam os perigos que ele oferece, perigos que todos os encarnados têm condições para enfrentar e vencer, melhor é entrar na liça com corajosa serenidade, vencendo o nervosismo.

É evidente que a humanidade tem feito pouco progresso espiritual nestes dois mil anos, após a vinda de Jesus, este revolucionário do bem, que trouxe consigo tão gloriosas mensagens. Estas não foram aprendidas, pelo mau uso do livre arbítrio dos povos, faculdade de dois gumes, que tanto pode elevar, como degradar. Não quis a humanidade fitar a luz

refulgente do Farol, preferindo ocultar-se nas sombras da noite, para dar expansão aos atos da matéria. Esta é uma das razões de haver tão profusa disseminação de moléstias, das mais variadas origens, que afetam todos os seres.

O atraso na evolução espiritual do mundo é grande. Neste século vinte, implantou-se na Terra o Racionalismo Cristão, com árdua missão de restabelecer as verdades cristãs para apontar à humanidade o verdadeiro caminho da vida.

Somente por meio do espiritualismo poderá haver sanidade moral e física, com o declínio, até desaparecerem, das insidiosas doenças que abatem o ânimo, destroem as energias e sacrificam os lares.

O estado endêmico das coletividades é um reflexo ponderável do materialismo predominante, a que tantos ficam sujeitos. Quanto mais se dedicarem os seres à busca sôfrega das oferendas mundanas, apaixonadamente, mais se firmará a corrente materialista, com os seus funestos resultados, sendo a doença generalizada um dos frutos.

Não pode haver felicidade sem saúde, e como quase não há saúde perfeita, a felicidade completa fica em plano inferior. Um indivíduo sozinho não pode modificar a situação geral. Esta é obra para muitos. Cada um terá de fazer a sua parte, em benefício do conjunto humano. Conduzir os seres para o caminho da espiritualidade é o maior anseio, a solução do problema, a conquista do ideal. A felicidade almejada virá, então, como todos esperam, desde que afastadas as causas materialistas que a mantêm à distância.

A paz é o atributo componente da felicidade. Paz quer dizer consciência tranqüila, deveres bem cumpridos, obrigações em dia. A paz predispõe o espírito a receber intuições das altas camadas espirituais. Ela é eminentemente construtiva.

Desejar a paz, é empreendê-la; é saber sentir os seus efeitos. Há um movimento de paz no Universo, que se manifesta pelas vibrações dos Espíritos Superiores, e urge sintonizar com essa corrente, para receber dela as efluviações condizentes.

Não pode haver espiritualidade sem paz. Ela é confiança, convicção, certeza. Confiança na sua imutabilidade, convicção nos métodos que a sustentam, certeza nos benéficos resultados que dela advêm. A paz é sustentáculo dos fortes, daqueles que conhecem a marcha da evolução e podem dar a sua participação eficiente em seu favor.

A paz é uma segurança para o equilíbrio das funções de relação na vida social. Ela não acomoda a injustiça, o desgoverno, a malquerença. Ao contrário, firma-se na ponderação, na lógica da razão, nos princípios do Amor, e é harmônica com respeito à felicidade dos povos e ao entendimento das Nações.

A paz reside no interior das almas justas, bondosas, valorosas e amigas, que sabem vibrar no regozijo com a felicidade alheia. Saúde e paz varrem as preocupações do espírito e, quando associadas à prosperidade, completam o ciclo da felicidade.

Na realidade, a prosperidade é outro fator que predispõe o indivíduo a considerar-se feliz. Todos almejam prosperidade nos negócios, nos estudos, nos vários ramos da atividade. A prosperidade é o resultado do êxito, do acerto, do merecimento. A prosperidade vem ao encontro do laborioso, do esforçado, do metódico, do diligente, daquele que não desfalece diante dos óbices a vencer. A prosperidade prende-se a vários cordões da cadeia do sucesso, e está ligada a certas normas disciplinares aceitas pelo espírito.

A prosperidade só é válida, só tem base firme, só representa uma verdadeira conquista, quando se esteia na honestidade, quando não é reflexo do egoísmo, quando, para alcançá-la, não se pisa sobre o semelhante. A prosperidade não significa, simplesmente, riqueza material; ela, na realidade, é muito mais do que isso; ela é parte integrante do tesouro do espírito e o acervo de valores morais.

A saúde, a paz e a prosperidade, ao comporem a felicidade, demonstram a posição de quem segue pelo caminho da espiritualidade. A felicidade real, verdadeira, permanente, só é possível, na Terra, com a espiritualização geral. É preciso que este tema importante seja reconhecido. Nada adianta bater a cabeça pelo mundo, de encarnação em encarnação, sem o menor proveito para o espírito. Milhares são as almas que não têm feito o menor progresso espiritual no curso dos séculos. O atraso espiritual do mundo é um atestado patente, aos olhos de quem pode ver. Depois de dois mil anos da vinda de Jesus, a Terra é, ainda, um mundo de guerras, revoluções, massacres, morticínios, assaltos, roubos, perversões, pompas e ostentações, rapinagens, espoliações, falsidades, agressões, mexericos, adultérios e traições!

Em matéria de espiritualização, está quase tudo no mundo por fazer. Dois mil anos são decorridos sem que se estabelecesse, nesse tempo, um regime disciplinar de ensinamentos cristãos. Foi preciso implantar o

Racionalismo Cristão para esse fim. Sofre a humanidade em conseqüência da sua ignorância espiritual. Os males que a atormentam têm a sua origem nessa lacuna.

A ânsia de usufruir felicidade preocupa cada membro da família humana. Falta-lhe, no entanto, o archote, a luz esclarecedora, o ensinamento espiritualista. Assim, às escuras, procura, em vão, nos prazeres ilusórios da matéria, aquilo que somente pode ser achado no plano das forças espirituais.

A felicidade, no entanto, não é uma fantasia no cenário da vida terrena. No meio de tantos riscos de viver-se infeliz, há um caminho intercalante de pleno contraste com os painéis da dor, da insegurança e da angústia, que se pode chamar "o caminho da felicidade".

Ele existe, realmente, no recôndito da agitação tumultuosa, na voragem que consome ou subverte os recursos morais em meio do lodo das misérias humanas, ou seja, no desprezo aos deveres espirituais. Por entre essas degenerescências humanas, desenvolve-se sinuosa, ampla, iluminada, a estrada da felicidade.

É, porém, preciso encontrá-la, e saber como descobri-la. Não é cultuando o materialismo escravizador que se há de chegar a desvendá-la. Ela está no interior de cada um, perfeita, intacta, pronta a servir de acesso aos mais altos cumes da gloriosa jornada.

A felicidade começa a ser sentida com a descoberta do seu caminho, e vai se revelando, ampliando, intensificando à medida que se for seguindo para a frente, na sua direção, com segurança, perseverantemente, cada vez mais consciente pela capacidade interna de realização dos valores espirituais.

A chave que abre o portal que conduz ao caminho da felicidade e existe no âmago de cada ser, indistintamente, é o espiritualismo, compreendido na sua expressão excelsa e pura.

As normas racionalistas cristãs, postas em prática no cotidiano, com conhecimento de causa, induzem o indivíduo a encontrar a sua felicidade, primeiramente, porque não dá valor exagerado às vantagens terrenas e, em segundo lugar, porque sabe extrair de dentro de si um paraíso para a sua vivência, com o lapidar recurso das suas eternas e indestrutíveis riquezas entesouradas na alma, desde os primórdios.

É indispensável que se faça bom uso dos dons espirituais, para que eles se revelem, cada vez de maneira mais límpida, translúcida e operante, no sentido harmônico da vida.

A felicidade é um estado emocional de alegria e conforto moral, que vibra com a consecução do bem; é produto de condições inatas, que se apuram, sempre, com o exercício dos preceitos da espiritualidade.

Todos são mais ou menos responsáveis pela carência de felicidade, visto como estando ela ao alcance de qualquer um, deixa-se de lado a aplicação dos meios com que desfrutá-la, preferindo-se dar vazão a pensamentos e sentimentos que redundam em prejuízo daquele alto propósito.

A serenidade, a confiança em si, o equilíbrio na palavra e na ação, a compostura, a generosidade, o respeito à dignidade humana, a disciplina educativa, o comedimento, a discrição, a consciência do dever, a probidade, a atenção no trato, a prática do bom-humor, são atributos cultiváveis, atributos inatos do espírito, que, sendo revelados, atestam felicidade.

Quem possuir, despertas, tais faculdades entra, realmente, no caminho da felicidade, e dele não se afastará jamais, porque sabe que encontrou o tesouro da vida que a "traça não corrói nem a ferrugem consome", no dizer do Mestre Nazareno.

Só não crêem na existência da felicidade, aqueles que se encontram mergulhados nas águas profundas da incompreensão, em decorrência da própria vontade mal orientada, quando o ser procura satisfazer-se, apenas, com os atrativos efêmeros e perecíveis da matéria.

Aproveitem-se da vida terrena os motivos agradáveis que dela se possam colher, desde que tais motivos não sejam os que atentem contra a moral cristã, e não se descuidem, por um só instante, de satisfazer o espírito das ansiedades superiores que ele externa, através da voz sensível da consciência, no desejo de progredir na escala espiritual.

Nenhum entrave deve atormentar a consciência, no desempenho da missão que cada um tem de servir ao Todo. Assim, afastando a infelicidade de um lado, e atraindo a felicidade de outro, é a maneira certa que deve ser adotada no curso da trajetória terrena.

Esse proceder depende da vontade própria do ser, da sua disposição, da sua compreensão. É esta compreensão que se procura reavivar nesta obra, por ser fundamental para o encontro da felicidade.

A felicidade existe para aqueles que norteiam a sua vida em consonância com os princípios verdadeiramente cristãos, como os que se acham contidos na substância destes temas que dizem respeito à vivência terrena de todos os seres.

Não só um rigoroso e racional respeito à lei das conseqüências deverá imperar no trato de interesses em curso; na vida de cada um, como um sentido filosófico da felicidade, que afasta o contato incômodo e pernicioso da ordem de pensamentos destrutivos, pessimistas e corrosivos, criada sob uma conceituação de irrealidades decorrente de fatos ignorados, pela negligência na procura de conhecimentos espiritualistas.

Que a felicidade existe, é do domínio comum. Tudo depende da adaptação a ela, já que não é privilégio de ninguém. Como um tesouro oculto, precisa ser descoberta no interior de cada um; as chaves que abrem as portas do templo da felicidade encontram-se à disposição daqueles que as quiserem. "Procurai a Verdade e a achareis", é uma frase atribuída a Jesus, que se ajusta ao caso; encontrar o caminho ideal é uma questão de orientação dentro de normas aqui divulgadas. Por que não cultivar os dons espirituais com persistência, esforço e dedicação?

Viver feliz na Terra é alcançar o máximo que se possa desejar durante o curso experimental de aplicação dos conhecimentos obtidos com a espiritualidade.

Coube ao Racionalismo Cristão esta tarefa monumental de atrair a atenção dos estudiosos das coisas do espírito para a conquista da felicidade, esse tesouro espiritual que constitui o objetivo principal, nas diligências humanas.

28. A Economia

Consiste a economia num senso de equilíbrio quanto aos gastos. Situa-se eqüidistante dos extremos, quando esses extremos são a usura de um lado e a prodigalidade do outro.

A economia liga-se ao maior aproveitamento das riquezas, e deve ser empregada, de forma educativa, com a consciência dos reais valores.

Os espíritos que precisam encarnar, prefeririam ser ricos, se pudessem, mas, na realidade, aqueles que não têm noção de economia fracassam, invariavelmente, quando detentores de fortuna. Tanto os avaros como os perdulários têm a encarnação perdida, e na volta, ou na seguinte, são obrigados a encarnar em meios pobres, e lutar, até o fim daquela etapa terrena, sem a possibilidade de enriquecer.

É preciso ter uma boa soma de requisitos espirituais para poder encarnar rico, sem risco de acumular débitos pesados no correr da existência. Entre esses requisitos espirituais, está o senso de economia. Esse senso é aplicado intelectualmente, sem sentimentalismo, porque entrando em linha de conta o sentimento, o equilíbrio econômico descamba para a esquerda ou para a direita.

Descamba para um lado, quando o indivíduo começa a amar a riqueza, penetrando, com isso, na área do sovinismo; descamba para o outro lado, quando se deixa explorar pela paixão doentia, especialmente quando dominado pelo sexo.

O dinheiro fácil leva a criatura ao desperdício e ao esbanjamento. Exemplificando, cita-se o caso das boates, com ambientes propícios ao malbaratamento de valores morais e materiais. O comércio dessas casas é feito à custa daqueles que não têm noção de economia e se prestam ao ridículo de mostrar que podem gastar à larga. Por ser um lugar em que o vício se sobrepõe aos bons costumes, não é de estranhar-se que as explorações se revelem às escâncaras.

Os freqüentadores contumazes das casas de jogo e de mundanismo sensualista, onde os saldos das reservas são despejados, sem o menor controle, são criaturas fadadas a renascer em meios de privança ou de penúria, a fim de se exercitarem no trato da economia forçada.

O avarento, na próxima encarnação, poderá, se for o caso, ver o seu dinheiro queimar-se nos incêndios, sumir-se nos naufrágios, desaparecer, enfim, nas mais variadas formas de imprevisão, para que aprenda a

desligar-se dele, de conformação em conformação. Para todas as deformidades morais, há na Terra lições adequadas.

Os seres não espiritualizados estão, geralmente, no grupo dos gastadores ou no dos miseráveis, quando servidos pela fortuna. É o conhecimento da vida espiritual que dá à criatura o critério justo das coisas, por meio do qual se mantém economicamente na posição de equilíbrio.

A economia é feita, não para guardar riquezas que embolorem, mas para que se use o necessário e se apliquem as sobras na produção do trabalho, no desenvolvimento das ciências e das artes, ou ainda, na melhoria ou no aperfeiçoamento do gênero humano, nas múltiplas formas de progresso, inclusive, e principalmente, o espiritual.

O patrimônio material, intelectual, moral e espiritual do indivíduo deve ser aplicado em favor do semelhante, com inteligência, não devendo, por isso, ser disperso de maneira improdutiva, ou em prejuízo da comunidade.

As riquezas materiais são do mundo, e todos têm acesso a elas, cabendo a alguns dirigi-las nesse bom sentido. Sempre que houver desvirtuamento desse dever, é a coletividade que sofre, privada de uma melhoria, embora imponderável, que foi dispersada.

Em se tratando de um caso isolado, pode parecer que a influência do desperdício não fira o conjunto dos seres, mas como os perdulários são numerosos, os danos se tornam apreciáveis e as restrições a que terá de sujeitar-se a massa humana terão de ser proporcionalmente aumentadas.

A economia deve ser olhada no seu sentido filosófico, doutrinário e espiritualista. Ela decorre de uma disciplina, da compreensão que se tem da unidade humana, em que todos se agrupam debaixo de uma só bandeira — a bandeira da comunhão espiritual.

Não se deve deturpar o sentido elevado da ordem econômica, que visa o maior bem geral, o respeito à necessidade do próximo e a consideração aos que sofrem de carência. Este lado moral, por ser abstrato, não é alcançado pelos gozadores que não apreciam teorias estranhas aos seus gostos, mas também estes escritos não são para eles, pois ainda terão uma estrada longa a percorrer, muitas experiências a colher, antes que se sintam amadurecidos para as coisas do espírito.

A economia precisa ser encarada com visão superior, com desprendimento, com renúncia, com grandeza de alma. No entanto, para fazê-la, não deve o ser privar-se de coisa que lhe seja útil e agradável,

desde que os recursos lhe bastem, podendo cercar-se dos bens que o mundo oferece, cultivando o belo e promovendo a felicidade. Estes benefícios não significam que, com a posse deles, o equilíbrio econômico tenha de ser alterado.

O cuidado que deve ter o indivíduo é para não sair, na sua conduta econômica, do ponto eqüidistante dos extremos. Sentindo a tendência para tornar-se excessivamente rigoroso nos gastos, têm de entrar em ação o controle, o raciocínio e o critério, para que nada se perca neste esforço de manter a linha que convém na conservação do sistema econômico.

O zelo pela economia terá de fazer-se sentir tanto no viver doméstico e pessoal, como na vida pública, no comércio, na indústria, em qualquer setor da atividade humana, e deve ser cultivado como hábito, por uma questão de princípio.

Há os que deixam de mostrar-se econômicos, pelo receio de que os maus julgadores os ridicularizem, em virtude da incapacidade inata de alcançarem a elevação da medida. Porém, tal receio não passa de uma fraqueza moral que deve ser energicamente combatida. Quando existe convicção para sustentar uma atitude, precisa o ser tomar-se inflexível.

Outros há que se revelam econômicos, com receio da miséria. Esse receio não deverá ser o meio destinado a alcançar o objetivo. O receio é um mal que, como todos os males, precisa ser combatido. O receio da miséria pode fazer com que ela realmente venha; os espíritos do astral inferior, que se contam aos milhões, espalhados por toda parte, estão sempre atentos às oportunidades que se lhes oferecem, por sentimentos de fraqueza, para consumar os seus planos sinistros.

A educação econômica exige que a prática desça aos pormenores; apanhar do chão um alfinete, uma agulha, um prego, e guardá-los para que sejam utilizados em tempo oportuno, longe de constituir um ato desprezível, é uma ação consciente, compreensiva e de muito maior alcance do que aparentemente se pode imaginar.

Para bem se saber aplicar o senso da economia nos grandes empreendimentos, é preciso ter noção exata de tal processo, de modo que as iniciativas de ordem econômica devam manifestar-se nos atos de menor significação, como atestado da sua vigência.

À custa de ser bem aplicada a ciência econômica, muitos benefícios têm sido espalhados, numerosos seres têm podido instruir-se e colocar-se na vida em posições elevadas, e deste modo, tem sido possível fazer marchar o progresso em certos setores, onde, sem ela, estaria paralisado.

Saber economizar é uma virtude e, como tal, deve ser disputada por quantos queiram aprimorar-se na senda do espírito. É assunto que merece ser considerado com a máxima atenção, em vista da sua importância. É um tema para ser aprofundado, em meditações, a fim de que se descubra o seu verdadeiro valor. Ninguém se deve esquecer que é a soma de práticas salutares que conduzem a alma a planos superiores. A ciência econômica é uma parcela valiosa dessa soma e, por isso, deve ser colocada, em lugar de destaque, no currículo das matérias que constituem a aprendizagem terrena.

29. O Lar

O lar é o recanto íntimo da vida; é o lugar aconchegante onde vivem os membros de uma família, solidários uns com os outros, nas dores e nas alegrias. É um templo de respeito, que não deve ser violável; é onde se formam os homens e as mulheres de amanhã.

Os seres criados sem lar, ao léu da vida, sofrem os reflexos dessa falha, e dificilmente se integram no meio social de maneira correta e louvável.

Daí a grande importância do lar, quanto ao poder de amoldar os espíritos ao trato comum, de desenvolver o sentido da ajuda e de estimular o interesse pela solução dos problemas internos, que têm por fim a defesa e o benefício do conjunto que o compõe.

O indivíduo consciente da sua parte na composição dos membros de um lar precisa subjugar os impulsos egoístas em favor dos menos aquinhoados do seu grupo familiar, exercitando os indispensáveis atos de renúncia e fortalecendo os laços da amizade, no convívio cotidiano, ao receber, dos seus, provas de carinho, de solidariedade e de amor fraterno.

Dentro do lar, recolhido na sua intimidade, pode o indivíduo, no silêncio da sua paz interior, revolver o acervo das suas conquistas espirituais, meditar sobre os problemas da vida real, fortalecer as suas convicções acerca da sua contribuição no concerto da evolução universal e tirar conclusões sábias de orientação, de governo e de conduta.

O lar é o refúgio num campo de batalha. Fora, é a luta, o desenvolver de esforços, as atividades de sobrevivência, em constante desgaste de energias físicas. No lar, conquanto os trabalhos sejam permanentes, há os momentos de sossego, de repouso e de comunhão com a vida eterna.

Dentre os deveres mais relevantes que o ser há de cumprir na Terra, está o de dar ao lar a importância que lhe cabe, mantendo-o íntegro, saudável, unificado, perfeitamente constituído. Por duras provas de sofrimento terão de passar aqueles que cometerem o crime de desprezar o lar, infelicitando-o, conspurcando-o e levando-o ao esfacelamento.

Um elemento corrupto em atividade dentro do lar faz o papel de um câncer no corpo físico, como nos casos de adultérios, de prevaricação, de degeneração e desonestidade.

Não há razão, em hipótese alguma, que justifique o mau procedimento. Ninguém veio ao mundo para proceder mal; este é o produto da ignorância, das falhas de educação e do livre arbítrio. Também

não é possível atribuir a terceiros a culpa do mal que o indivíduo praticou; o autor do mal — e mais ninguém — é o único responsável por ele.

O cultivo das qualidades morais de um lar é, pois, uma exigência de ordem moral que se impõe, e que o acompanha até a desencarnação. Essa exigência foi estabelecida no Plano Astral e se grava no subconsciente para ser cumprida. Daí a gravidade quanto à quebra dessa imperiosa obrigação.

O ser humano possui, ao encarnar, condições de conservar na mente consciente os preceitos morais que devem, intransigentemente, orientar a sua vida.

O bom procedimento habilita o ser que queira fazer bom uso do seu livre arbítrio e dar ouvidos à sua consciência, a processar, normalmente, a sua evolução com aproveitamento da encarnação. Os que assim procedem não travam lutas inglórias na Terra, e têm assistência astral assegurada em favor da sua emancipação espiritual.

É no lar que se atestam as disposições do indivíduo de ser fiel consigo mesmo, não traindo seu compromisso de fazer valer os recursos morais de que dispunha, antes de encarnar. Infelizmente as criaturas, na maioria dos casos, abandonam-se às seduções do mundo, sufocando a voz da consciência.

"Vós os conhecereis pelos seus atos", assim se manifestava o Nazareno, quando chamava a atenção dos prevaricadores.

Viver espiritualmente não é, apenas, cumprir uma rotina devocional, mas antes satisfazer obrigações exemplarmente; é conduzir-se com retidão e firmeza; é manter limpos o caráter e a dignidade; é ser operoso e prestativo, atento e justiceiro. Os lares que se apoiarem nestas normas enquadram-se nos princípios espirituais, e a sua estrutura permanecerá sólida e inexpugnável. Os seus membros, integrados nessa ordem, colherão os frutos substanciais necessários ao crescimento espiritual.

Não há diversões, passeios e festas que valham o suficiente para justificar o descaso pelo lar. Podem, entretanto, fazer estas diversões, estes passeios e festas, desde que organizados de tal forma que o lar permaneça intocável, na sua natureza sublimada. A maior riqueza que o ser humano pode desejar é a obtenção de um lar formoso, sadio, bem constituído, harmônico e respeitável. Nesse lar desabrocham flores espirituais de grande valor, e nele todos crescem para o alto ao encontro de elevadas inspirações.

Havendo boas condições físicas, todos têm o dever de instalar o seu lar, para dar oportunidade aos espíritos encarnantes de nele baixarem, beneficiando-se dessa instituição. Assim, cumpre o lar o papel educativo da vocação espiritual inata, que precisa ser estimulada e desenvolvida; nesse meio sadio, pode a criatura encontrar os recursos para atingir a sua meta.

Bem compreendida a finalidade do lar, fica apto o casal a não se descuidar, empregando os melhores esforços para que a parte que lhe toca na tarefa honrosa seja fielmente desempenhada.

Os trabalhos do lar são árduos, cansativos, rotineiros e de extrema responsabilidade, mas o ser encarna para isso, para enfrentar essa situação. A vida é mais de sacrifício do que de prazeres, sendo preciso abandonar a idéia de que este mundo deve ser só de gozos. O importante é que na hora de sacrifícios haja compreensão, em lugar de choros e lamúrias. Quem não estiver contente com a sua posição, faça tudo de bom e do melhor que puder para merecer aquele estado que almeja.

Não convém alimentar ilusões firmando-se na falsa suposição de que, voltando à Terra, poderá viver num paraíso, se esse for o seu desejo; o processo evolutivo faz-se lentamente, e uma vida tormentosa pode ser transformada em amena pelo merecimento conquistado. Isso não significa, porém, que essa amenidade não seja acompanhada de compromissos, trabalhos e preocupações.

O lar é uma forja modeladora de caracteres, quando o objetivo é atingido, e somente a inclinação humana por atos condenáveis tem impedido que ela se apresente na Terra conforme o original. Todos, em geral, têm a consciência desse modelo, mas muitos preferem esquecê-lo.

Desde os primórdios, é o lar sentido na sua concepção fundamental; nos seres de civilização primária, encontra ele a sua definição humana. Os requintes de uma civilização materialista têm desvirtuado a imagem do lar, na sua pureza, e é só o espiritualismo que há de restabelecer a sua forma ideal. Como se vê, sem um entendimento estruturado na moral cristã, esse elemento básico da espiritualidade, que é o lar relativamente perfeito, não chega a concretizar-se.

Em defesa da purificação dos lares, e empenhado na restauração dos seus valores abalados, está o Racionalismo Cristão pugnando, sem cessar, confiante nos resultados desta ação persistente e espiritualizadora. A sanidade de um povo depende da sanidade dos lares componentes. Logo, o trabalho de espiritualização precisa começar nesse núcleo humano de

atividade vital, o lar. Cada integrante dele, deve participar dessa responsabilidade, aceitando-a, com entendimento, para o êxito da missão.

O esforço feito reverterá em beneficio do próprio agente, que não faz favor a ninguém. É necessário triunfar sobre os hábitos maus e acelerar a evolução geral. Todos ganharão com isso, porque mais depressa se conseguirão libertar dos padecimentos rudes que só atingem aqueles que se opõem à espiritualização.

A alegria, a felicidade, a bem-aventurança e a riqueza estão ao alcance dos que se dispuserem a viver de acordo com as normas apresentadas por esta doutrina; com isso os brindes virão, em obediência rigorosa à lei de causa e efeito.

A ignorância destes fatos tem contribuído muito para que a displicência e a indiferença tenham tomado corpo, levando os indivíduos a se entregarem à dilapidação de seus próprios valores morais. As realidades, porém, estão sendo reveladas, com clareza, pelo Racionalismo Cristão, e não podem os delinqüentes apresentar mais desculpas invocando a ignorância em seu favor, na hora em que cada um presta contas a si mesmo.

Urge despertar, abrindo os olhos da alma, para ver o que convém; e sabendo que não se sairá do primeiro plano de evolução (de onde se voltará a encarnar em baixas condições espirituais), enquanto não se resolver a dar o primeiro passo de criar no lar o ambiente honrado, de entendimento saudável, harmônico, fraternal, e de amor e respeito.

30. As Obrigações Domésticas

No lar, cabe à esposa superintender os afazeres domésticos; quando nele há fartura e riqueza, os problemas são, apenas, de direção, mas em se tratando da classe média e da pobre, a dona-de-casa tem de participar, diretamente, da intensa faina cotidiana.

Fiquem cientes as moças casadoiras de que se o futuro esposo não for ao menos remediado, a luta será grande. Dos afazeres de um lar muitos são cansativos e rotineiros. Algumas moças enfrentam, com estoicismo, a situação, enquanto outras se desesperam e chegam até a maldizer o casamento.

Uma coisa é cuidar das tarefas caseiras, junto da mamãe que, quase sempre, para poupar as filhas, arca com a parte mais pesada dos encargos; outra, é assumir, ela mesma, a responsabilidade de dar conta do recado, até sem ajuda.

O que mais cansa no lar é a rotina; de manhã à noite, semana após semana, mês após mês, ano sobre ano, sempre o mesmo serviço braçal, extenuante, de hora marcada, sem cessar, a exigir o esforço, a dedicação e a resignação da esposa.

Os filhos começam a aparecer, pela ordem natural das coisas, e é quando redobra o trabalho. É lindo ver-se um bebê limpo e bem arrumado, mas só a mãe sabe quanto isso lhe custa; vale muito, no caso, o amor materno para amenizar um serviço a mais.

Algumas jovens noivam, sem se aperceber do que as espera após o casamento; levam os dias a alimentar as mais poéticas ilusões, como se fossem ficar ao lado do bem-amado, embaladas pelas mais doces melodias de amor, sem maiores preocupações do que as de receber carícias do seu eleito. Daí o fato de despertarem êxtases as fábulas de príncipes encantados!

A alma da mulher não esclarecida é, geralmente, romântica e sonhadora, mas tanto o romance como o sonho não passam de ficções, de enganosas figuras mentais que fogem, inteiramente, à realidade.

O que deve interessar na vida é a realidade, porque diante dela é que todos têm de viver. Quando se está preparado para enfrentar a realidade, fica-se em melhores condições para vencer as dificuldades da vida, ao passo que a desconhecendo, se sentirão as criaturas vítimas, na hora amarga das desilusões.

Ninguém quererá ser vítima; portanto, resta reagir contra as ilusões e os sonhos, e encarar os problemas com realismo e valor, para evitar maiores sofrimentos.

As moças que não se prepararam para a vida de casadas e não sentiram, de antemão, a sua verdadeira missão de esposas e mães, frente às agruras que sobrevirão, ficam desnorteadas com o impacto, queixam-se, sem saber de quem, e às vezes se voltam contra o marido, por não terem podido satisfazer aqueles enlevos imaginários que alimentaram, dos quais ele sempre se conservou alheio.

Dessa falta de preparo, surgem as discussões, o mau-humor, o enfado, o desgosto, a contrariedade, a insatisfação, o dengue de se fazer de vítima, a infelicidade, a doença, o martírio, a desgraça, enfim.

As noivas, em geral, pensam que o casamento é um paraíso, esquecidas de que na Terra tal paraíso não existe. A Terra é um mundo depurador, em que todos são imperfeitos, e é do convívio permanente de uns com os outros que se desgastam as arestas contundentes e, conseqüentemente, cada qual vai ficando melhor, mais educado, mais tolerante, mais compreensivo.

Muitos desastres ocorrem após o casamento por falta de compreensão, de preparo, por não haver sido encarado o problema à luz da realidade. Todos, podendo, devem chegar ao casamento, por precisarem das experiências que nele se colhem, e sem as quais ninguém se aprimora na vida para atingir a melhores condições espirituais.

A vida exige sacrifício e renúncias, de cada ser, e com a compenetração dessa Verdade é que as moças precisam encarar as suas obrigações domésticas. Chegará o tempo em que, por merecimento e por maior evolução, todos alcançarão um estado de felicidade que não é conhecido na Terra, mas enquanto esse dia não chegar, é indispensável que se saibam portar condignamente diante das circunstâncias adversas.

É necessário que as obrigações domésticas não perturbem a paz do espírito, não diminuam o afeto pelo marido, não transformem as boas disposições morais, não provoquem discussões, queixas, gemidos e lágrimas de arrependimento. Só a incompreensão e o egoísmo podem gerar uma situação desagradável, diante do quadro imposto pelas obrigações domésticas.

Às vezes, certas moças teimam, por capricho ou por outro motivo, em unir-se, pelo casamento, a quem não devem, impressionadas por dotes

físicos ou por palavras embaladoras, sem que a razão pese no assunto, e o resultado é um desajustamento incorrigível.

A moça, dispondo-se a dar ao lar essa contribuição valiosa, que é o senso das obrigações domésticas, deve reservar essa virtude para quem mereça, para quem possa apreciar essa qualidade, para quem tenha dotes morais elevados, para quem saiba corresponder a esse atributo.

Previamente preparada para a reencarnação, traz a criatura traçado o seu caminho, em linhas gerais, cabendo submeter-se aos trabalhos que escolher para realizar. Uma vez que adotou o sexo feminino, para ser esposa e mãe, em condições mais ou menos modestas, veio para desempenhar o seu papel, do qual não se deve procurar esquivar. Quando assim não procede, os débitos se avolumam.

Importante é que ninguém se esqueça deste ponto fundamental: o mundo, ao invés de ser um éden, é uma prisão, um hospital, integrado, na sua maioria, de elementos humanos plenos de falhas e imperfeições; é uma escola de sofrimento renovador, de aparentes injustiças, de ilusões e conseqüentes desilusões, de trabalho físico árduo, espinhoso e desgastante.

Não é desfrutado gostosamente, senão por instantes, só para saber-se avaliar o valor do que é bom e do bem, para que se prossiga em sua permanente busca.

Com esta idéia da realidade dos fatos, cabe às jovens meditar sobre este tema, dispondo-se a enfrentar, corajosamente, a trajetória terrena, que é, apenas, mais uma vida seguida a tantas outras. Embora pareça muito longa, uma existência de setenta ou mais anos pouco representa no conjunto da vida eterna.

Se as obrigações domésticas forem bem cumpridas, boas perspectivas se abrem para o futuro, quando outras atribuições mais leves, mais agradáveis, estarão reservadas.

Um dos males está em a criatura crer falsamente que a vida se resume nesta curta permanência terrena, e que por isso deve aproveitá-la materialmente ao máximo.

Não precisa a moça pobre ter inveja da rica, porque também será rica, um dia, e então verá que a felicidade não está na riqueza; não precisa lamentar-se por não possuir jóias, porque as poderá ter, até em abundância; não precisa amargurar-se por não poder viajar pelo mundo, porque esse dia vai chegar, e há de sentir esse desejo saturado. Tudo quanto for desejado, ardentemente, será convertido em realidade. Evidentemente não faltarão

reencarnações em número suficiente para que todas as aspirações terrenas sejam consumadas.

Uma vez, pois, que não faltará tempo e ocasião para a satisfação de todos os anseios, materiais ou não, faça-se em cada encarnação o máximo que se puder em prol da evolução, dentro ou fora do quadro das obrigações domésticas.

Todos devem obedecer docilmente às imposições da vida, sem esperar que ela se submeta a essas imposições, aceitando o mundo como ele é, e não querendo transformá-lo, da noite para o dia, naquele mundo imaginário e ideal que os sonhos acalentam. No palco da vida, todos têm o seu papel, e cada qual precisa esforçar-se para representá-lo bem, não de acordo com o seu egoísmo, mas conforme a orquestração geral e as normas de respeito ao próximo, incluindo as que envolvem o interesse sadio da coletividade.

A criatura que se obstina em não dar a sua participação às salutares solicitações terrenas, como no caso das obrigações domésticas, torna-se um elemento negativo na organização humana, e a omissão do seu trabalho repercutirá, profundamente, na sua existência futura, colocando-a em níveis mais baixos de atuação. O insubmisso, o rebelde, o faltoso perde a confiança que nele se havia depositado, e nada o poderá socorrer na hora em que estiver resgatando os seus erros e omissões.

As obrigações domésticas não foram criadas a esmo, mas com uma finalidade superior.

Não se procure comparar a tarefa da mulher com a do homem. Surgem dessa comparação, não poucas vezes, discussões estéreis. Ambos, com obrigações importantes a desempenhar, sofrem os seus impactos morais, cada qual a seu modo, conforme o campo de ação de cada um. Convém se lembrarem de que o espírito não tem sexo, e que a condição de encarnar como homem ou mulher, é unicamente para atender a conveniências evolutivas.

A mulher honesta, que se entrega criteriosamente às obrigações domésticas, poderá ganhar, em evolução, bem mais do que o homem, sujeito a descuidar-se em atos de prevaricação e de apropriação indébita, pelas facilidades que a natureza e os momentos lhe oferecem, do que lhe acarretarão custosas delongas na trajetória espiritual futura.

As esposas não devem, por isso, comparar a sua posição na vida, quando entrosadas nas obrigações domésticas, com as do esposo, como que se amargurando por uma pretensa desigualdade. As leis da vida, que

são sábias, atuam em benefício e não em prejuízo de qualquer um. É a compreensão espiritualista que esclarece todos esses pormenores, mostrando a sabedoria com que foram traçadas.

As criaturas que se sentirem infelizes, por se julgar em condições inferiores às de outras, aguardem, paciente e consoladamente, a sua vez, empregando os melhores meios para se tornarem merecedoras de alcançar o que aspiram. Façam jus à felicidade, adquirindo valores patrimoniais para o espírito, cumprindo, com agrado, ou conformadamente, as suas tarefas, por mais espinhosas que sejam, como, no caso, as obrigações domésticas.

Há moças que nasceram em lares ricos e que, por circunstâncias adversas, viram-se na contingência de tomar sobre os seus ombros os pesados encargos das obrigações domésticas e, como verdadeiras heroínas se portaram, dando cabal cumprimento à sua missão, solidárias com o marido, dele amigas em todas as horas, e compreensivas e estóicas.

A completa falta de compreensão dos deveres do lar e da família tem dado, como resultado, o divórcio, a separação do casal, os adultérios e os filhos que se transviam, numa verdadeira convulsão no sistema social.

Não tenham dúvida as esposas que trocam os superiores encargos representados pelas obrigações domésticas que lhes estão afetas, por levianas aventuras prazerosas ou maneiras fáceis de conseguir vantagens materiais, que estão traindo a si mesmas, descendo os degraus do infortúnio, preparando um futuro martirizante, especulando com a felicidade e renegando a assistência das Forças Superiores, que é reservada aos seres de boa conduta moral, desejosos de evoluir.

Muitas moças, pelo fato de serem bonitas, acham que precisam realçar artificialmente a beleza, e que não podem fazer certos serviços caseiros que prejudiquem a silhueta, criando, com isso, uma situação incompatível com as obrigações domésticas. O sentimento que nasce em suas almas nem sempre lhes mostra se o eleito está em condições ou não de satisfazer as suas exigências ou pretensões.

Grande responsabilidade assumem as moças fisicamente bem dotadas, por estarem mais expostas a fracassar na sua elevada missão, caso não ponham em uso a sua têmpera moral. A beleza faz aflorar a vaidade escondida nos recônditos da alma, e a vaidade é sempre inimiga das obrigações domésticas. A mulher deve conhecer até que ponto está satisfazendo ou iludindo a sua indeclinável missão.

Aqui na Terra é muito fácil esconder as inclinações e intentos secretos, mas para os que se encontram no Plano Astral nada é possível ocultar. Deste modo, os que estiverem descumprindo as suas obrigações não encontrarão justificativas para atenuar o seu procedimento.

Se as obrigações domésticas não forem realizadas, corretamente, o conjunto familiar sofre as conseqüências, as necessidades não são atendidas, as providências oportunas e acauteladoras não são tomadas. O resultado é criar-se uma série de defeitos, falhas e erros, que deveriam ser evitados. Há um ser responsável por isso, responsável, perante si mesmo, perante a família e perante o Todo. Pode-se então facilmente depreender o alcance da irresponsabilidade e avaliar os seus efeitos. Ninguém pode, impunemente, abandonar o seu posto sem incorrer nas sanções das Leis Eternas.

Nota-se uma grande falta de responsabilidade na massa humana. Quase ninguém procura saber as conseqüências de tal ou qual ação, e quais os verdadeiros motivos de determinadas obrigações. Pouca gente sabe que tem um papel importante a desempenhar na vida, que não consiste, apenas, em prover o pão de cada dia, dormir e passear. Em se tratando das obrigações domésticas, o lado substancial desse encargo é a educação social, é a formação moral, é o espírito revestir-se da têmpera de que precisa nos atos de renúncia, de desvelo, de sacrifício relevante; é o esforço de espiritualização da prole, de lapidação do caráter, de incentivação e de glorificação do trabalho, e a estimulação ao sentimento fraternal do amor, do respeito, da solidariedade, da cooperação, da ajuda, da defesa e do amparo. A criatura que cuida das obrigações domésticas está atenta a todo esse quadro de movimentação espiritual, e quando bem esclarecida sobre a finalidade da vida, no plano físico, oferece uma contribuição eficiente e valiosa ao seu conjunto humano. Dentro desse aspecto, estão os luminosos deveres maternos, que culminam na exaltação da Mãe — figura máxima da humanidade que inspira e anima os mais profundos sentimentos de Amor.

31. O Homem

Sempre que possível, deverá o homem constituir a sua família. Na idade de casar, não lhe faltará uma jovem para unir-se a ele, pronta a compartilhar das responsabilidades para a instituição de um lar. Na dependência disso, também há, no plano astral, os que aguardam a possibilidade de um renascimento no mundo físico, para poderem recuperar uma posição perdida ou resgatar débitos contraídos.

A união conjugal é uma decisão que o casal toma, em pleno gozo de seu livre arbítrio, sabendo ambos que assumem compromissos mútuos, de rigorosa validade. O homem e a mulher incorporam, nesse ato, direitos, deveres e responsabilidades que se eqüivalem e que terão de ser respeitados, com leal compreensão. A vida do lar deverá ser o motivo principal de todas as atenções, cuidados e dedicações.

Tudo deve fazer o homem para manter o equilíbrio material, moral, sentimental e espiritual no seu conjunto, para o que precisa ser criterioso, dedicado, hábil, não estranhando que os demais sintam a vida de maneira diferente da sua. Para isso, no entanto, é necessário que os seus membros não abram discussões, pois o seu dever é acatar as opiniões uns dos outros. Não se façam imposições, exigências, recriminações que possam magoar. Não há perfeições na Terra; todos têm os seus defeitos, mas cultive-se a amizade pura, dentro da qual as diferenças se compensam com espírito de tolerância, benevolência e conciliação.

Depende de cada um firmar-se no propósito inabalável de não destruir a felicidade relativa que deve imperar no lar. Este esforço terá de ser de cada dia, de cada instante, como resultado de uma ação vigilante e controlada.

O homem age melhor com o intelecto, enquanto a mulher com o sentimento. Muitas vezes, os problemas não podem ser resolvidos sentimentalmente, mas é sempre bom ouvir falar o sentimento antes de uma decisão cabal. Todos são humanos, e no âmago desta expressão já se encontra a vibração do sentimento.

O homem, na luta a que a vida o obriga, não pode ser um sentimental. Por isso, quando o espírito vem à Terra para exercer as suas atribuições masculinas, prepara-se, antes, para deixar o sentimento parcialmente em repouso. O sentimentalista é explorado pelos vampiros, escroques, chantagistas, aventureiros e inescrupulosos, podendo tornar-se vítima desses miseráveis.

Cabe ao homem preparar os seus filhos para a luta pela vida, propiciando-lhes a melhor instrução que puder, atendidas as vocações. Estas nascem com o indivíduo, porque estão ligadas ao seu patrimônio espiritual e são o resultado da aplicação, na especialidade, de continuado treinamento, em encarnações sucessivas. Assim, não se deverá forçar a criatura a ser o que ela não deseja. Os filhos devem ser orientados pelos pais, mas sem fazerem estas imposições quanto à escolha de suas futuras atividades.

Compete ao homem entreter conversação com os seus filhos, quando meninos, sobre a vida, o modo de proceder e a maneira de conduzir-se no lar, na escola, nas diversões, em qualquer parte onde estiver. O sistema de educar palestrando e ilustrando as cenas com exemplos é o mais proveitoso. Os pais precisam conhecer os seus filhos profundamente, para poderem melhor corrigir as falhas que apresentem e que diferem de um para o outro. Por isso, não se pode adotar uma fórmula única e rígida de educação para todos, porque cada qual possui a sua individualidade específica e o tratamento que serve para um pode não ser indicado para o outro.

Os maridos devem ajudar as esposas na parte educativa da prole, especialmente em se tratando dos meninos. Estes contam muito com a benevolência das mães e tiram partido disso, levando as suas peraltices aos mais perigosos lances. Os pirralhos precisam contar com a energia e a firmeza do pai para a correção de certos males que poderão desenvolver-se. A carga educativa, mormente quando os filhos são muitos, é pesada demais só para a mãe, razão por que a ajuda do esposo torna-se imprescindível.

Estas recomendações têm por finalidade a apuração da tarefa familiar, pois tudo quanto de melhor for alcançado nesse plano de ação reverterá em benefício da coletividade e da elevação moral do mundo.

Alguns pensam que vale a pena não fazer nada, porque os outros também nada fazem. É erro pensar assim, primeiramente porque os outros não têm nada que ver com os nossos próprios encargos de consciência, e em segundo, porque não há justificativa possível para querer alguém espelhar-se na negligência alheia.

O lar é a célula fundamental de um povo. Somente os que se dedicam ao espiritualismo sentem, a fundo, toda a amplitude dos deveres dos componentes do lar, na articulação das peças que compõem o conjunto mavioso da sociedade humana. O objetivo da ação espiritualizadora é fazer

com que todos, ou o maior número possível de pessoas, sigam esse movimento renovador para que a humanidade modifique a sua mentalidade, afastando-se do materialismo dominante, e se decida a ser cristã, não na forma unicamente, mas especialmente no conteúdo, na realidade.

Pessoas há que deixam de praticar o mal para não serem punidas; outras temem ser pilhadas em flagrante, quando querem passar por melhores do que realmente são. Isso demonstra que a força do mal ainda está latente nesses indivíduos, e só não se manifesta, porque há uma contenção. A espiritualidade provinda do esclarecimento tem o dom de eliminar o desejo de praticar o mal, induzindo a criatura a repeli-lo, espontaneamente, sem necessidade de ter de lançar mão da contenção.

Uma vez compreendam bem os homens o papel da mulher e o respectivo esforço a que se entregam para realizar a sua missão dedicada e compenetradamente, tudo precisam fazer para corresponder a essa dedicação, não se tornando inferiores moralmente, mas dignos da companheira que possuam. O inverso desta medalha, com respeito às atribuições da consorte, deve encontrar plena e idêntica configuração.

É preciso que a esposa constate em seu marido qualidades admiráveis, que lhe sirvam de estímulo e exemplo; às vezes essas qualidades estão escondidas e precisam ser descobertas ou provocadas. Todos têm boas qualidades inatas. Acontece, porém, não fazerem bom uso delas por faltar alguém que os ajude, mas quando a união é bem conduzida e o auxílio é mútuo, de ambos os lados podem florescer magníficas virtudes.

Vigilância permanente deve ser feita aos próprios atos e atitudes, para se evitarem descuidos, choques e decorrentes lástimas. A vida exige de cada um atenção constante, estado de alerta, preocupação de não molestar com palavras e gestos, porque todos, em regra geral, merecem consideração, muito embora, vez por outra, cometam algum deslize.

Certos maridos se ressentem da educação precária que receberam na infância, mas uma vez ingressando no espiritualismo, têm tudo nas mãos, e sem grande esforço poderão preencher a lacuna trazida desde o berço, e se tornarem ótimos cidadãos e maridos exemplares.

Seja para a esposa, como para os filhos e o pai, o caminho da espiritualidade é a estrada que conduz à satisfação do melhor que aspirem; é uma estrada sem curvas, que vai logo à meta. Vejam que a felicidade é o

maior bem que todos procuram alcançar, e é ela que se encontra no alvo de quem palmilha por esta vida.

Vale a pena insistir na demonstração de que a vida sem felicidade é tormentosa; então, se a espiritualidade pode levar o indivíduo à felicidade, logicamente nenhum motivo deve existir para impedi-lo de seguir esse rumo. Isto é racional. O homem, colocado na vanguarda de seu grupo familiar, deve tudo fazer para conciliar o sentido desta verdade com a prática do cotidiano, em que prevaleçam os métodos espiritualistas da moral cristã.

A união conjugal do esposo e da esposa é feita através de amor, de fraternidade, de compreensão, de afinidade, de renúncia e amizade; ainda há um elo fortíssimo que os une: a prole. O empenho máximo do casal, em todos os momentos da vida, deve ser o de alimentar aqueles citados laços afetivos, para que não enfraqueçam em hipótese alguma. Desde que o par esteja disposto a defender, intransigentemente, a sua união espiritual, mantendo acesa aquela chama das virtudes cristãs, nenhuma força contrária alterará os resultados de tal disposição.

O casal, desde o primeiro dia da sua união, precisa bem compreender o novo estado, aceitá-lo, com satisfação, e viver inteiramente para ele. Muitos dos hábitos de solteiro precisam, desse dia em diante, ser sepultados e não mais revividos, nem em imaginação. As recompensas da vida de casado são muitas, em meio de novas alegrias, novos afetos, e, sobretudo, pela satisfação de contribuir o casal, com a sua parcela, para a constituição da rede familiar, que é o sustentáculo de uma Nação.

O homem de boa conduta moral vê aumentado o seu prestígio pessoal, pois que a sua contribuição para a sociedade é de vários modos assinalada, tanto pelo fato de dar oportunidade aos filhos que lhe foram confiados, como pelo apoio material e moral que oferece à sua companheira de jornada. Firme-se, pois, na sua posição varonil, não se afastando do caminho da espiritualidade, para bem alcançar os seus objetivos e altear-se no meio em que vive.

A esposa, aliada a um marido de excelente formação moral, dispõe de um amigo para todas as horas, com quem partilhará os bons e os maus momentos; essa companheira solidária traz conforto à alma e novas energias para prosseguir no campo das atividades e realizações.

As moças que se casam devem confiar plenamente nos seus eleitos, mas é preciso que estes não as desiludam, deixando de ser o que foram no período do noivado, até o fim da vida. Isso depende de ambos, e não é

coisa impossível. O Racionalismo Cristão apela para todos os casais no sentido de se entenderem bem, de se estimarem muito, de se revelarem indulgentes sempre, de um para com o outro. Não percam a oportunidade de fazer o intercâmbio da amabilidade, em palavras e atos. Esta é uma das maneiras de aliviar-se o peso da vida, quando ele se fizer notar, de suavizar momentos dolorosos que ninguém escapa de os ter, e de despertar o gosto pela vida.

Todos apreciam ser tratados com a devida consideração e respeito, para sentirem-se estimulados em ver os seus esforços reconhecidos, o que atesta criteriosa compreensão, e se alegram com as provas de amizade que fazem o ambiente tornar-se harmônico e agradável.

É tão importante viver-se feliz no seio da família, com os deveres em dia e em uso das vocações, que nenhum esforço realizado visando alcançar esse objetivo deverá ser dispensado. Os que atingirem, na Terra, a plenitude dessa satisfação, podem dizer que viveram neste mundo com o melhor aproveitamento possível, e conquistaram, no Espaço, uma posição nunca dantes alcançada. Neste planeta, galgam-se os degraus da evolução, podendo-se, no entanto, parar por muito tempo num deles, por falta de decisão e esforço, mas não se retrocede. O acervo espiritual é indestrutível, nunca se perde e só se acumula; é, portanto, um tesouro imperecível.

Pena é que o homem não se aperceba, mais depressa, dessa verdade, para ganhar tempo, aumentar os seus haveres espirituais, distribuir conhecimentos, dar maior auxílio aos membros da família no tocante ao desenvolvimento das virtudes e, por fim, contribuir, com a sua força interior, para a elevação da comunidade.

O homem é uma potência mais ou menos adormecida, pelo fato de ignorar as reais possibilidades do seu espírito, que só se revelam no exercício diário das práticas cristãs. Se quiser despertar e enveredar pelo caminho da espiritualidade, verá que os rumos da vida terão de ser alterados, para que se enquadrem nos ditames de uma nova ordem, que é toda de sentido purificador e regenerador.

Sem entrar a humanidade nessa ordem nova, nenhum progresso espiritual sensível se há de notar, e permanecerão os desmandos, a corrupção, as desavenças e as degladiações.

O homem apenas ocupado com as riquezas materiais precisa parar para meditar. Na realidade, ele reconhece que as coisas andam mal, mas não se quer dar ao trabalho de ver onde está o erro, se nas suas próprias mãos, ou na associação feita com os espíritos do astral inferior.

Sem se preocupar com o que os outros dizem, fazem ou pensam, o dever de cada um, mesmo que se julgue só, é o de fazer a sua parte na vida terrena, honesta e compenetradamente, custe o que custar, não se afastando nunca daquela linha de conduta real, positiva, como bem assinala e ensina o Racionalismo Cristão.

32. As Mães

O homem necessita ter cuidados distintos, no seu preparo para a vida. Desde criança, manifesta tendências masculinas que precisam ser encaminhadas racionalmente. É quando entra em ação o grande papel da Mãe. A educação materna, se bem orientada, é decisiva na formação da estrutura moral do ser.

Os meninos, no convívio de uns com os outros, absorvem, com muito mais facilidade, os maus costumes, especialmente quando em encarnações pretéritas viveram desordenada e descontroladamente.

A Mãe, uma vez consciente das leis da reencarnação, está em melhores condições para reconhecer no filho o reflexo dos maus hábitos que cultivou em vidas anteriores que irão dominar, novamente, os atos da sua trajetória, se não tiverem repressão.

Por aí se vê a grande responsabilidade que há no desempenho da missão materna, por ser ela considerada como a mais elevada do setor terreno. A mulher-mãe, no verdadeiro sentido, é digna do maior respeito e admiração, e deve sempre merecer do homem a mais completa demonstração de cortesia, amparo, defesa e superior acolhimento.

Precisa, pois, a mulher procurar tornar-se uma verdadeira Mãe, centro das atenções dos demais seres humanos, que bem procedem se procurarem incutir no ânimo dos adolescentes essa concepção relevante do amor filial.

As Mães se sentirão encorajadas na sua áspera missão com o respeito que lhes for tributado por todos, sem exceção. E precisam desse encorajamento para poderem vencer os momentos de desânimo a que estão sujeitas com o rigor das provas por que têm de passar.

A ação das Mães não é restrita apenas a esculturar a peça moral dos filhos; esse trabalho se multiplica, através dos seus descendentes, e se espalha no raio de ação dos mesmos. Depois de deixar o mundo físico, os acordes instrutivos da verdadeira Mãe continuarão ressoando pelos novos rebentos, que saberão entoar, com entusiasmo e gratidão, o alto padrão moral daquela que tão bem serviu na Terra.

As Mães, sem o saberem, têm nas mãos a chave da remodelação do mundo. Não podem fazer, no entanto, essa operação numa só encarnação, mas com o correr delas. Cumpre reconhecer que, conquanto as crianças não possam ser, de repente, transformadas em "santas", quando trazem, de trás, uma soma mais ou menos considerável de falhas e imperfeições,

poderão, no entanto, ser amoldadas para melhor, com o esforço e o sacrifício das verdadeiras mães.

Mesmo que se considere que a maioria das Mães também é vítima da falta de preparo das suas genitoras, forçoso é concordar, até mesmo por uma questão de lógica, que com uma orientação cristã segura, o trabalho de remodelação se processa, regularmente, e com o maior êxito, de encarnação em encarnação.

A moral cristã estabelece princípios que não deixam margem a deturpações no modo de viver. Ela repudia a leviandade em atos e palavras, condena a ociosidade, repele a maledicência, o desrespeito e a desonra; por outro lado, cultiva e estimula o amor fraterno, a consciência dos deveres, a humildade, a disciplina, o caráter e a probidade.

Por esta análise, conduz-se o raciocínio à única conclusão segura e certa de que o cristianismo puro e verdadeiro precisa entrar no âmago dos lares, para que as esposas e Mães possam fazer de seus filhos os homens de que o mundo carece — maridos ideais, honrados administradores, pais exemplares, impolutos educadores.

Assim é que o homem preso aos salutares ensinos da sua prestimosa genitora, há de procurar respeitá-los, para satisfação íntima, em obediência à sua própria consciência e em homenagem àquela que nele soube fazer vibrar as cordas uníssonas da espiritualidade.

No lar, a Mãe tem a principal função educativa de preparar os filhos para o futuro; o homem, em trabalho fora de casa, tem menor contato com a prole, e se encontra menos apto a participar da ação educadora. No entanto, cabe-lhe também auxiliar, tanto quanto possível, a companheira, na espinhosa tarefa.

Esta compreensão precisa ser avivada em todos os espíritos, para que os resultados comecem a aparecer. Não só as meninas têm que ser preparadas para se tornarem verdadeiras Mães, mas os meninos, de índole mais difícil de domar, devem encontrar mão forte, ação esclarecedora, aconchego fraterno dentro do lar, amizade e interesse, além de solidária participação em todos os seus problemas, que terão de ser encarados com naturalidade, carinho e confiança.

Os filhos precisam aprender a encontrar nos pais e irmãos, não os acusadores e recriminadores implacáveis, mas os seus maiores amigos, os amigos de todas as horas, prontos a auxiliar a remover os impasses, as complicações, os enredos em que habitualmente se envolvem.

Devem eles também aprender a abrir as suas almas aos seus pais, para que melhor os ajudem. A vida arma muitas situações difíceis, não só para os adultos, como principalmente para os menores. Escondem os filhos dos pais muito do que lhes sucede, com receio de reações violentas, de repressões exaltadas e também de castigos físicos. Os rebeldes não podem ficar isentos de penalidades, de preferência morais, mas a persuasão, a palavra conselheira, os exemplos edificantes, a doutrinação corretiva, o estímulo emocional, sempre que possível, deverão constituir o fundamento da ação educativa.

Os criminosos de uma existência têm de reencarnar e necessitam encontrar abnegadas Mães para os tornarem melhores do que foram na encarnação anterior. Essas Mães devem ser duplamente enfermeiras, para tratar-lhes o físico, quando eventualmente doente, e a alma, já nascida enferma, porque é esta a situação do criminoso em expiação.

O fim, na educação doméstica, é sempre mostrar os deveres que recaem sobre os ombros de todos os seres humanos, que precisam ser desempenhados com boa vontade, com resignação, com entendimento e com a possível perfeição. A serenidade, o controle sobre si mesmo, a reflexão, a ocupação em coisas úteis, deverão constituir uma preocupação constante.

A vida é tarefa, é obrigação que exige compenetração e participação ativa. Ela tem um fim que precisa ser alcançado, custe o que custar. Então vale a pena alcançar esse fim, sem ser pela força, ou seja, pela imposição do sofrimento. O fim de que se trata é a evolução, o desenvolvimento espiritual, a entrada na corrente do amor e da felicidade.

A contribuição da Mãe é de um valor inestimável no sentido de dar aos filhos um grau a mais de bom-senso comum, de iluminação, para que vejam o futuro por um prisma real e se ajustem aos problemas que surgirem, sem revolta, sem desânimo, com a indispensável receptividade, sempre prontos a completar a obra humana, onde ela se mostrar falha e imperfeita.

Enquanto a mulher se revela de maneira delicada, de físico mais frágil e dependente do amparo masculino, cabe ao homem tratá-la como Mãe ou futura Mãe, sempre a colocando naquela posição de recato, de respeito e de admiração, pela nobre missão de que é detentora. A sua função na família ou no meio social sadio é insubstituível, e quanto mais se aprofundar o raciocínio no mérito do que é ser Mãe, tanto maior será a sua glorificação no conceito espiritualista.

Aquelas Mães que não sentem o seu nobre dever, desvirtuam a sua missão, sacrificam uma existência, tornando-a inútil, e candidatam-se a uma vida futura de maiores sacrifícios, em dolorosas operações de resgate, pelo descaso verificado.

As mulheres encarnam, ordinariamente, para ser Mães, inteiramente conscientes da função a enfrentar e dos problemas planejados para a sua própria redenção. As dores, as angústias, os sofrimentos por que passam foram previstos, e figurando como meios eficazes na cicatrização de chagas morais produzidas por erros cometidos no passado. Umas padecem mais do que outras, já que os sofrimentos são proporcionais aos delitos.

Evidentemente, a Mãe que em uma encarnação representou o seu verdadeiro papel, não pode, na encarnação seguinte, passar pelas agruras e tormentos que ficaram reservados àquela que desprezou esse papel e feriu o seu próprio meio social com a sua desventurada ação.

Mãe alguma poderá sentir-se feliz prevaricando, comprometendo a estabilidade e a sanidade do lar e enchendo de ignomínia os membros de sua família. As que assim procedem descem até o degrau mais baixo da desonra, e o seu crime importará num resgate penoso na encarnação seguinte.

Mães que tenham recursos financeiros devem preencher as suas horas vagas com estudos literários e de música, de artes em geral, evitando a ociosidade, por ser esta geradora de vícios. Dediquem-se, sempre, à orientação do lar, acompanhando o progresso intelectual, moral e espiritual dos filhos. Esta prática é uma exigência que vem de trás, e que não pode ser descuidada.

Algumas mulheres sentem-se surpreendidas com a perspectiva de se verem Mães, como se a maternidade não lhes dissesse respeito. Desenvolveu-se nelas, pela vida que levaram, uma auto-sugestão de um falso estado de sua condição de mulher, como se tivessem entrado num desvio existente na caminhada pela vida. Urge evitar que caiam num logro desses, de tão funestas conseqüências.

A mulher precisa ser preparada para a sua missão de Mãe, desde a infância. A própria natureza ajuda a alertá-la, e a genitora completa o trabalho educativo. A instituição familiar é um modelo de organização em que os espíritos encarnantes deveriam encontrar, se ali imperasse a verdadeira espiritualidade, os meios apropriados e firmes para a realização dos programas que trouxeram dos seus mundos astrais.

Cada criatura, seja qual for a sua condição social, tem o seu programa de ação na Terra previamente estabelecido, sem exceção alguma, e as Mães assumiram compromissos da mais alta valia, com respeito ao encaminhamento dos filhos, na parte tocante à sua condição de genitoras, educadoras e preceptoras.

O tempo não pode ser desperdiçado, e é preciso que, ao cabo de cada dia, possam as Mães recordar o trabalho feito, para verificar se não houve falha, se todas as medidas foram tomadas, oportunamente, em favor da conduta correta. Assim proclama o senso-de-responsabilidade de quem deseja dar boa conta do seu mister. Ninguém deve, no entanto, ir ao exagero na aplicação das normas recomendadas.

As Mães que desempenham bem a sua missão são as criaturas que mais podem fazer em benefício de terceiros, a elas ligados, e que, com isso, conquistam predicados valiosíssimos para a sua evolução.

Muitos espíritos, ao escolher a sua trajetória terrena, inclinam-se para a missão de Mãe, não obstante as desvantagens que terão de suportar, contanto que essa condição lhes dê, como de fato dá, desde que se tornem verdadeiras Mães, oportunidade excepcional de galgar, mais rapidamente, posições superiores na vida Astral e nas encarnações futuras. As recompensas, assim como as penalidades, são na lei de causa e efeito, distribuídas generosamente.

33. Os Filhos

Os filhos também têm na vida a sua parcela de responsabilidade e ação bem definidas, mesmo sendo menores. Logo que começam a caminhar, devem dar os primeiros passos na direção da ajuda e da ordem. Nessa idade, podem transportar miudezas, juntar objetos do chão, chamar alguém, obedecendo ao mando. Assim se desperta neles a noção de utilidade, de serviço, de colaboração.

À medida que crescem, ainda pequeninos, é a ordem que tem de entrar no plano das cogitações. Não deixar que atirem ao solo as peças do vestuário, que desarrumem, sem arrumar, que façam os outros de seus escravos. As crianças voluntariosas querem impor, quando encontram frouxidão, e às vezes se estragam com o demasiado enlevo pelas gracinhas que fazem.

A educação dos filhos é uma arte difícil de executar e, por isso, grandes falhas morais que se observam nos adultos, têm a sua origem na ineficiência da orientação inicial.

Muita coisa se deixa passar sob a alegação de que às crianças tudo se desculpa. Desculpar não deve significar que se dê pouca importância aos atos reprováveis. Desculpar pode ser não aplicar castigos, mas não se pode dar de ombros diante de falhas cometidas. As tendências más ou boas, trazidas das vidas anteriores, manifestam-se desde cedo, e devem ser analisadas.

Os espíritos que encarnam em meio civilizado são geralmente almas velhas, milenárias, com grande número de reencarnações, nas quais colheram, sucessivamente, as tendências que demonstram. É recomendável não esquecer esse aspecto do problema, que deve orientar a ação educativa do adolescente.

Não sabem muitos que muitos erros que se revelam estão entranhados, profundamente, na natureza espiritual do pequeno ser, e a extirpação deles requer engenho, paciência, raciocínio e muita compreensão.

Todos escolhem, de antemão, as provas que desejam suportar na Terra, sabendo quais são aquelas que melhor atendem às imperiosas necessidades da evolução individual.

Essas provas variam de pessoa para pessoa, ou seja de espírito para espírito, e, como é sabido, quanto maior for a carga suportável tanto mais rápida será a ascensão a planos mais elevados, onde a felicidade acena, de

maneira fascinante, razão porque os seres se dispõem, na maioria, a enfrentar experiências aqui neste campo de luta e dor, no máximo das suas possibilidades.

Os filhos exigem sempre de seus pais uma grande dose de abnegação, trabalho, esforço, renúncia, sacrifício, dedicação, cuidado. Sem essa submissão pessoal e obrigatória, deixam os pais de pagar uma dívida seriamente contraída, ou de resgatar um compromisso assumido, e as conseqüências aflitivas virão depois, acrescidas dos reflexos dos danos originados com a má educação adquirida pelos filhos moralmente desamparados.

Parte da responsabilidade nos desmandos dos filhos na Terra recai sobre os pais, razão pela qual devem estes evitar a desatenção, a indiferença e o descaso na educação da prole. Muito embora seja a tarefa cansativa ou mesmo estafante, nem por isso pode haver condescendência com o rigor das obrigações.

Há crianças peraltas, irrequietas, plenas de energia, arteiras, sôfregas, que não podem ficar um momento sequer fora da vista da pessoa acompanhante para não fazerem uma travessura perigosa. É de avaliar-se, pois, a preocupação das mães por filhos tão irrequietos. A mãe esclarecida, porém, tem mais força moral para suportar o embate, para se conformar com a partilha, sabendo que a alguém deveria ser confiada a tarefa que lhe coube.

Há maior merecimento para a mãe que souber recuperar um filho nascido com débitos de extrema gravidade, do que para outra cujos filhos pouco têm que resgatar. Verdade é que a primeira mais necessita do que a segunda, para a sua evolução, daquela prova, pela qual a outra já devia ter passado.

Tudo na vida está bem pensado e bem distribuído. Embora seja difícil, às vezes, compreender como um fato ocorrido, aparentemente mau, possa redundar em bem, na realidade isso se dá, porque acima dos horizontes humanos está a ilimitada visão astral.

Filhos ansiosos de progresso, inteligentes, dinâmicos, varonis, que poderiam ter as suas reservas de energia aproveitadas, com grande rendimento, no caminho da espiritualidade, por falta de orientação inicial dos pais sem esclarecimento ou insuficientemente esclarecidos, seguem outro rumo, atraídos pelo mundanismo imperante, tornando-se servos do dinheiro, do sexo, da ostentação, do luxo, da vaidade, e perdendo, por esse

modo, os anseios latentes que trouxeram. São numerosíssimos os casos dessa espécie.

As mães, que estiverem fazendo todo o possível para dar aos filhos a assistência espiritual que eles precisam, não se devem afligir quando não atingirem a remodelação total, nem mesmo a que aspirem, porque as transformações são paulatinas e levam, em certos casos, algumas etapas ou existências para se operarem radicalmente.

O importante, porém, é que em cada encarnação se faça o máximo em favor do delinqüente em potencial, para que as suas tendências de má índole sejam substituídas pelas boas ações, pelos bons pensamentos, pelo sentimento de fraternidade.

Nas brigas entre irmãos, já se pode, quando ainda pequenos, analisar as suas causas, observando como cada um encara o problema, que dose de egoísmo ou de vaidade está influenciando a discussão. A razão pode estar dos dois lados, ou num deles, ou em nenhum dos dois.

É preciso que pessoa de maior entendimento esclareça o assunto, destruindo ressentimentos, evitando ofensas e fazendo prevalecer o espírito desportivo de franca camaradagem.

As crianças precisam aprender que, acima dos socos e pontapés, dispõe o homem de inteligência, lógica, capacidade de argumentação racional, com que se resolvem todos os problemas. A arma superior é a razão. Ela precisa ser descoberta com o raciocínio bem trabalhado, e do lado em que estiver, estará a solução do problema, o ganho de causa, a justiça que todos precisam respeitar. Bom será que os adolescentes aprendam que nada se deve procurar resolver pela violência, pela força bruta, pois estas asseguram uma vitória apenas passageira que traz, quase sempre, uma série de outros agravos de difícil solução.

A falta de compreensão desta verdade, na infância, faz com que surjam adultos déspotas, briguentos, intolerantes, violentos, dispostos a resolver as menores divergências por processos físicos da mais recriminante atuação.

Há pais inconscientes que insuflam os seus filhos a resolver as suas pendências na rua, recomendando-lhes que não tragam desaforo para casa; os valentões, então, se ufanam disso. Todas as pelejas musculares, agressivas, insolentes provocam ódio e malquerença, e isso é uma inferioridade de sentimento difícil de anular.

A falta de contenção dos impulsos que conduzem às vias de fato, generaliza esses desfechos de luta física, de esforço, de desagravo e de

vingança. Os agressores devem ser contidos à força, como se estivessem dominados pela loucura, o que na realidade se dá, porque se encontram, naquele momento, debaixo da ação de espíritos obsessores, e precisam então ser tratados, humanamente, como perturbados, com energia, sem se deixar enredar pelas maléficas correntes que envolvem os que estiverem operando em seu favor.

As guerras são provocadas e alimentadas por indivíduos que, quando crianças, resolveram as suas contendas a murros, e não tiveram nenhum preparo espiritual feito no sentido de eliminar antagonismos à luz da razão, do bom-senso, do raciocínio e com sentimento cristão. O indivíduo se superioriza não fazendo uso da força física para castigar, como fazem os verdugos. Toda ação que fomentar o sentimento de ódio é anticristã e, portanto, condenável.

Não é preciso discutir acaloradamente, quando desse calor saem muitas vezes termos impensados e palavras ofensivas. A opinião alheia deve ser respeitada, e ninguém tem o direito de querer impor a outrem o seu ponto-de-vista. A educação deverá estar voltada sempre para o lado do acatamento, da consideração e da fraternidade.

A educação cristã não dispensa, de forma alguma, o procedimento pacífico e lhano, as atitudes nobres e dignas e a ação consciente e controlada. O Nazareno nunca ofereceu a menor reação física contra os que a apedrejaram. Por meios pacíficos, Gandi levou a Índia à sua aspirada independência. O grande Duque de Caxias tornou-se o maior dos generais brasileiros pela sua índole de apaziguador.

Ensinar cristianismo às crianças não é fazê-las decorar ladainhas, mas instruí-las sobre as boas ações, em cada dia, em cada hora, em cada instante, e fazendo-as amar umas às outras, em gestos espontâneos de cortesia, em atos de fidalguia e demonstrações de solidariedade. Embora não se consigam ajustamentos ideais dentro desse propósito, em cada existência qualquer conquista nesse terreno representa uma vitória.

Se todos os pais se empenharem na disposição firme de algo fazer em prol desse desiderato, haverá uma soma considerável de êxitos, que se multiplicarão pelo futuro. Cuide, pois, cada um da sua pequena parte, lembrando-se de que de pequeninas gotas são formados os oceanos.

Procurem as crianças ser fortes, física e moralmente; exercitem os seus músculos, aprendam a defender-se com a melhor técnica, e nunca façam uso desse poder e conhecimentos adquiridos, senão para dominar o contendor mal-educado, imobilizá-lo sob uma ação irradiativa benéfica e

cristã. O infeliz que se exaspera, que se inflama de rancor, que não se pode dominar, precisa, urgentemente, de apoio moral e de auxílio espiritual a fim de que se possa livrar de uma angustiosa situação psíquica.

Só os que estudam espiritualismo sabem de que maneira precisam agir nessas delicadas circunstâncias. No entanto, tudo deve ser feito para que, desde pequeno, o ser humano se habitue a considerar o seu companheiro, o seu colega, o seu amigo, com igualdade de direitos perante o Todo, e digno do melhor trato, idêntico àquele que deseja receber.

Nunca é demais insistir que os bons como os maus hábitos, adquiridos em criança, acompanham o ser como uma sombra acolhedora ou funesta durante a existência. Crianças bem educadas, inimigas de brigas, incapazes de proferir impropérios, habituadas a se controlarem, respeitadoras, atenciosas, prestativas e aplicadas, darão adultos de grande valor moral e espiritual, com capacidade para intervir, vigorosamente, na evolução da grei humana.

É preciso plasmar o caráter da criança dentro dos bons exemplos que os pais precisam oferecer. Daí a razão pela qual a educação não pode ser só de palavras que não encontrem apoio nos exemplos pessoais dos preceptores. Precisa, cada um, viver, o melhor possível, racionalmente preso ao sentido das responsabilidades que lhe cabem.

O ideal é que cada um se torne um bom cristão, modelando o seu viver nos postulados do Mestre Nazareno, reavivados no Racionalismo Cristão por Luiz de Mattos. Cumpram-se estes preceitos, e teremos a transformação do mundo, a abolição da maior parte do sofrimento e a melhoria da vida no plano material.

As crianças de hoje governarão o mundo de amanhã, e é preciso que se preparem para assumir, conscientemente, essa responsabilidade, na posição que lhes couber. Tenham por norma, por uma questão de princípio e de honra, agir pacificamente nas ocasiões mais tumultuosas, para que se forme o hábito de serenidade, de segurança e de controle.

Uma vez difundida tal disposição, criar-se-á uma nova mentalidade edificante, promissora e renovadora. Os seres humanos, de posse dessas novas armas, serão hercúleos, e o mundo se curvará, submisso, à nova técnica cívica de imperar por meio do intelecto, da razão e da força espiritual.

As meninas têm a sua missão distinta; precisam conhecer os trabalhos de agulha, da culinária, da boa apresentação do lar, o qual deve ser atraente e convidativo, mesmo quando pobre. Devem apresentar-se

com boa educação e instrução, para representarem o seu papel no cenário da vida com naturalidade, arte e bom gosto.

Encarem as jovens a vida, humanamente, não vendo no seu realismo qualquer forma dramática, antes procurando notar beleza e encanto existentes em toda a obra do Criador. As meninas precisam encontrar compreensão por parte de seus irmãos, ser tratadas com a delicadeza rivalizante da sua natureza sensível e fisicamente frágil. O ser feminino espera que o masculino o ampare, o defenda, o proteja, honradamente, nos vendavais da Terra, e nunca deverá ficar desiludido quanto a esse dever, que deve partir dos seus próprios irmãos.

Também se precisa esforçar por merecer a melhor das atenções, elevando, o mais alto possível, a sua conduta de mulher, a sua feminilidade, a sua ocupação específica, a sua posição predominante dentro do lar. Nenhuma razão deve existir para modificar essa norma. Desde pequenas, devem as meninas começar a despertar esse sentido, com o auxílio de suas mães, para que nada se perca da planificação de suas vidas.

As mulheres são todas damas do lar, que ornamentam e alegram com a sua presença. São elas que manipulam as flores nos vasos, e os arrumam, enfeitam, limpam e perfumam; são elas que vibram as cordas harmônicas do som, com a música de instrumentos ou com a sua voz; são elas que amenizam, inspiram, agradam, sorriem e dão à vida o colorido gracioso da mãe espiritual, por serem elas que trazem ou podem trazer ao homem felicidade, paz, bem-estar, aconchego, repouso, conciliação, estímulo, consolidação, reconforto e muitos outros fatores de concórdia, amenização e alento. Como não as revestir de todas as atenções que merecem neste mundo repleto de antagonismos e decepções?

A mulher deve ser colocada nesse papel estelar, firmando-se nele, desde a infância, o que não lhe será difícil, conhecido o fato de trazerem elas, de seu plano astral, toda essa disciplina modelarmente cunhada no seu subconsciente. Intimamente, todas reconhecem, no fundo abstrato do seu sentimento, aquele valor ardente da sua personalidade feminina, com todas as características inerentes.

As meninas de hoje serão as mães de amanhã que irão incutir em seus filhos as lições melhoradas que receberam na infância, para assim se apurarem as condições espirituais da raça. O mundo precisa que as meninas se preparem para o futuro, porque serão elas que, mais tarde, na

qualidade de mães, hão de esculpir o caráter dos filhos, os futuros maridos, pais e dirigentes da sociedade nos postos administrativos do país.

Em geral, as meninas nunca pensam nisso, alheias, completamente, à sua verdadeira e elevada missão, a qual precisa ser despertada, avivada e posta em foco. Elas se sentirão honradas, se meditarem sobre a importância das suas atribuições para a remodelação do mundo, quando se tornarem adultas. Repousa em suas mãos uma grande parte do êxito que se espera da aplicação dos princípios cristãos, interpretados racionalmente.

O Racionalismo Cristão está trazendo à luz essa realidade, e procura divulgá-la, na certeza de que milhares de moças desejarão fazer valer os seus dotes e as suas virtudes, na consumação desse grande objetivo.

A vida terrena serve exatamente para isso, ou seja, para que o patrimônio moral de cada ser venha a ser usado, com proveito, na evolução geral da humanidade. Individualmente, ninguém deseja outra coisa, ninguém firmou outro compromisso antes de encarnar, e se aqui não realizou o prometido ou o estipulado, deve-se o risco dessa falha, em parte, à falta de esclarecimento e de preparo dentro do lar, que não estando defendido, tem as portas abertas para a penetração das forças contrárias ao bem, saturadas de mundanismo, de excitações sensualistas e de florificações materializadas.

Urge que todos enveredem pelo caminho da espiritualidade para ganhar em evolução, para se tomarem mais felizes, para merecer as bem-aventuranças que a todos estão reservadas, para alcançarem aqueles ideais que a alma acalenta e que se concretizarão, mas que, pela visão terrena, podem parecer inatingíveis.

Não se deve deixar a criatura absorver inteiramente pela vida material. O ser encarnado é sempre espírito e, portanto, a vida verdadeira é espiritual. Logo, é preciso que, embora na Terra, se procure viver espiritualmente, sejam relegadas a segundo plano as solicitações terrenas, que se apresentam convidativas e empolgantes, especialmente na fase inicial da existência no planeta.

Viver espiritualmente não significa andar o tempo todo a elevar o pensamento para o Alto, mas aplicar na vida prática, no cotidiano, os conhecimentos cristãos, que são de ótima moral, que resolvem as dificuldades terrenas e preparam um mundo melhor.

Não se quer dizer que as crianças não se devem divertir. Longe disso. O divertimento é útil e necessário, desde que se saiba escolhê-lo para se eliminarem os perniciosos. O cristianismo ensina a separar o joio do trigo,

ou seja o mal do bem, e assim todos se podem preparar para seguir na vida somente pelo caminho do bem.

Todo ser humano possui um sexto sentido, que é o da percepção — uma faculdade mediúnica ordinariamente mais desenvolvida na mulher do que no homem —, e as meninas devem saber tirar dela todo aproveito, em benefício da sua evolução. Elas sabem, através dessa percepção, o quanto são apreciadas na sua aplicação, no devotamente à vida, no ramo da sua especialidade feminina.

Nos processos futuros da remodelação, pode-se esperar mais das meninas do que dos meninos, porque aquelas convivem mais tempo no lar, em contato permanente com suas mães, onde podem, mais facilmente, estruturar a sua conduta, com base sólida nos ensinamentos da suprema doutrina cristã.

O papel da mulher na vida terrena começa a ser importante na infância, e se faz sentir em todo o curso da vida, até à etapa final, quando avó ou bisavó.

Esta concepção deverá constituir-se numa imagem bem nítida, que todos se devem esforçar por manter permanentemente diante de seus olhos, para que não se esqueçam num só instante, da grandeza do espírito manifestado em corpo de mulher, em moça, em menina, que nas três fases precisa de ajuda e do apoio da contraparte, do ser masculino, para, nesse duelo harmônico e homogêneo, ser glorificada a obra da Natureza.

34. As Irradiações

Como é sabido, pensamentos são vibrações e, portanto, irradiações. O espírito, quando pensa, emite vibrações. Assim, quando se pensa em determinado lugar, essas vibrações são emitidas naquele sentido, o mesmo acontecendo sempre que se focalize a imagem de uma pessoa.

No Racionalismo Cristão as duas irradiações regimentais são dirigidas ao Astral Superior, e captadas pelos Espíritos luminosos que dirigem as suas correntes. Elas servem para estabelecer contato e formar campo magnético propício a essas vibrações espiritualizadoras.

Eis uma das Irradiações:

AO ASTRAL SUPERIOR

"Grande Foco, Força Criadora! Nós sabemos que as leis que regem o Universo são naturais e imutáveis, e a elas tudo está sujeito. Sabemos também que é pelo estudo, o raciocínio e o sofrimento, derivado da luta contra os maus hábitos e as imperfeições, que o espírito se esclarece e alcança maior evolução. Certos do que nos cabe fazer, e pondo em ação o nosso livre arbítrio para o bem, irradiamos pensamentos aos Espíritos Superiores, para que eles nos envolvam na sua luz e fluidos, fortificando-nos para o cumprimento dos nossos deveres."

"**Ao Astral Superior, Grande Foco, Força Criadora**", são expressões que definem a direção das Irradiações, sendo que o Astral Superior é toda a região vibratória acima do astral inferior. Grande Foco e Força Criadora, são o símbolo do luminoso Poder Criador Absoluto, do qual todos os seres são partículas integrantes, dispondo, por isso, de capacidade de vibração harmônica e sincronizante com aquele Foco, ao qual estão permanentemente ligados os Espíritos do Astral Superior, por vibrações concordantes.

"**Nós sabemos que as leis que regem o Universo são naturais e imutáveis, e a elas tudo está sujeito**". É uma afirmação peremptória, indicativa de que os que irradiam estão esclarecidos sobre a Verdade, e sustentam que no Universo não há o acaso, o imprevisto, porque todos os fatos obedecem a uma ordem geral, segundo determinações prévias de causa-e-efeito.

Logo, o que acontece tem a sua razão de ser, clara ou oculta, contra a qual ninguém se deve rebelar, tanto mais que as leis que regem o Universo

foram traçadas somente para o bem, para o progresso, para a evolução, muito embora, aparentemente, pela dor incompreendida, possa parecer que o sofrimento seja um ato inconseqüente.

"**Sabemos também que é pelo estudo, o raciocínio e o sofrimento, derivado da luta contra os maus hábitos e as imperfeições, que o espírito se esclarece e alcança maior evolução**". Ninguém pode prescindir do estudo das questões espirituais, aplicando nele o raciocínio bem conduzido, se quiser ser alertado sobre as ilusões do viver terreno e, deste modo, precaver-se de andar por mau caminho. É pelo sofrimento, derivado do esforço que cada um terá que fazer para não se aproveitar das facilidades criminosas que o possam beneficiar, que o espírito consegue aumentar o seu acervo espiritual, manifestado em esclarecimento progressivo e conseqüente evolução.

"**Certos do que nos cabe fazer**" é a declaração que traduz o senso da responsabilidade no que concerne ao cumprimento dos deveres cotidianos, o qual deve ser revelado com a maior compreensão, exemplarmente, como satisfação que se deve dar à própria consciência.

"**E pondo em ação o nosso livre arbítrio para o bem**" é o compromisso que o ser assume, consigo mesmo, de não praticar o mal, visto que, sem esse propósito, as portas por onde penetram os maus pensamentos não estarão fechadas. O livre arbítrio foi concedido ao ente raciocinante com o fim de ser aplicado para o bem, mas é por falta de esclarecimento espiritualista que os desvios ocorrem e os delitos aparecem; ninguém pode defraudar, sem arcar com as penosas conseqüências da lei suprema da liberdade, da lei do livre arbítrio.

"**Aqui estamos a irradiar pensamentos aos Espíritos Superiores**." Desde que o objetivo é o de estabelecer contato com o Astral Superior, é aos Espíritos de Luz, ali sediados, que as irradiações se dirigem; pouco importa quais sejam, porque qualquer deles está animado de um só desejo, que é o de promover a evolução; este ponto comum une todos os que estiverem integrados nas correntes do bem, e por isso são as irradiações proferidas, elos de ligação às forças espirituais.

"**Para que eles nos envolvam na sua luz e fluidos**." Assim como a limalha do ferro, atraída pelo ímã, fica debaixo da sua ação magnética, os seres, unidos por vibrações aos Espíritos Superiores, ficam, igualmente, sob a ação de sua luz e fluidos, mas é necessário não esquecer que todos são partículas integrantes da Força Universal, e que quanto mais evoluídas forem essas partículas, maiores poderes espirituais podem ser revelados. É

o caso dos Espíritos Superiores que dispõem de Força suficientemente desenvolvida para transmitir aos semelhantes as suas vibrações benéficas, em forma de luz e fluidos.

"**Fortificando-nos para o cumprimento dos nossos deveres**." O desejo manifesto de cumprir os deveres que ao indivíduo assiste é acatado com o maior respeito pela consciência emanante, por se achar enquadrado nos dispositivos das leis naturais e imutáveis, e merecer, por isso, fraternal apoio. O empenho, que cada um deve conservar, no sentido de dar o melhor cumprimento possível aos deveres, deverá ser uma aspiração constante que se reafirma em cada irradiação proferida, e que tem o dom de fortificar o espírito na luta pela vida.

A OUTRA IRRADIAÇÃO É A SEGUINTE:

"Grande Foco! Vida do Universo! Aqui estamos a irradiar pensamentos às Forças Superiores para que a luz se faça em nosso espírito, e ele tenha a consciência dos seus erros, a fim de repará-los e evitar o mal"

"**Grande Foco, Vida do Universo!**" Esta invocação alerta o ser para a realidade do fato de que a Força Criadora também é Vida e, como tal, penetra todo o Universo; a Vida está realmente em toda parte, e aquilo a que se dá o nome de morte é, apenas, uma transformação nas condições do corpo material que passa ao domínio das leis químicas, decompondo-se, quando a força (o espírito) o deixa. Vida do Universo é, pois, uma expressão que afirma ser o Universo cheio de intensa Vida emanante do Grande Foco.

"**Para que a luz se faça em nosso espírito, e ele tenha a consciência dos seus erros, a fim de repará-los e evitar o mal**." Sabe-se que o desejado esclarecimento dá a cada um a consciência dos seus erros, das suas falhas, das suas imperfeições, como ponto de partida para a reparação dos mesmos e para evitar que eles se repitam.

Conforme se vê, as irradiações não são um agrupamento de palavras para serem repetidas maquinalmente, mas encerram um elevado sentido espiritual e concentram, em síntese, na sua essência, um resumo doutrinário, que se poderia dizer instantâneo, do Racionalismo Cristão. Não seria possível dizer mais em tão poucas palavras, para que bem possam ser conservadas na memória. Faça-se, na vida prática, o que elas indicam, e tudo irá bem. Quando as irradiações se elevam com convicção, atingem, invariavelmente, a meta, e as Forças receptoras a que são

dirigidas captam as suas ondulações, inteirando-se da marcha dos acontecimentos. Conquanto não sejam rezas nem orações, são, no entanto, manifestações de almas que se procuram corresponder, principalmente quando no desempenho de trabalhos ou missões.

Veja-se, ainda, nas Irradiações um método disciplinar de obter-se limpeza psíquica e de manter-se o espírito liberto de influências más. As suas palavras, uma vez pensadas, transformam-se em vibrações, em energia, e a energia pode ser considerada uma força em potencial. A sua aplicação se faz na consolidação das correntes fiuídicas e magnéticas que se entrelaçam umas com as outras, tanto as que se formam pela irradiação dos seres encarnados, como as que se estabelecem, nos mundos de luz, pela coordenação dos Espíritos Superiores. Ambas se atraem, se unificam para um mesmo fim, inclusive a sustentação dos princípios codificados pelo Racionalismo Cristão.

Sem necessidade de fazer nenhum apelo, formular qualquer pedido, numerosas pessoas filiadas à Doutrina, conhecedoras dos efeitos das Irradiações, têm se livrado de situações angustiantes, em momentos aflitivos, pela intervenção oportuna e imediata dos Poderes Espirituais ocultos. Não ocorre, nestes casos, nada de sobrenatural, como poderá parecer aos limitados cultivadores da fé, mas as leis da atração, movidas pela força do pensamento, em ligação permanente com as correntes do bem.

Um poderoso desejo superior que vibra em consonância com as leis do progresso, da evolução espiritual, atende aos casos em que as vibrações aspirantes se entrosam com a sua ciclagem. Quando esse fenômeno se opera, dá-se a transformação, pela ordem natural dos fatos espirituais.

Os Espíritos do Astral Superior não têm dificuldades para ajustar as suas forças pensantes às vibrações do Poder Supremo, quando fica o impossível reduzido a nada. Entretanto, essas forças pensantes são controladas pelo próprio ente das quais emanam, de maneira a não alterar a marcha normal dos acontecimentos e a lei de causa-e-efeito.

As irradiações revelam o estado da alma de cada ser, no momento em que são feitas. Todo interior da criatura é devassado, então, pela visão penetrante do Astral Superior, que dispõe da grande sabedoria que lhe permite agir, não de acordo com a vontade terrena, mas com as conveniências espirituais, que visam sempre a melhor solução.

As irradiações têm um valor inestimável. Vale a pena participar sempre delas, nas horas em que são emitidas pelas Casas Racionalistas

Cristãs. O seu uso deve ser regular, e feito com a consciência do que se está fazendo. Elas constituem elo de ligação com as Forças Superiores, e ninguém pode prescindir dessa união espiritual, se quiser vencer na Terra os obstáculos da vida material à sua evolução, como esclarece o Racionalismo Cristão.

A sua repetição, durante alguns minutos, impõe-se para permitir a fixação e coordenação dos pensamentos da coletividade envolvida, dando oportunidade ao Astral Superior de exercer uma série de atividades relacionadas com a purificação do ambiente, de maneira a se estabelecerem condições propícias ao desempenho dos trabalhos espirituais.

Conclusão

A humanidade vive em constante estado de insegurança e intranqüilidade, face aos acontecimentos de cada dia, em que a surpresa desconcertante e a dor se acham irmanadas.

Os erros, as irreflexões, os desmandos campeiam por toda parte, envolvendo uns e outros, indistintamente, em vertiginosa onda avassaladora.

Quase ninguém sabe como defender-se dos ataques que recebe, dos imprevistos que se sucedem, em circunstâncias as mais diversas, quando são atirados os indivíduos uns contra os outros, sem o menor trato de fraternidade.

A vida está sendo vivida num clima ora de angústia, ora de desespero, tais os problemas que se apresentam, da mais variada ordem e difícil solução, que envolvem, não poucas vezes, o quanto há de mais apurado pelo indivíduo.

Há necessidade de suavizar a vida, por meio de paz e tranqüilidade, a fim de que cada um possa representar o seu papel com a serenidade indispensável ao êxito.

As religiões pouco podem fazer nesse sentido, por faltar-lhes a segurança básica que só se encontra no conhecimento da verdade sobre os fatos que rodeiam a vida.

As religiões não dispõem de recursos para explicar, de maneira racional e até científica, como se processa a continuação desta vida física em plano astral, e, por isso, não podem preparar e orientar os "rebanhos", com essa finalidade.

Os requisitos que devem ser observados por quem se dispuser a seguir pelo caminho da espiritualidade estão condensados nas obras doutrinárias do Racionalismo Cristão, e merecem ser meditados.

Não há a menor intenção, ali, de impor idéias ou de fazer prosélitos. O fim único é o de esclarecer as criaturas sobre a verdade da vida, distribuindo, com generosidade, os conhecimentos dos quais está de posse o Racionalismo Cristão.

Não se espera, com isso, a menor recompensa material, e a retribuição espiritual que houver está subordinada ao dever de praticar o bem, e ajustada à lei de causa-e-efeito.

Caso não seja possível a alguém concordar, sinceramente, com tudo o que nestes estudos se apresenta, não se deverá molestar por isso, porque

é realmente difícil derruir um amontoado de conceitos e preconceitos ilusórios armazenados durante longo passado.

É sabido também que há na Terra um contingente valioso de pessoas que está aguardando contato com estudos desta natureza, para melhor se poderem firmar nas suas convicções espiritualistas.

É preciso reconhecer que a palavra escrita é meio eficaz de divulgação de idéias, e por isso aqui está este livro para apresentar uma série de estudos espiritualistas, baseados no Código de Princípios Racionalistas Cristãos.

O objetivo é o de auxiliar a evolução de cada um, de modo que ela não estacione, como pode acontecer, mas que se processe aceleradamente.

O mundo precisa passar por uma renovação de costumes, e esta só se consumará pela espiritualização das massas. Logo, a doutrina racionalista cristã sendo, como é, eminentemente espiritualista, tem de tomar parte ativa nesse movimento, e os seus dirigentes a conduzem com a mais decidida convicção de estarem operando em ótimo sentido, na direção desse objetivo.

Pode parecer, aos menos avisados, que a Doutrina Racionalista Cristã é mais uma filosofia entre tantas, mas, na realidade, ela foi estruturada pelos Espíritos do Astral Superior, que se serviram dos fundadores Luiz de Mattos e Luiz Alves Thomaz, como esteios (não médiuns) e intermediários dos seus pensamentos.

A moral cristã foi estabelecida na Terra há cerca de dois mil anos, e o que se deseja, com o maior empenho, é vê-la restabelecida no mundo, com as suas cores reais, absorvida pela maioria dos seres, se não puder ser pela totalidade.

O esforço da espiritualização precisa ser comum a todas as criaturas. Os que atingiram o esclarecimento devido, não devem faltar com a sua participação, para que outras alcancem os conhecimentos que possuem, mas sem imposição, sem nenhum ato que possa parecer impertinência.

Estas obras não podem ser distribuídas a esmo. O despertar brota espontâneo, e não se deve coagir ninguém a aceitar o que não deseja. Se a evolução não puder ser ativada com a pressa que se almeja, dê-se tempo ao tempo, sem preocupações, na certeza de que os acontecimentos do Universo estão controlados, e nenhum fato programado se consuma antes da hora.

O que não é permitido é parar, é estacionar indeciso, é apreciar, de braços cruzados, o desenrolar da vida. Urge tomar parte nela, com a

necessária e útil contribuição pessoal. Tomando-se como bússola os ensinos racionalistas cristãos, ninguém se perde ou anda às tontas, enveredando por mau caminho. Ao contrário, aproveita bem a encarnação, deixa traços construtivos na Terra, marca a sua passagem e prepara um futuro aventurado.

Vale a pena ser espiritualista, desde que se tenha renunciado aos atrativos da vida material, no sentido de não se viver para eles. Pode-se desfrutá-los, prazerosamente, sem ambicioná-los com a ardência de uma ânsia incontida. Enquanto houver ansiedade por usufruir um bem terreno, as reencarnações se sucederão, até aquele anseio ser atendido e, finalmente, superado.

As crianças sentem profundo encanto pelos brinquedos, mas quando chegam à idade adulta perdem o interesse por eles; semelhantemente, há muitos adultos que se portam como crianças, quanto ao encantamento que sentem pelas fantasiosas atrações terrenas, mas quando chegam à maturidade espiritual, deixam para trás, com indiferença, aquele prazer terreno que outrora tanto os empolgara.

Há quem pergunte: por que evoluir? A resposta pode ser dada com outras perguntas: por que nascer e viver? Por que trabalhar e sofrer? A Inteligência Universal estabeleceu a lei da evolução, com base na sua sabedoria. Todos na Terra são ainda principiantes que aprendem numa escola de recursos espirituais reduzidos, mas de acordo com a sua capacidade de apreensão. Não se pode, tão cedo, penetrar nos desígnios do absoluto, quando vivemos num meio de relatividades. Trate-se de aprender o que está ao alcance das suas possibilidades, sem querer penetrar, profundamente, no oceano de conhecimentos que somente poderão ser concebidos pelos habitantes da Terra, daqui a milhares de anos, contando-se com a marcha segura de evolução.

A Terra é uma escola que oferece um mundo de ensinamentos. Há muito que aprender diariamente. O importante é reconhecer essa verdade, e dispor-se a tirar todo o proveito possível das lições postas à sua frente. Com todo o sofrimento que existe, pode-se considerar um privilégio estar o indivíduo encarnado, porque fora daqui, no seu plano de luz, não encontra os meios de evoluir que nesta esfera estão à sua disposição.

Evoluir, este é o tema que a todos deve absorver, mas evoluir espiritualmente, porque assim o exige a lei Universal. Os que quiserem seguir as normas aqui contidas poderão estar seguros de que hão de evoluir. Postas em prática, em cada dia, estas diretrizes, ficarão

asseguradas as credenciais que permitirão acesso ao plano acima daquele, do qual se saiu para reencarnar.

A maior ventura, o mais glorioso prêmio que uma alma pode receber, é poder passar para o plano superior e seqüente de evolução. Nessa hora de maior iluminação para o espírito, ele bendirá as agruras sofridas no mundo Terra, suportadas com estoicismo, sem perder a linha moral que lhe dera a grande recompensa de poder viver, daí por diante, num meio de maior beleza e suavidade, de maior encantamento e sedução, experimentando a felicidade espiritual nos seus acordes mais delicados.

Eis o que deseja o Racionalismo Cristão a todos os seus estudantes, afiançando-lhes que com essa meta hão de alcançar, se prosseguirem, sem esmorecimento, pelo caminho da espiritualidade, a felicidade que almejam.

O patrimônio espiritual que se pode manter num mesmo nível, se não houver esforço para aumentá-lo, também não pode decrescer. A conquista obtida em favor da evolução não só será eterna, como constitui capital para maior enriquecimento. Quanto maior for o acervo espiritual obtido, tanto melhores serão as condições de vida, não só em plano astral, como no planeta, na hipótese de ter de voltar à Terra a criatura para tomar novo corpo físico.

Só por ignorância do que seja a vida a criatura deixa de aumentar uma riqueza eterna para, com prejuízo próprio, atirar-se avidamente à riqueza terrena efêmera, ilusória e traiçoeira. O mundo é um campo de experiências, de provas, em que as almas, são exercitadas. Aquelas que forem ricas em espiritualidade, sobressaem-se entre as demais, deixando, na Terra, os traços de sua passagem, e os seus exemplos são rememorados para a edificação de muitos.

Os que se aproximarem do Racionalismo Cristão não devem deixar passar a oportunidade que se lhes oferece, que pode não voltar tão cedo. Procurem tirar dele o máximo de esclarecimento, e transformem seus ensinos em cabedal útil, de aplicação diária. Este estudo oferece uma oportunidade de ordem expressa; ele traz uma mensagem de afeto para os seus leitores; as palavras nele escritas são amigas, conselheiras, alertadoras e sugestivas, além de sementes que procuram terra fértil para medrar.

"A Felicidade Existe" não é romance que uma vez lido vá para a estante e lá permaneça, adormecido. Este trabalho convém seja relido e meditado para útil reexame, focalizando-se, de cada vez, os assuntos que estiverem mais relacionados com os problemas do presente. Não se espera

que diga tudo o que convém saber sobre o caso particular, mas abre a porta para o entendimento, para a revelação superior, para o desdobramento do raciocínio.

Oxalá que maior número de estudiosos encontre, neste texto, repasto espiritual para as suas almas sequiosas de aprender, de desvendar a verdade porventura oculta, com aquele desejo sadio de tornar-se melhor.

Milhares são já os indivíduos que não suportam as vistas estreitas das escolas sectaristas, e querem, ardentemente, conhecer o lado real da vida, sem o véu que encobre a verdade. Para esses, os ensinos Racionalistas Cristãos vêm a calhar, por satisfazerem a sua ansiedade, nortear o seu caminho e firmarem as suas normas de proceder para alcançar a verdadeira fortuna eterna que os espera.

Sabe-se, portanto, que as fileiras serão engrossadas no caminho da espiritualidade, pelos novos adesistas à causa do bem, que sinceramente se coloquem ao lado daqueles que por ali prosseguem, firmes nos seus propósitos, bem orientados nas suas disposições e regozijantes por se sentirem iluminados pela luz do Grande Foco, que os conduzirá, triunfantemente, ao ancoradouro da vitória.